

A cerca urbana na cidade contemporânea

Projeto de reinterpretação do sistema muralhado e das portas de Mértola

Ana Margarida Figueiredo Pais

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura

sob a orientação do Professor Doutor Paulo Providência

Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

Departamento de Arquitetura, FCTUC, Fevereiro de 2018



A cerca urbana na cidade contemporânea

Projeto de reinterpretação do sistema muralhado e das portas de Mértola

As citações transcritas em português que são referentes a edições de língua não portuguesa foram sujeitas a uma tradução de responsabilidade da autora. A presente dissertação segue o Novo Acordo Ortográfico da língua Portuguesa e as normas de estilo Chicago para a referência bibliográfica. O símbolo "☞" indica que existe conteúdo na parte posterior da página.

Agradeço sinceramente a todos os que me acompanharam neste percurso, tanto acadêmico como pessoal,

ao Professor Doutor Paulo Providência, pela orientação e atenção dedicada,

aos meus amigos, pelo apoio e aventuras,

ao meu namorado, pela companhia e carinho,

à minha família, pelo amor,

ao meu irmão

e aos meus pais,

a quem dedico este trabalho.

Resumo

O tempo, como condicionante e testemunho do Homem, torna-se, cada vez mais, num elemento pertencente, apesar de dissimulado, no processo de projeto. Este demonstra-se através de marcas no edificado, onde a arquitetura se transforma numa evidência e prova da sua mutação e constante evolução.

Essa dicotomia, que será retratada como base de todo um processo projetual, integra-se num espaço urbano de estudo, a vila de Mértola, situada no Baixo Alentejo. Assim, os seus elementos defensivos, a muralha e as suas portas, como objetos arquitetónicos de controlo sobre a vila, assumem um valor simbólico, noutros tempos divino, abordados como base de um projeto de reinterpretação crítica.

Inicialmente, será feita uma análise no contexto territorial da vila de Mértola, da sua arquitetura defensiva e da sua importância no contexto nacional. Numa segunda fase, será feita uma investigação da cerca urbana e dos seus componentes relevantes, tendo em conta a sua génese, datação e intervenções, tais como da DGEMN (Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais). Por fim, uma reinterpretação, baseada na análise anterior, será proposta com base nos conceitos atribuídos ao estudo de casos, tais como forma, função e materialidade, com o intuito de reintegrar a vila histórica na vila contemporânea.

Palavras-chave: Arquitetura fortificada, cerca urbana, portas urbanas, reconstrução crítica.

Abstract

The time, as man's testimony and etching, becomes increasingly an element that belongs, though concealed, in the process of architectural project. This is demonstrated through marks on buildings where the architecture becomes an evidence and proof of its evolution.

This dichotomy, which is depicted as the basis of an entire project process, integrates in an urban village called Mértola, situated in Baixo Alentejo. Thus, their defensive elements, the urban wall and its gates, as architectural objects of control over the city, assume a symbolic value, in other times divine, covered as the basis of a critical reinterpretation project.

Initially, an analysis will be made in the territorial context of Mértola, its defensive architecture structure and its importance on nacional context. In a second phase, an investigation will be made about the urban space and its relevant components, regarding its genesis, dating and its interventions, such as by DGEMN (Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais). Finally, a reinterpretation, based on the previous analysis, will be proposed resting on the concepts assigned to the study cases, such as form, function and materiality, in order to reinstate the historic village on the contemporary village.

Keywords: Fortified Architecture, urban wall, urban gates, critical reconstruction.

SUMÁRIO

3 Introdução

MÉRTOLA

13 Caracterização da evolução histórica

33 O limite muralhado da urbe

33 Estudo da cerca muralhada

Evolução histórica e intervenção da DGEMN.

57 Estudo das portas da muralha

Porta da Vila, Porta da Ribeira, Porta do Buraco e Porta da Traição.

73 Projeto

Estratégia urbana. Forma. Função. Materialidade.

95 Notas conclusivas

99 Bibliografia

117 Fonte das imagens

123 Desenhos

147 Fotografias das maquetes

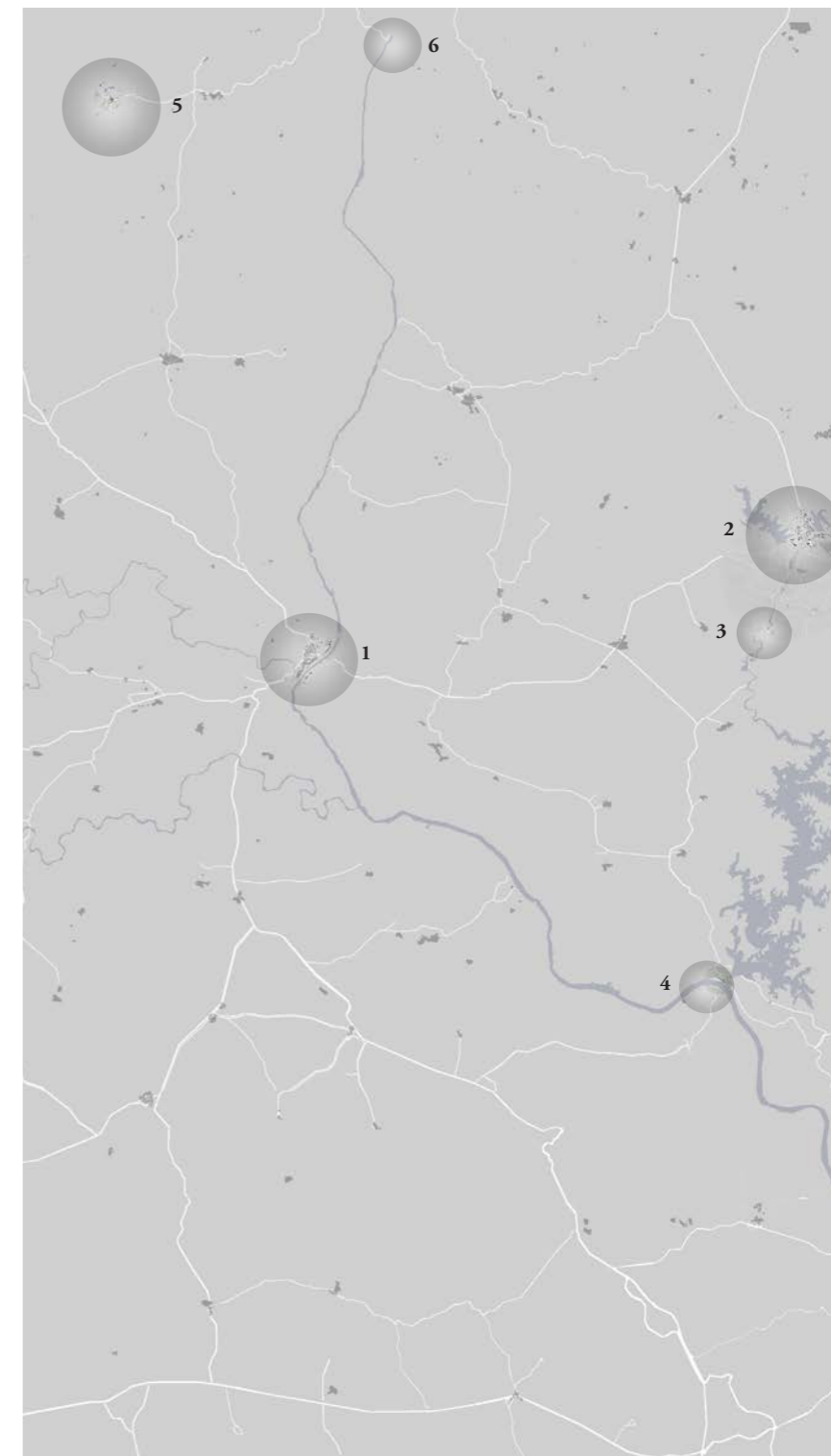


Fig. 1- Planta geral de intervenção.

1. Mértola 2. Mina de S. Domingos 3. Achada do Gamo 4. Pomarão 5. Mosteiro 6. Pulo do Lobo

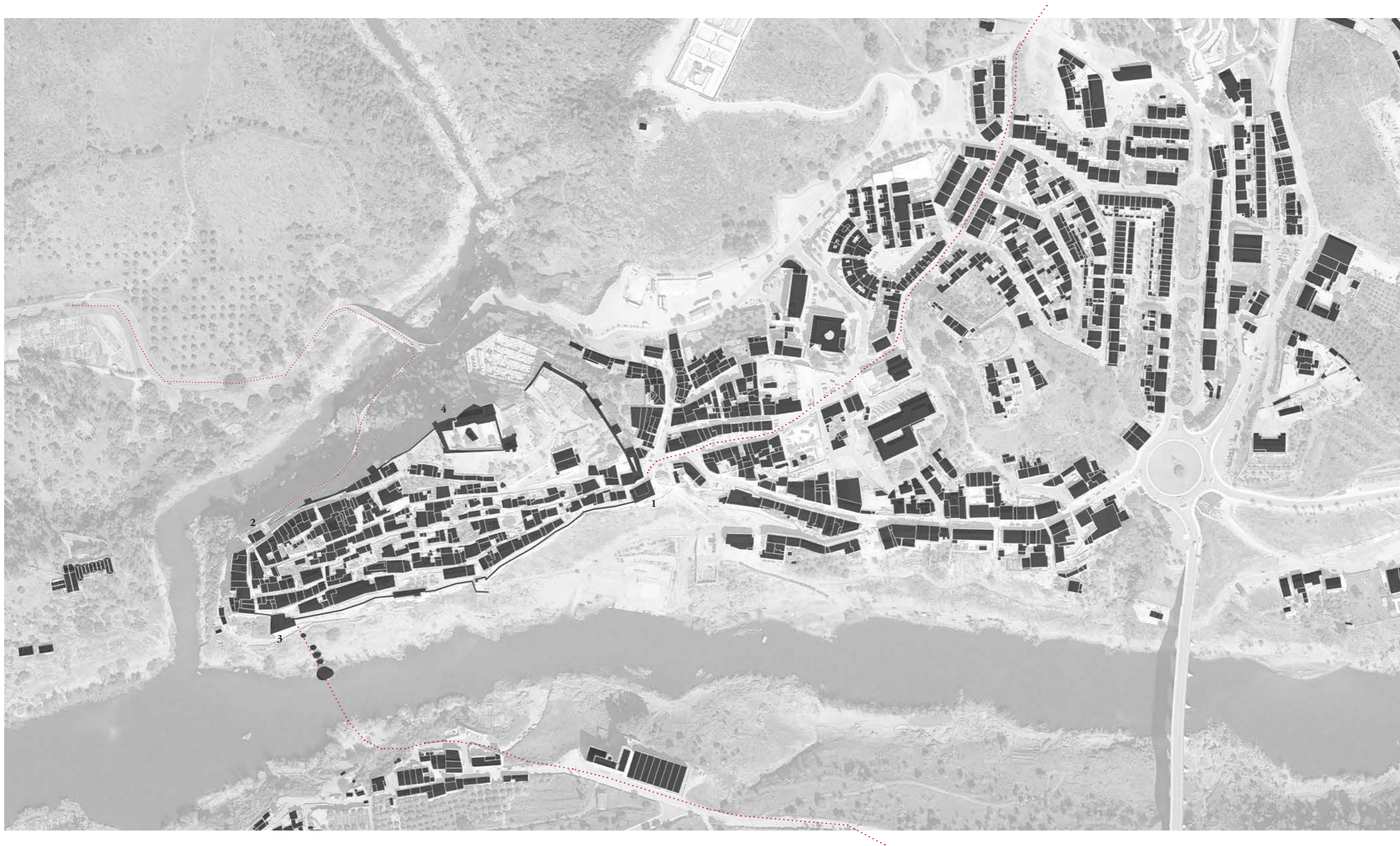


Fig. 2- Planta da área de intervenção, em Mértola.
1. Porta da Vila 2. Porta do Buraco 3. Porta da Ribeira 4. Porta da Traição

Introdução

É a partir da forma que a arquitetura ganha sentido. A forma composta pela contradição, sendo essa gerada pela massa e pela subtração da massa, do positivo e do negativo. São esses polos opostos que criam momentos na arquitetura. Aqui, a massa surge como o sistema muralhado da cidade de Mértola e as suas portas como a negação dessa massa.

No âmbito da disciplina de Atelier de Projeto II, cujo tema aborda questões práticas e teóricas da arquitetura na sua relação com a memória, é pretendida uma relação, através do desenho do projeto, entre duas disciplinas que se confrontam diariamente, a arquitetura e a arqueologia. Com esta base, foi proposta a análise e interpretação do sistema muralhado de Mértola e de todos os elementos que o integram, tema esse que serviu de mote para esta dissertação.

A presente dissertação pretende, portanto, reinterpretar as portas da muralha de Mértola e reintegrá-las na complexidade espacial do sistema urbano atual. Este tópico tem sido relevante na arquitetura, através do seu impacto na paisagem urbana e das ligações cruciais da mesma com o espaço e com o indivíduo. São exemplos as portas de Brandemburgo, em Berlim; as portas de Roma, tais como a de Popolo, a de São Paulo e a Prenestina, que apesar de preservarem, em grande medida, as suas características principais ainda marcam a cidade contemporânea; a porta da vila de Óbidos, que ainda hoje serve de entrada principal para a vila; ou, então, aquelas que outrora foram portas de entrada e agora se encontram camufladas no espaço urbano, como por exemplo o arco de Almedina, em Coimbra.

Assim, Mértola serviu como estudo para o projeto e a reinterpretação dos seus elementos defensivos como processo projetual. Estes elementos, submetidos a constantes transformações e intervenções ao longo de séculos, tanto pelos povos como por instituições, tais como a DGEMN, caracterizam-se pela sua complexidade. A constante adaptação desses espaços permitiu o seu não desaparecimento. No entanto, como um dos principais agentes, a DGEMN valorizou e preservou este perímetro, sendo que permitiu a chegada, quase na íntegra, dos mesmos até aos dias de hoje.

Portanto, a proposta passa por não só conservar a morfologia da estrutura defensiva, como também por propor uma reinterpretação dos elementos perdidos pelo tempo e pela ação do Homem. Neste sentido, visto que a mesma se vai perdendo, devido à perda das suas funções militares, torna-se importante agir perante este património, integrando-o no espaço contemporâneo. A interação destas realidades serve como objeto de desenho, onde se criam espaços gerados pelos vazios, e se criam novos programas para o objeto de estudo, *Mértola*.

A estrutura desta dissertação encontra-se tripartida. Numa primeira parte, a *Caracterização*, abordará as características da vila estudada, Mértola, nos termos geomorfológicos, os seus antecedentes históricos e os respetivos componentes das épocas especificadas. A complexidade da vila é demonstrada através da constante readaptação dos espaços conforme as necessidades das diferentes épocas. Para além da análise de fontes bibliográficas relativas a Mértola, também foi crucial abranger áreas como a de arqueologia, como disciplina estudada em paralelo do processo de projeto, para a compreensão dos diversos vestígios e evoluções propostas para a vila.

Numa segunda parte, *O limite muralhado da urbe*, foram analisadas as evoluções e transformações do sistema defensivo da vila de Mértola, subdividida em dois: o *estudo da cerca muralhada* e o *estudo das portas da muralha*, onde se procura desenvolver um desenho interpretativo das constantes transformações a que foram sujeitos.

O *estudo da cerca muralhada* retrata as diversas transformações da mesma, maioritariamente por ação da DGEMN e procura datar as cortinas norte, oeste e este, excluindo em parte o pano sul do qual poucos dados existem, devido à sobrecarga de construção moderna.

Por outro lado, o *estudo das portas da muralha* refere-se à análise das quatro portas existentes em Mértola: a Porta da Vila, a Porta da Ribeira, a Porta do Buraco e a Porta da Traição. Aqui

também são analisadas as modificações das portas e o impacto das mesmas no espaço envolvente e, ainda, a ação da DGEMN nas mesmas. Para além deste estudo, um mapa tipológico de portas é desenvolvido de modo a investigar as diferentes fases e as possíveis reinterpretações das principais entradas da cidade.

A intenção deste estudo pretende interpretar as ações da DGEMN, a sua datação e ainda tipologias e métodos de reinterpretação de elementos históricos, a partir do projeto arquitetónico. Toda a documentação textual da DGEMN e bibliografia relacionada com as descobertas arqueológicas e informação histórica dos mesmos foram referenciadas como base nesta investigação.

Por último, o *Projeto*, procura propor uma reinterpretação do espaço histórico no contexto contemporâneo, sem perder as características inerentes à sua arquitetura. Conceitos como a estratégia urbana, a forma, a função, a materialidade são abordados para a explicação do projeto com estudos de maquetes, fotografias, esboços, estudo de casos, uma visita de estudo e desenhos de interpretação das diversas tipologias.

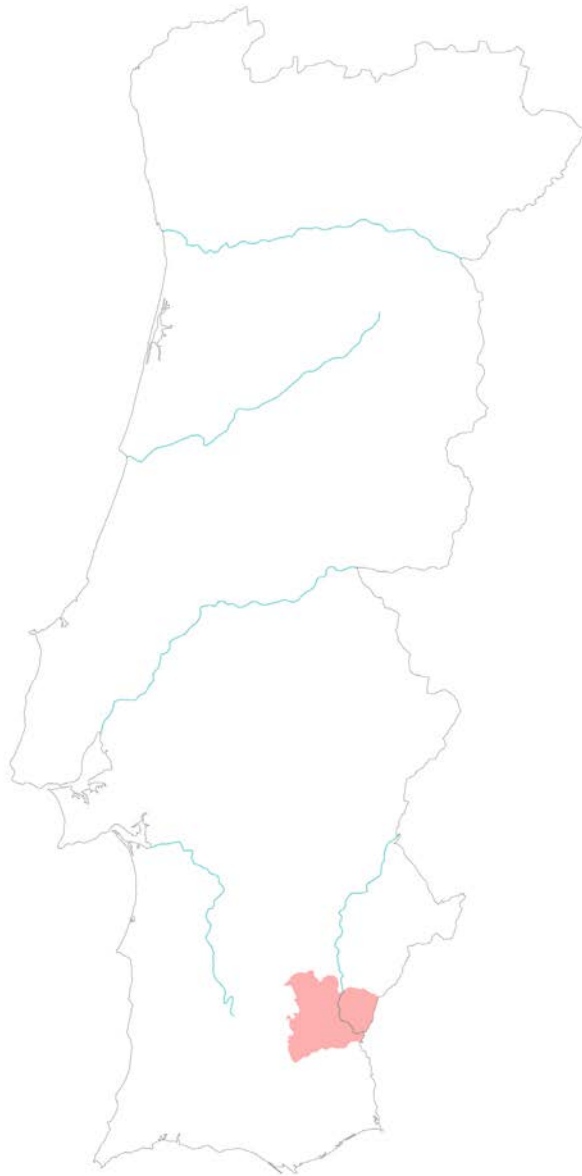
No caso da *forma*, em Ljubljana, cidade romana na Eslovénia, Jože Plečnik, em 1930, aborda a forma da muralha romana da cidade numa vertente simbólica. Para além de redesenhar e preservar a cerca urbana de Emona, Plečnik conferiu uma nova imagem da mesma, com a reinterpretação das antigas entradas da cidade, caracterizadas pela sua expressividade. Assim sendo, o projeto inclui um parque natural, no interior da cerca romana, onde os elementos arqueológicos descobertos ao longo do tempo se encontram expostos.

Tendo em conta a *função*, a Restituzione del Bellveret di Xátiva em Espanha, projeto de Giorgio Grassi em 1983, pretende devolver o limite e escala, embora parcial, da muralha islâmica e dos seus contrafortes e também propor uma nova adaptação ao espaço contemporâneo, com os programas de museu e de cafetaria.

Por fim, a *materialidade* resulta de uma visita a Roma, onde a procura de texturas e materiais distintos servem como inspiração. O confronto entre estes materiais é retratado a partir da fotografia, servindo como referência para o projeto apresentado.

A *cerca urbana na cidade contemporânea* propõe, então, um projeto de reinterpretação do sistema muralhado e das portas de Mértola, com o intuito de preservar e devolver a imagem defensiva, mas também de criar novas relações, incluindo usos pedagógicos e turísticos, de

modo a contribuir para o enriquecimento humano (económico, social, cultural) de Mértola. Esta necessidade de integrar a cidade histórica foi adotada pela UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization) em 2011, com a abordagem das HUL (Historic Urban Landscape). A cidade era, por isso, vista como um organismo, onde se preservava o ambiente humano, tanto a sua vertente material como a imaterial.



MÉRTOLA

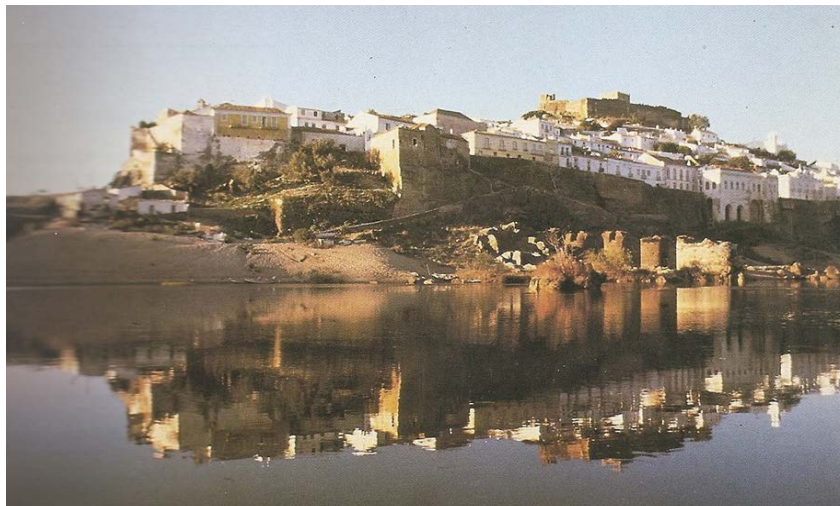
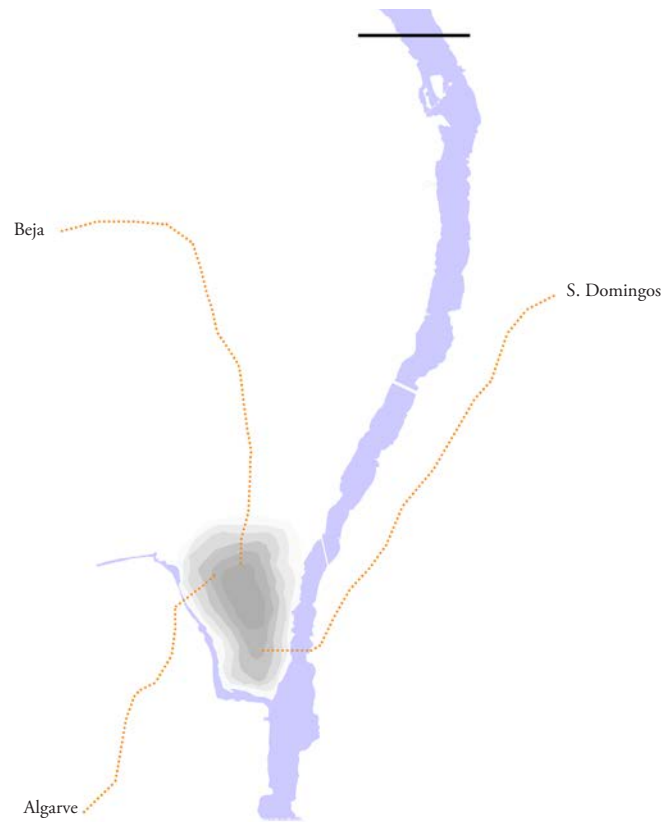


Fig. 3- Esquema do surgimento de Mértola.

Fig. 4- Vista geral de Mértola.

Caracterização

Integrada na zona sul do território português, conhecida como Portugal Mediterrâneo¹, a Vila de Mértola faz parte - tal como Beja, Serpa, Aljustrel, Moura, entre outras cidades - do Baixo Alentejo.

Mértola, cidade à margem do rio Guadiana (a nascente) e da ribeira de Oeiras (a ponte), surge num elevado e rochoso esporão, tal como as cidades islâmicas da Península Ibérica de Ronda e Albarracín², cuja posição estratégica no território determinou, desde os “*inícios do século II a.C. até ao século VIII*”³, a sua importância no contexto nacional. Associada a uma zona relevante de atividade mineira, por ser dotada de um “*substrato xistoso, cortado por vezes por serras quartzíticas*”⁴ - como é o caso de Alcaria Ruiva e Alvares⁵ - enquadra-se no panorama geral da Faixa Piritosa Ibérica, “*a mais rica região de exploração de metais básicos da Europa*”⁶, assim como Alcácer do Sal e Sevilha.

É a partir do rio Guadiana que nasce Mértola (fig. 3). Como espinha dorsal deste território, o Guadiana, devido ao seu limite de navegabilidade, permitiu a criação de um ponto estratégico de controlo e proteção, Mértola, confluindo, assim, com um regime de importantes polos, neste caso terrestres, tais como Beja e Mérida. (fig. 4) Como cidade que subsistia da

1 Orlando Ribeiro, geógrafo, primeiro a falar deste tema em *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, em 1945.

2 MAZZOLI-GUINTARD, Christine, 1996, p.51.

3 LOPES, Virgílio, 2014, p.29.

4 LUÍS, Luís Simões, 2000, p.46.

5 VARANDA, Fernando, 2006, p.10.

6 Oliveira e Oliveira, 1996, p.10, *apud* LUÍS, Luís Simões, 2000, p.46.

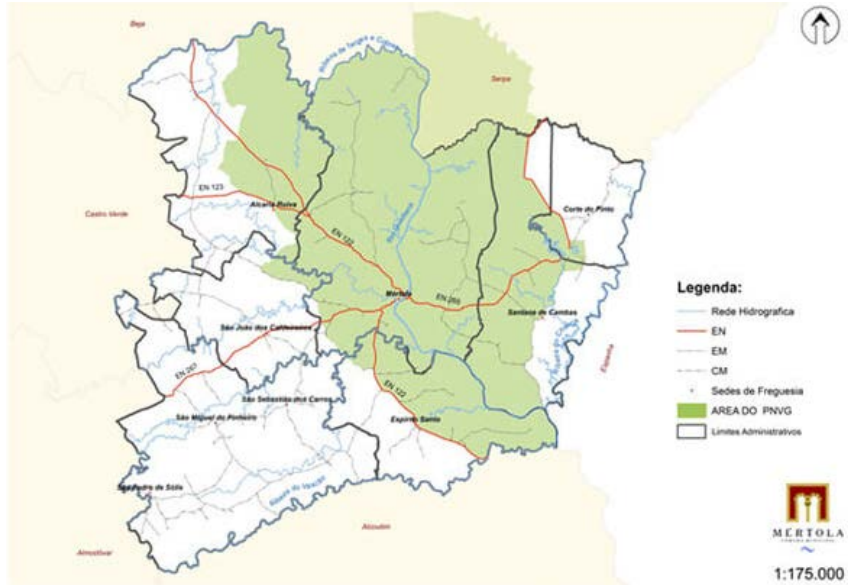


Fig. 5- Delimitação do concelho de Mértola.

Fig. 6- O pulo do Lobo.

atividade mineira, outro grande eixo interligava a vila às minas de S.Domingos⁷. Assim sendo, a convergência de importantes vias, tanto navegáveis como terrestres, tornou Mértola um entreposto mercantil e social, sendo esta uma importante via de articulação com a zona do Algarve e com o extremo oeste de Espanha/Lusitânia.

Como concelho limitador do território do Baixo Alentejo, e com uma extensão de 1279 km²⁸, a Vila de Mértola é delimitada por Beja e Serpa a norte, Castro Verde e Almodôvar a oeste, Alcoutim a sul e com a província Espanhola de Huelva a este.⁹ No entanto, apesar destes limites não terem sido sempre os mesmos, visto que na Idade Média o território seria maior, foi no foral de 1239¹⁰ que os mesmos foram definidos, “*data imediatamente posterior à reconquista da cidade.*”¹¹. Portanto, a sul terá sido delimitado pela ribeira de Vascão, a oeste pelas matas de Almodôvar, a norte pelas ribeiras de Cobres e Terges, Serpa e a este por Alfajar de Peña e Ayamonte.¹² (fig. 5)

Depois do Vau da Pedra, esta vila destaca-se pela sua imponente presença, assim como Coimbra, Silves e Sines¹³, e também pela sua cénica elevação territorial, o que confere excelentes condições defensivas naturais. Também, o facto de “*ser o ponto extremo da navegabilidade do rio Guadiana*”¹⁴ onde o Pulo do Lobo (fig. 6), acidente geológico com uma altura de quinze metros¹⁵, “*pouco a montante (...) toda a navegação é impraticável*”¹⁶, torna-a, assim, um ponto geográfico relevante para todo o território português e o mediterrâneo, sendo que, aqui “*convergiam os caminhos do interior vindos dos centros mineiros de Aljustrel e S. Domingos e também das terras férteis de bom pão de Beja, Serpa e Moura.*”¹⁷. Assim, ainda é atribuída à cidade características naturais de uma península¹⁸ onde se encontra uma fortificação do século XIII, situada na zona nordeste, com altitude máxima de 86 metros.

Autores como Pompónio Mela, com a sua análise geográfica em *De Chorographia*, atribui a Mértola o cognome de *Júlia* e faz alusão ao seu “*posicionamento geográfico, reportando-o sempre*

7 LOPES, Virgílio, 2014, p.37.

8 PALMA, Maria de Fátima, 2012, p.15.

9 *Ibidem*, p.16.

10 Foral de 1239 em MACIAS, Santiago, 2005, Vol. III, p.164 e em VEIGA, Estácio da, 1983, pp.177-178.

11 MACIAS, Santiago, 1996, p.18.

12 *Ibidem*, pp.18-19.

13 LOPES, Virgílio, 2014, p.106.

14 *Idem*, 2009, p.31.

15 PALMA, Maria de Fátima, 2012, p.15.

16 VEIGA, Estácio da, 1983, p.124.

17 TORRES, Cláudio, *et al.*, 2014.

18 GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *et al.*, 2016, p.183.



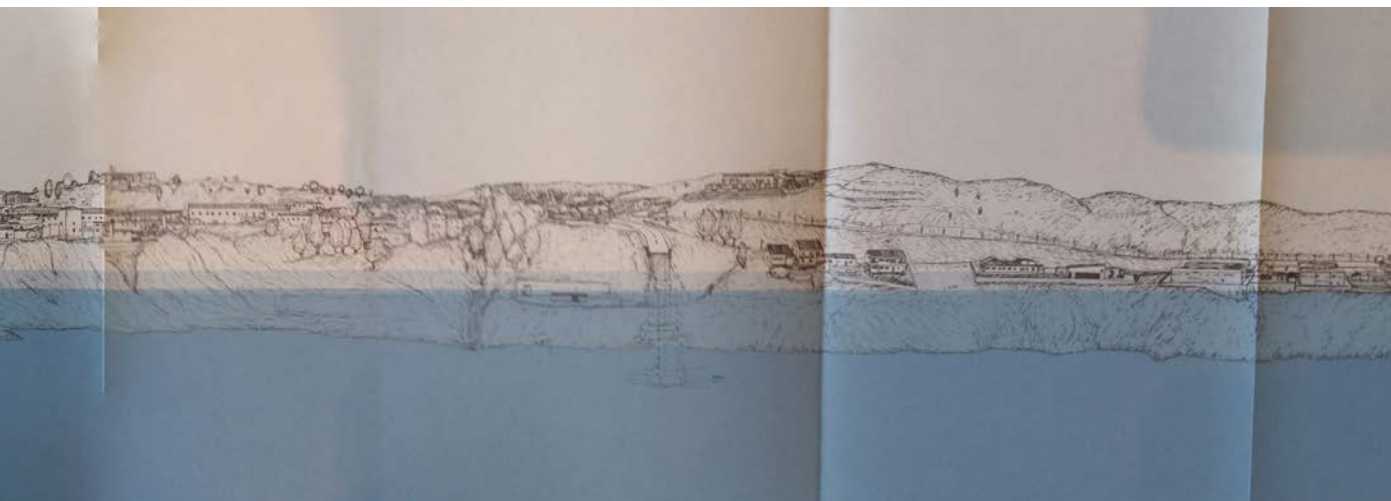
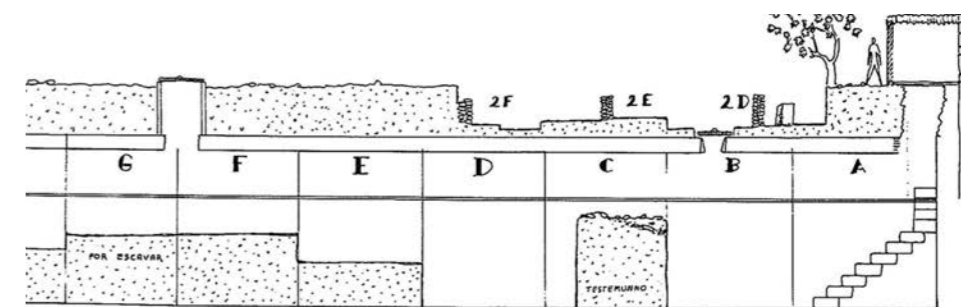


Fig. 7- Ilustração do alçado este com a cota de cheias de 1876.



IMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA
ILARIA ▲ CORTE E-W
MAYO DE 1980
IC. 1: 100

Fig. 8- Escavações arqueológicas na zona da alcáçova, mais precisamente no criptopórtico.



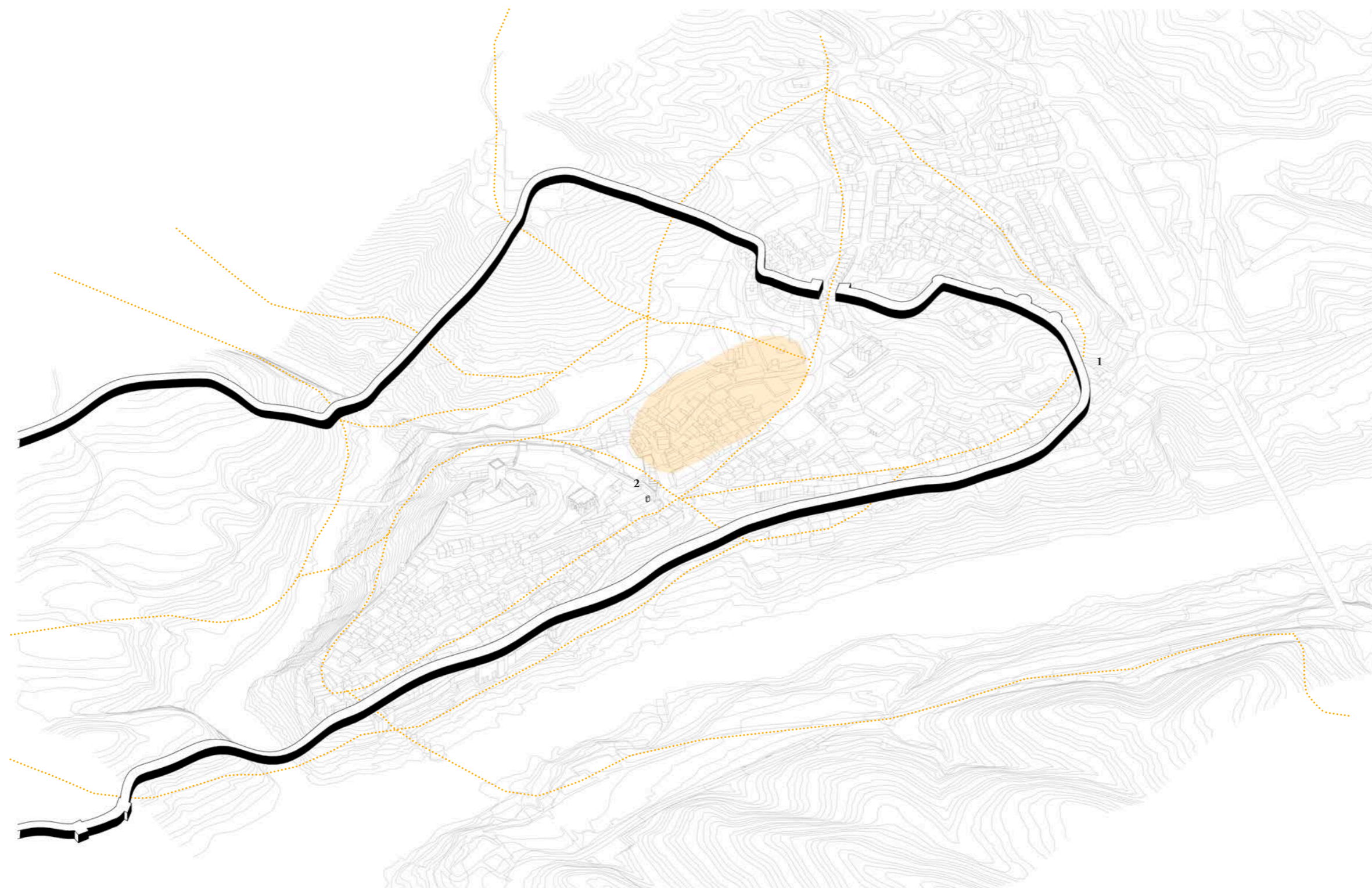


Fig. 9- Axonometria marcada pelos elementos da época pré-romana.
1. Muralha da Idade do Ferro 2. 2ª linha de muralha
••••• Vias de acesso ■ Necrópoles

à Lusitânia¹⁹, cuja referência foi retomada, mais tarde, por Plínio, o Velho, em *Naturalis Historia*. Estes dois autores são exemplo para outros vindouros, entre eles o geógrafo islâmico *Al-Idrisi* que destaca as qualidades defensivas da Vila²⁰.

No entanto, apesar de escassas as fontes escritas acerca do sistema muralhado urbano e da respetiva morfologia, o autor renascentista de *De Antiquitatibus Lusitaniae*²¹, André Resende, menciona a técnica construtiva no sistema defensiva onde os “*Godos e mouros*” reaproveitaram “*cipos, colunas e estátuas (...) para reparar as muralhas em vez de pedra de alvenaria.*”²².

Embora essa falta de informação não permita a caracterização exata da cidade e das suas respetivas e constantes ocupações, é a partir das intervenções arqueológicas que se começam a retirar algumas conclusões. Dessas, a mais importante e a que impulsionou diversos estudos em Mértola deve-se a Estácio da Veiga, chamado pela portaria governamental em finais de 1877, proveniente de vestígios arqueológicos na zona do rio Guadiana postos a descoberto pelas cheias em 1876 (fig. 7). A sua análise resulta no livro *Memória das Antiguidades de Mértola*, onde alude as épocas de determinados vestígios e interpreta-os no seu contexto, sendo que este impulsionou uma nova era de interesse arqueológico nesta mesma zona.

“*Ao longo do século XX, e até 1978, as intervenções arqueológicas efetuadas em Mértola e nas suas imediações foram apenas pontuais*”²³ sendo esse último ano, 1978, a data de início das escavações na zona da alcáçova (fig. 8) levadas a cabo por Cláudio Torres, a convite do presidente da Câmara Municipal dessa altura, Serrão Martins, seu aluno, integrando atualmente o CAM (Campo Arqueológico de Mértola). Também Leite de Vasconcelos, Abel Viana, Luís Alves e Delgado Alves abordaram o importante espólio arqueológico, cada qual incidindo em épocas específicas.

Época Pré-Romana (séc. III a.C.- séc. I a.C.)

Diversos são os cognomes atribuídos à pequena vila. Desde *Nova Tyro*, por influência dos cartagineses, a *Mare Myrtoum*, de origem grega, a *Myrtus*, de origem latina²⁴, que se torna complicada a tarefa de definir um título, prova disso é a escassez de informação arqueológica da época pré-romana. No entanto e apesar de todas as influências antigas, toda a sua

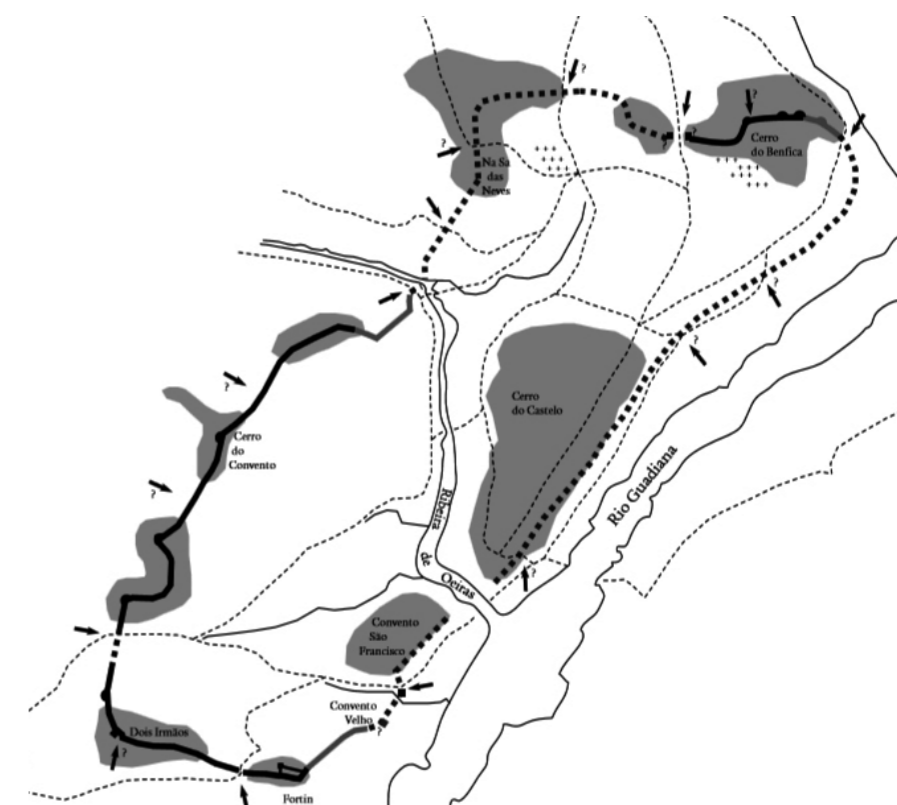


Fig. 10- Cerca urbana da Idade do Ferro, segundo Virgílio Lopes e David Hourcade.

19 MACIAS, Santiago, 1996, p.17.

20 *Al-Idrisi*, 1969, p.217, *apud* GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *et al.*, 2009, p.409.

21 RESENDE, André, 2009.

22 *Ibidem*, p.310.

23 MACIAS, Santiago, 1996, p.20.

24 VEIGA, Estácio da, 1983, p.48.



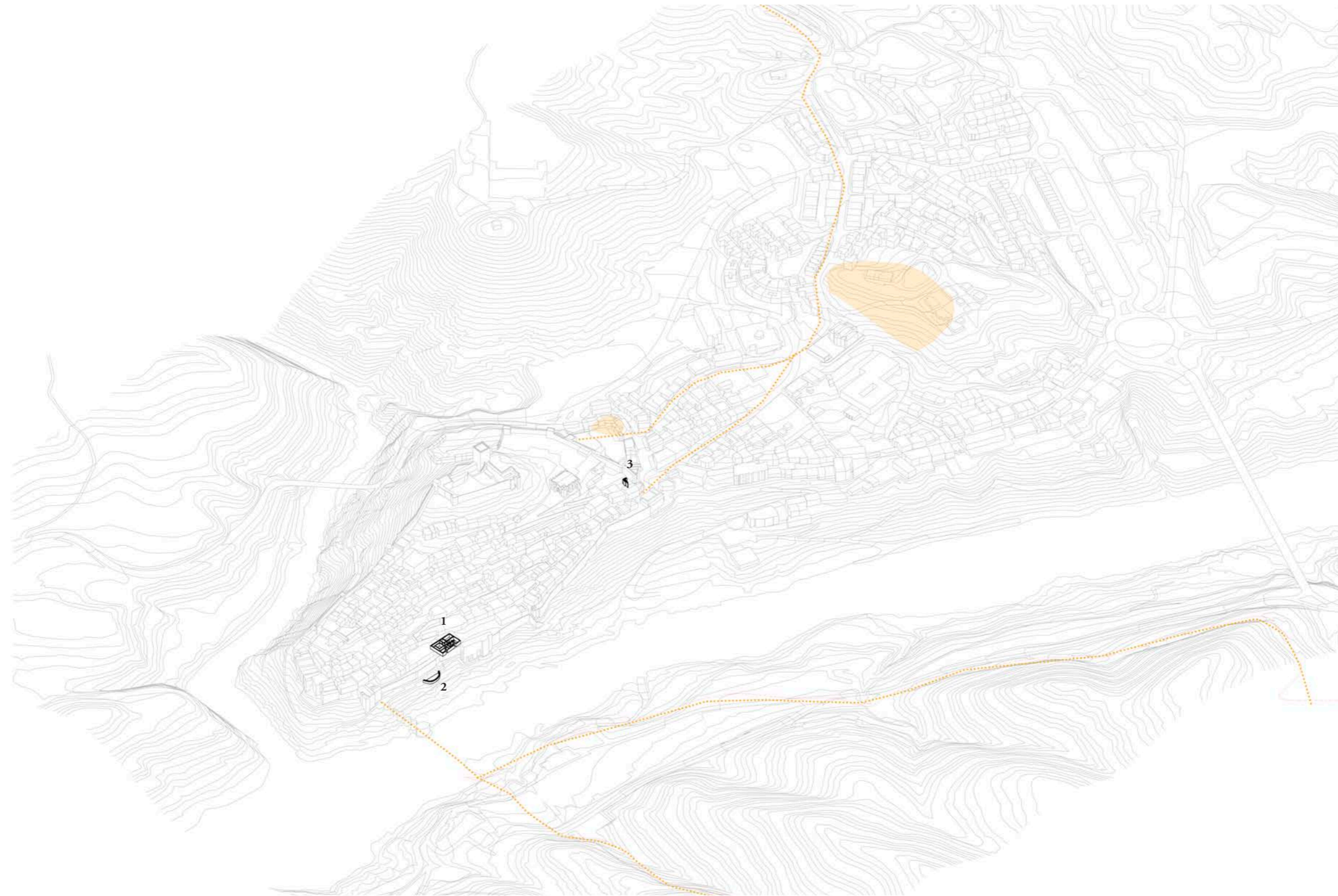


Fig. 11- Axonometria marcada pelos elementos da época romana.
1. Casa Romana 2. Torre semicircular 3. 2ª linha de muralha
..... Vias de acesso ■ Necrópoles

importância remonta para o século I a.C. com espólio cerâmico oriundo da Grécia, demonstrando, assim, a sua ligação com o mundo oriental e o seu poder a nível internacional.²⁵

Associado ao seu notável posicionamento, surgem os termos *castro* - com funções puramente militares - e *citânia* - com a adição de uma população fixa²⁶ - mas, não só sobrevivendo dessa característica, cidades como Titelberg e Huelva são exemplos de castros que perduram devido às suas jazidas mineiras²⁷.

A sua origem, segundo o autor Armando Silva, deve-se, em parte, às “*deslocações regionais e migrações internas por parte dos povos Túrdulos ou Turdetanos*.”²⁸. Embora fora do seu contexto espacial, apenas fragmentos de objetos foram encontrados e depositados no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa, continuando, assim, descontextualizados. “*Alguns dos mais importantes vestígios de Mértola pré-romana são precisamente vestígios de necrópoles*”²⁹, estando uma localizada no Rossio do Carmo.

Para além das necrópoles, aflorou da Idade do Ferro, dos sécs. IV-III a.C.³⁰, nas sondagens arqueológicas de 1988 dirigidas por Virgílio Lopes e David Hourcade (fig. 10), uma cerca urbana que percorria desde a zona norte de Mértola - cerro do Benfica - pelas colinas sobranceiras até ao limite sul do Convento de S. Francisco, perfazendo uma extensão de 4km³¹. Para além da muralha, os dados arqueológicos remetem para um povoado nas redondezas do séc. III a.C. da Idade do Ferro.³²

Época Romana (finais do séc. III a.C.- séc. II)

Myrtilis, designação dada pelos romanos, desde o início do séc. II a.C., surge, segundo Estácio da Veiga, por coincidência ou aproximação de distâncias, no Itinerário de Antonino - *Itinerarium Antonini Augusti* - que ligava Castro Marim (*Baesuri*) a Beja (*Pax Iulia*)³³. Como afirma Luís Simões Luís, este percurso seria contraditório com o de Plínio e de Pompónio Mela.³⁴

Ao posicionar-se num ponto estratégico, de limite/extremo/fronteira entre a Bética e Lusitânia,

25 LOPES, Virgílio, 2014, p.25.

26 Mário Cardoso, 1962, p.17, *apud* SAMPAYO, Mafalda Gambutas, 2002, p.47.

27 Vasco Gil Mantas, 1987, p.17, *apud* SAMPAYO, Mafalda Gambutas, 2002, p.48.

28 A sua implantação deu-se no séc. VI a.C.. SILVA, Armando Coelho, 1990, p.289.

29 LUÍS, Luís Simões, 2000, p.48.

30 LOPES, Virgílio e HOURCADE, David, 2001, p.209.

31 *Ibidem*.

32 MACIAS, Santiago, 2005, p.185.

33 De acordo com *viasromanas.pt* pertence ao Itinerário XXII.

34 LUÍS, Luís Simões, 2000, p.58.



Fig. 12- Criptopórtico.





Fig. 13- Axonometria marcada pelos elementos antiguidade tardia.
1. Basílica paleocristã 2. Criptopórtico 3. Complexo religioso 4. Couraça
Necrópoles

com uma organização espacial adaptada ao terreno de influência mediterrânica, ainda somava a ligação de “dois dos principais oppida de então: Salácia (Alcácer do Sal) e Olisipo (Lisboa).”³⁵. Estas características naturais, admitidas pelos diversos povos, levam a crer que esta seria uma “base de operações.”³⁶. Assim sendo, esta foi atribuída com o título de *Latium vetus*, por Plínio e o de capital de *civitas*, também atribuído a *Pax Iulia*.³⁷

Relativamente à época romana, as evidências arquitetónicas encontradas incluem a Casa Romana, do séc. I - escavada nos anos 80 pelo CAM, no subsolo da atual Câmara Municipal - as necrópoles - da Achada S. Sebastião e da rua Alves Redol - troços de muralha com o respetivo torreão nas traseiras da Biblioteca Municipal e, por fim, um dos mais importantes pelo seu carácter espacial, o fórum - centro cívico da cidade. Este último, segundo diversos autores encontrar-se-ia na zona da alcáçova sobre o criptopórtico. De acordo com Luís Simões Luís, este poderia ter sido também uma reconstrução de um fórum preexistente³⁸, desenvolvendo-se em duas plataformas de diferentes cotas como acontece em “*Munigua, Tarraco, Bilbilis*”³⁹ e em Mérida (*Emerita Augusta*). No entanto, novos achados arqueológicos revelaram a existência de togados na Casa Cor-de-Rosa, de grande escala, levando a considerar a existência do fórum nessa área e não na encosta do castelo, como retrata a ilustração de Carlos Alves.⁴⁰

De modo a vencer a pendente do terreno da zona do castelo é, então, criado um sistema de duas muralhas paralelas, a poente, anteriores ao séc. IV, e um criptopórtico do período tardo romano⁴¹ (fig. 12). Segundo Virgílio Lopes, associado a este espaço de poder civil, estaria um possível templo na zona da antiga mesquita, atual Igreja de Nossa Senhora da Assunção.⁴²

Antiguidade Tardia (séc. II- inícios do séc. VIII)

Datadas do período tardo romano, estruturas como o torreão adjacente ao pano norte do castelo de Mértola, remetem para a reutilização de materiais de edifícios civis do antigo regime.

Podem não só ser encontrados vestígios desta época na zona do castelo, como também na

35 ALARCÃO, Jorge de, 1990, p.346.

36 *Ibidem*.

37 Mapa das *civitates* romanas em *Ibidem*, p.361.

38 LUÍS, Luís Simões, 2000, p.55.

39 Salvador Jiménez, 1989, p.174, *apud* LOPES, Virgílio, 2014, p.54.

40 ROSA, Gonçalo Pereira, 2017.

41 LOPES, Virgílio, 2014, p.48.

42 *Ibidem*, p.53.

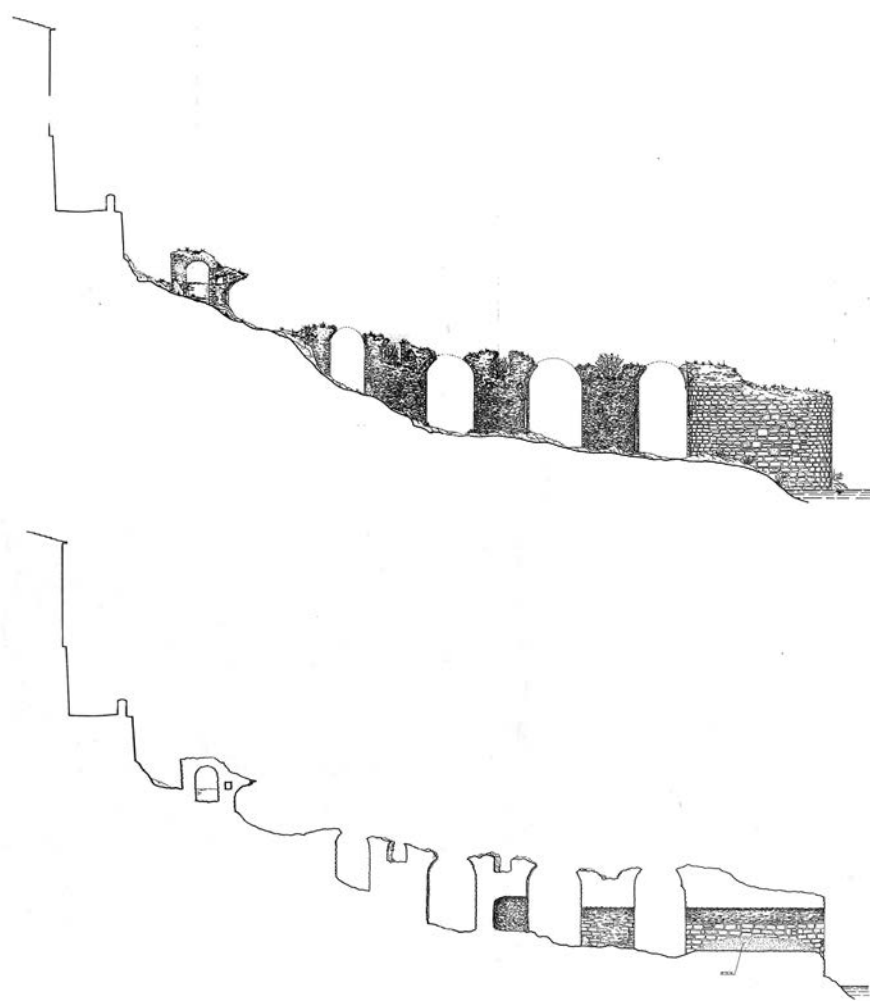


Fig. 14- Torre do rio por Carlos Rico, José Baleisão e Carlos Alves.

Fig. 15- Primeiro batistério escavado.

alcáçova e no rio. Com o intuito de promover a segurança da cidade, nos finais do século III, foram conduzidas obras “na zona da acrópole, um criptopórtico e, na parte portuária, a torre do rio e obras de captação de água, bem como o reforço de todo o perímetro amuralhado.”⁴³. O criptopórtico abrange uma época de transição tardia, assumindo com ele técnicas e elementos romanos tardios.⁴⁴ As mesmas técnicas e elementos da sua construção, tais como o uso de blocos de xisto argamassado são visíveis em ambas as estruturas, do criptopórtico e da torre do rio.⁴⁵ Assim, através do reforço da plataforma romana com o criptopórtico, novas estruturas defensivas do pano norte da muralha de Mértola são construídas de modo a reforçar a proteção desse mesmo espaço. “Posteriormente integrado na fortificação islâmica, este troço de muralha era ainda registado nos inícios do século XVI como parte integrante das estruturas defensivas da cidade.”⁴⁶.

Por outro lado, de acordo com Estácio da Veiga, a estrutura que interligava a cidade intramuros ao rio, a torre do rio (fig. 14), é incluída no período islâmico, sendo que afirma a inclusão da mesma no período romano. Assim, considera a extração do material, mármore, de época antiga - romana - e emparelhamento de outra época - islâmica⁴⁷ - presente também nas muralhas do castelo.

Com o declínio do Império Romano, e tendo em conta a contínua exploração mineira, segue a antiguidade tardia que com ela trouxe novas construções que impulsionaram a cidade no contexto peninsular. Os achados arqueológicos referentes à antiguidade tardia, compreendidos desde os finais do séc. IV até ao séc. VIII, são principalmente espaços de culto religioso, desde o complexo religioso reconvertido na encosta do atual castelo dos sécs. V-VI, a basílica paleocristã situada no Rossio do Carmo do século V⁴⁸ e ainda um segundo batistério.

O complexo religioso (fig. 15) é caracterizado por um volume retangular e encontra-se junto da muralha poente da vila. No topo norte deste complexo, estava associada uma galeria porticada marcada pelo pavimento em mosaicos e por colunas em mármore, com um intercolúnio de 4m, cujo percurso dava acesso a uma sala no interior do batistério que servia de antecâmara. No centro do complexo situava-se uma pia batismal, com forma octogonal,

43 *Ibidem*, p.110.

44 Segundo Virgílio a parede exterior do criptopórtico caracteriza-se por ser um “troço paradigmático das construções da Antiguidade Tardia.” *Ibidem*, p.111.

45 MACIAS, Santiago, 1996, p.26.

46 *Ibidem*, p.199.

47 VEIGA, Estácio da, 1983, p.129.

48 MACIAS, Santiago, 1996, p.94.

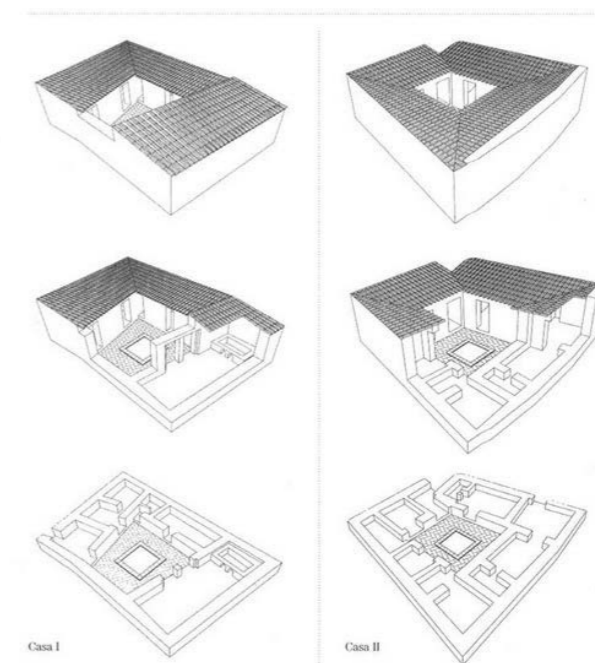


Fig. 16- Mesquita islâmica.
Fig. 17- Duas das habitações do bairro islâmico.



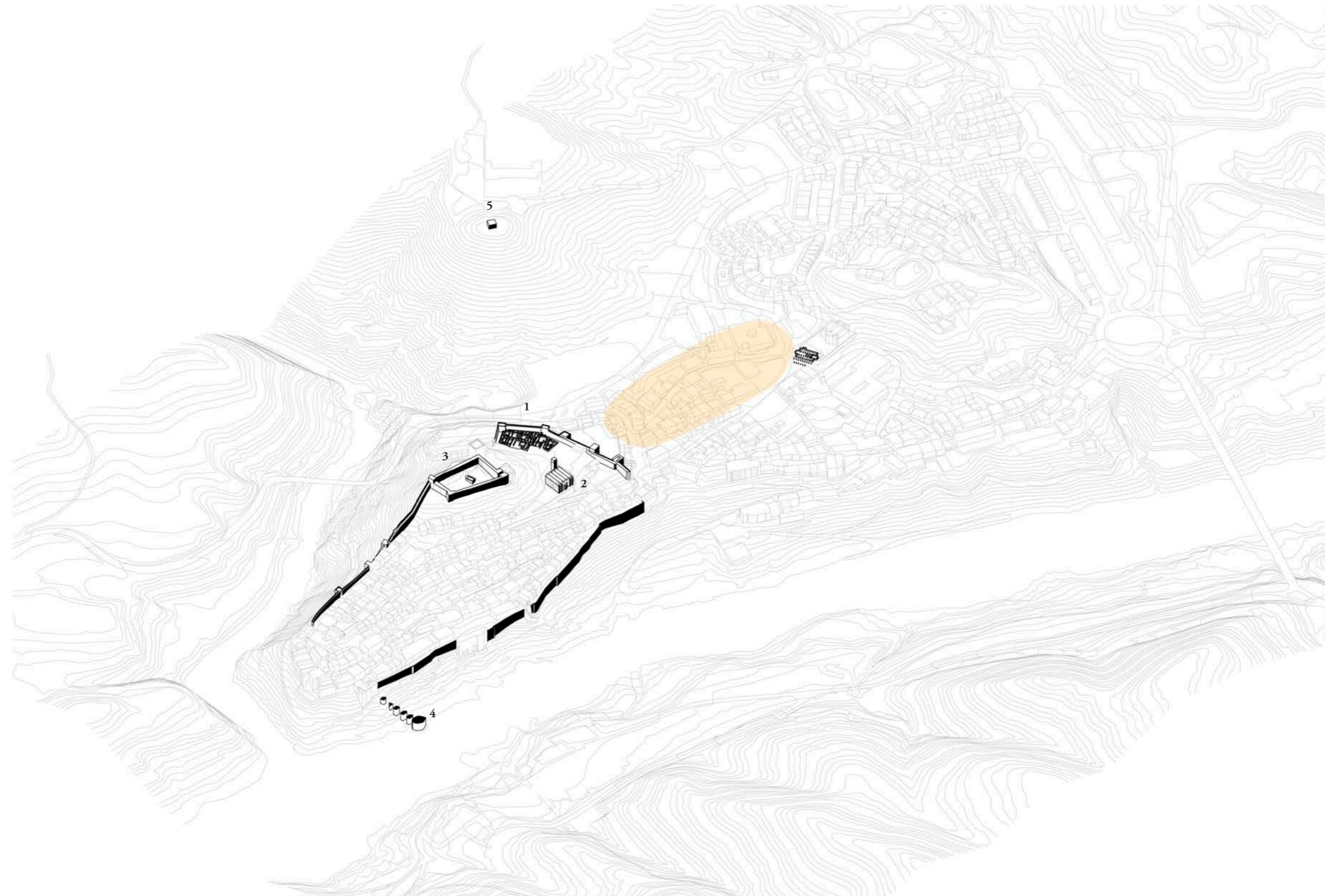


Fig. 18- Axonometria marcada pelos elementos da época islâmica.
1. Bairro 2. Mesquita 3. Castelo 4. Couraça 5. *Koubba*
Necrópoles

rodeada por uma espécie de uma piscina e, na parte superior, por um deambulatório. A sua forma octogonal torna-a um caso importante no panorama da Península Ibérica⁴⁹, sendo que a mesma forma também se apresenta no segundo batistério descoberto mais recentemente.

O segundo batistério (fig. 16) encontra-se na encosta entre a alcáçova e o castelo, cuja descoberta deu-se durante as escavações de 2013, levadas a cabo pelo CAM. Este situava-se no centro de um segundo complexo batismal, caracterizado por uma construção em xisto local e mármore nos detalhes das colunas e no revestimento da pia batismal, também com uma forma octogonal. Ao contrário do primeiro, este batistério não era rodeado por um tanque mas sim por um pavimento em calcário que delimitava o seu perímetro e estava marcado por colunas, preservadas em grande parte até à atualidade, com um intercolúnio de 2,70m.

Época Islâmica (séc. VIII- séc. XIII)

*Martulah*⁵⁰, pertencente, em época islâmica, desde o séc. VIII ao Gharb al-Ándalus, “herdeiro natural da antiga Lusitânia”⁵¹, seguia uma organização regida pelas condições morfológicas do terreno, ainda que respeitando “as antigas dinâmicas ao longo de todo o período medieval”⁵² e consequentemente as heranças do período romano.

De acordo com Mafalda Gambutas⁵³, seguindo a topografia, Mértola era composta por: uma alcáçova situada no ponto mais alto e cénico, “ponto de defesa natural”⁵⁴, dotada de um espaço de poder, constituído por um castelo pós-reconquista; uma mesquita islâmica (fig. 15); um conjunto de habitações que formariam o “bairro régio”⁵⁵ (fig. 17), datado do séc. XII, pensado com um sistema de saneamentos e métricas regulares; a *medina* - cidade intramuros; e, por fim, o arrabalde, com habitação extramuros, junto à porta do rio.⁵⁶ Tal como o eixo viário principal que ligava a Beja, a malha urbana era orientada pela mesma direção da atual, paralela ao rio Guadiana. Tendo em conta a sua topografia, as ruas caracterizavam-se pela sua pequena dimensão e constante pendente, sem nunca abdicar do seu perímetro muralhado, sendo que este seria intrínseco ao desenho morfológico da mesma.

49 LOPES, Virgílio, 2014, p.203.

50 Termo dado a Mértola islâmica por TORRES, Cláudio, 1998, p.155.

51 *Ibidem*, p.19.

52 *Ibidem*, p.27.

53 SAMPAYO, Mafalda Gambutas, 2002, p.287.

54 Albert Hourani, 1970, *apud* SAMPAYO, Mafalda Gambutas, 2002, p.87.

55 *Ibidem*.

56 MACIAS, Santiago, 1996, p.33.

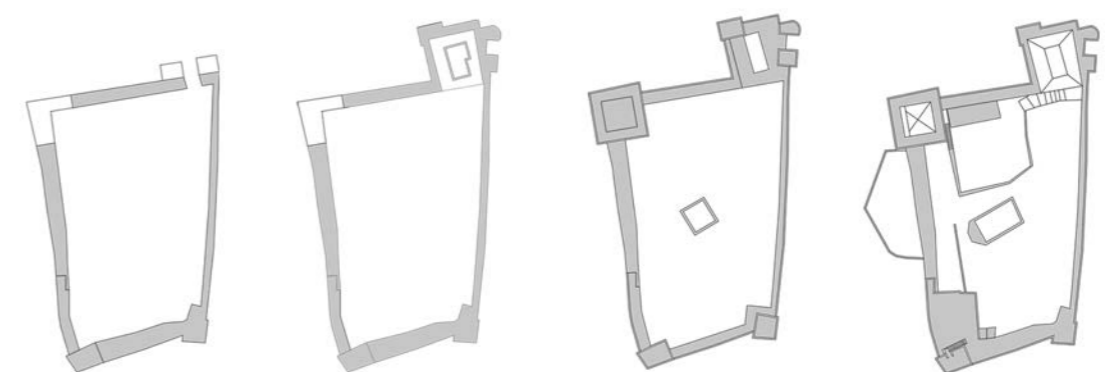


Fig. 19- Mesquita antes e depois das intervenções da DGEMN.
Fig. 20- Evolução do castelo. Época Omíada (séc. IX- séc. XII),
Época Almóada (2ª metade do séc. XII- inícios do séc. XIII), Gótico, Atualmente (séc. XXI).





Fig. 21- Axonometria marcada pelos elementos da época cristã.
1. Cemitério 2. Castelo 3. Igreja sacralizada
Necrópoles

Apesar de toda a cerca que cinto Mértola ser atribuída a diferentes arquiteturas, com a sua constante reparação e adaptação, verifica-se o pano norte e os seus respetivos torreões quadrangulares enquadrados na época almóada⁵⁷. Ainda presente na área norte da encosta do castelo, o bairro islâmico, dos sécs. XI e XII, segue uma tipologia de habitação islâmica de pátio central, envolto das suas divisões.

Época Cristã (séc. XIII- séc. XV)

Após a reconquista, em 1238, pela Ordem de Santiago, Mértola sofreu diversas transformações e adaptações de espaços constituintes da malha urbana. Essa invasão impulsionou “*a expansão do reino de Portugal no Alentejo*”⁵⁸. Com isto, são levadas a cabo novas construções, ainda hoje presentes, que complementaram as preexistentes.

A zona da alcáçova perdeu as suas funções habitacionais e nela foi estabelecido um cemitério cristão que durou até ao séc. XVI. A nova estrutura ocupava toda a área da alcáçova e bairro islâmico ao estabelecer-se numa plataforma de nível, estendendo-se até à mesquita. Essa última, sacralizada, acaba por ser “*reconstruída na segunda metade do século XII*”⁵⁹ e “*profundamente remodelada nas primeiras décadas do século XVI*”⁶⁰ e ainda no séc. XX. (fig. 19)

Em suma, a complexidade morfológica e tipológica do tecido urbano assenta num princípio de reinterpretação sucessiva dos elementos arquitetónicos da mesma, em que a mesquita continua a sua função religiosa, passando a igreja cristã, a muralha é constantemente readaptada e reparada, a alcáçova assume funções habitacionais a funerárias, a casa romana foi transformada em edifício municipal, a necrópole da Achada de S. Sebastião em espaço de uma Escola Secundária, a Ermida de Santo António dos Pescadores a cemitério cristão e, posteriormente, no Cine-Teatro Marques Duque.

Apesar dos declínios dos diversos poderes, Mértola procura adaptar-se e manter a mesma importância de vila-porto fluvial que adquiriu desde os primeiros assentamentos. A presença dos diversos povos sente-se ao nível da arquitetura e de toda a herança deixada pelos mesmos, tendo sido descoberta ao longo dos anos.

57 TORRES, Cláudio, 1998, p.153.

58 Garcia, 1989, pp.910-911, *apud* GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, *et al.*, 2016, p.188.

59 MACIAS, Santiago, 1996, p.33.

60 *Ibidem*.



Fig. 22- Evolução urbana de Mértola, desde a cidade antiga, de 1963 (data do ante plano) até ao séc. XXI.

Contudo, e apesar de todas as reconstruções/readaptações, Mértola manteve continuamente a sua importância devido à sua localização geográfica favorável e à continuada exploração mineira, perdendo essa última característica no séc. XX.

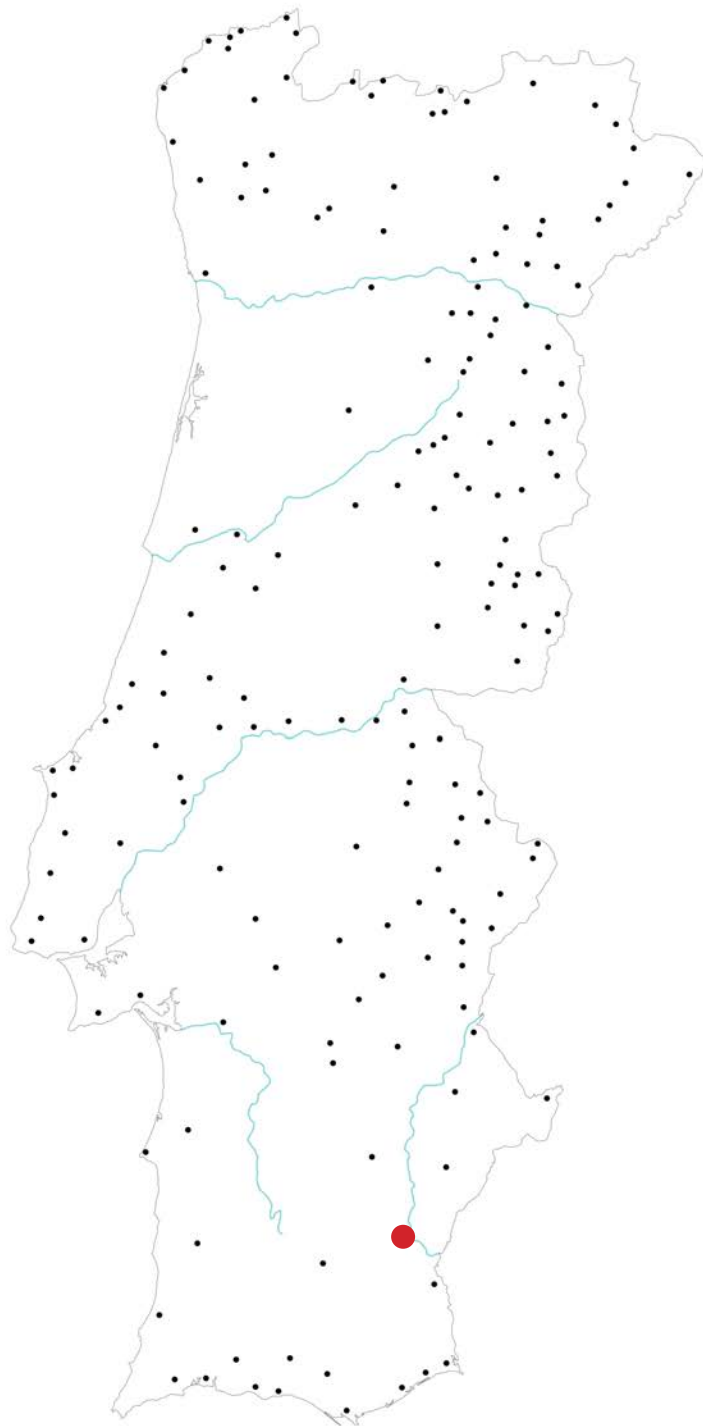


Fig. 23- Planta dos castelos e muralhas de Portugal, adaptado de Luís Miguel Correia.

Estudo da Cerca Muralhada

O limite muralhado (fig. 23) - redefinido ao longo das diversas ocupações - possui uma importância preponderante na caracterização da morfologia do tecido urbano de uma cidade e, conseqüentemente, na sua relevância socioeconómica. As estruturas defensivas que o compunham “*encontravam-se complementadas pelas portas e torres que as integravam que, para além do papel militar, valorizam a imagem colectiva da cidade.*”⁶¹ A delimitação de ambas as realidades - intra e extramuros - e respetivas relações tangenciais apresenta-se como um tópico importante para o processo do projeto.

Considerando todas as transformações a que esteve sujeita, a muralha de Mértola é caracterizada pelas suas torres, pelo espaço do castelo, pelo criptopórtico - cujos dois últimos elementos se encontram interligados pela alcáçova - pela couraça e pelas suas portas.

A construção das muralhas surgiu de uma necessidade natural de autodefesa e controlo sobre um determinado território, cujas condições benéficas lhe estavam inerentes. Estas conjugadas com pontos de vigia - as torres e as portas - constituíam o mais determinante poder cívico de defesa, preparado para futuros ataques, dentro de um recinto protegido e organizado - a cidade. A imagem criada por esses objetos arquitetónicos remete para um ideal seguido desde a antiguidade.⁶²

Para valorizar essa imagem, em Mértola, uma série de intervenções foram submetidas às

61 Cesare Seta e Jacques Le Goff, 2001, *apud* RIBEIRO, Maria do Carmo e MELO, Arnaldo Sousa, 2013, p.184.

62 SALGUEIRO, Nuno Santos, 2000, p.10.

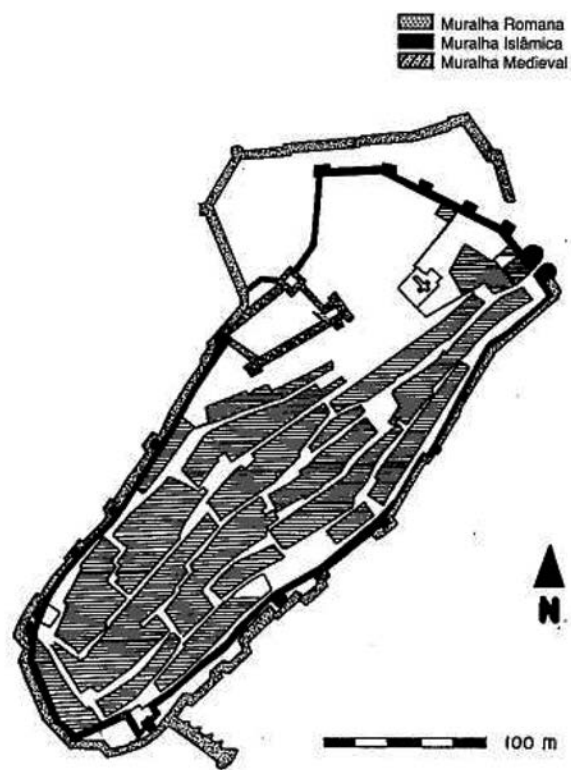


Fig. 24- Proposta das diversas fases da muralha de Mértola, segundo Cláudio Torres.

muralhas da cidade, com o intuito de preservar e salvaguardar a linguagem e o património arquitetónico da mesma. Neste sentido, a DGEMN, a pedido de apelo⁶³ da Câmara Municipal de Mértola (CMM) desde 1938⁶⁴, interveio como agente na consolidação tanto das muralhas e das suas portas como no castelo, retomando o seu aspeto e ditando a maior parte da volumetria que se encontra na muralha nos dias de hoje.

Num perímetro mais alargado, as evidências arqueológicas das estruturas defensivas de Mértola remontam para o séc. VII e V a.C. com um conjunto de duas linhas de muralha⁶⁵: enquanto uma protegia “*os locais agrícolas e pecuários*”⁶⁶, a outra protegia a cidade, mais propriamente a população, estando em parte escavada nas traseiras da atual Biblioteca Municipal, escavação essa feita por Palma em 2006⁶⁷, sendo que ambas se encontravam distanciadas de “*300 e 600 metros*”⁶⁸. No entanto, pouca é a informação relativa a esta última, apenas a sua “*orientação este-oeste, com cerca de 2m de largura*”⁶⁹, com a mesma materialidade da muralha exterior.

A primeira muralha, e de maior extensão, descoberta por Lopes em 1988, era constituída por “*alvenaria de xisto com ligante de terra ou barro*”⁷⁰, sendo que a fragilidade do xisto exigiu o reforço da estrutura através da construção de duplos paramentos de muro, “*disposto em socalcos*”⁷¹, e, conseqüentemente, permitiu maior altura⁷². Apesar de indefinida a quantidade das torres, duas “*de planta semicircular*”⁷³, com 4-6m de largura, “*espaçadas de modo irregular*”⁷⁴, foram postas a descoberto na mesma data da escavação da muralha acima referida. Deste modo, verificam-se as muralhas de Coimbra del Barranco Ancho, Jumilla, Múrcia, Málaga⁷⁵ e Beja contemporâneas de Mértola, datadas da Idade do Ferro.

No que diz respeito à cronologia e respetiva evolução histórica das muralhas de Mértola, nos períodos romano, islâmico e medieval, a proposta de Cláudio Torres⁷⁶ (fig. 24) demonstra que

63 PORTUGAL. DGEMN. CMM. *Ofício nº484*, Março de 1947.

64 Data da primeira consideração da recuperação do património arquitetónico de Mértola. PORTUGAL. DGEMN. CMM. *Parecer nº3865*, Novembro de 1938.

65 Segundo Mafalda Sampayo, normalmente seriam três linhas de muralha como em Viana do Castelo, no castro de Santa Luzia. SAMPAYO, Mafalda Gambutas, 2002, p.52.

66 LOPES, Virgílio, 2014, p.27. Por vezes eram criadas fossas para afastar os inimigos. BARROCA, Mário Jorge, 2012, p.246.

67 Imagem em PALMA, Maria de Fátima, 2009, p.134. Também descrita em PALMA, Maria de Fátima *et al.*, 2015, p.67.

68 MACIAS, Santiago, 2005, p.186.

69 PALMA, Maria de Fátima *et al.*, 2015, p.67.

70 LOPES, Virgílio, 2014, p.27.

71 *Ibidem*.

72 LOPES, Virgílio e HOURCADE, David, 2001, p.209.

73 *Ibidem*.

74 HOURCADE, 2001, *apud* MACIAS, Santiago, 2005, p.186.

75 *Ibidem*.

76 TORRES, Cláudio, 1992, p.193.



Fig. 25- Vista para o pano norte da muralha, para a mesquita e para o castelo.



Fig. 26- Aspeto geral do pano norte, 1955.



Fig. 27- Torres do pano norte, 1958.



Fig. 28- Zona envolvente, 1965.

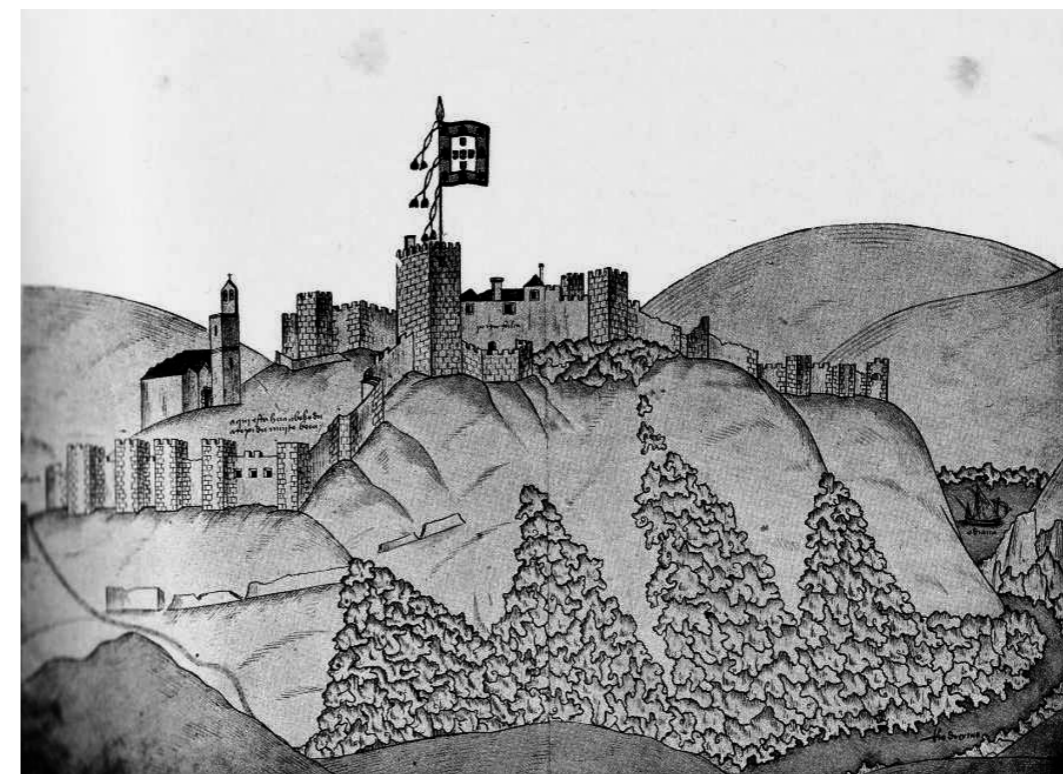


Fig. 29- Vista oeste por Duarte D'Armas, 1510.

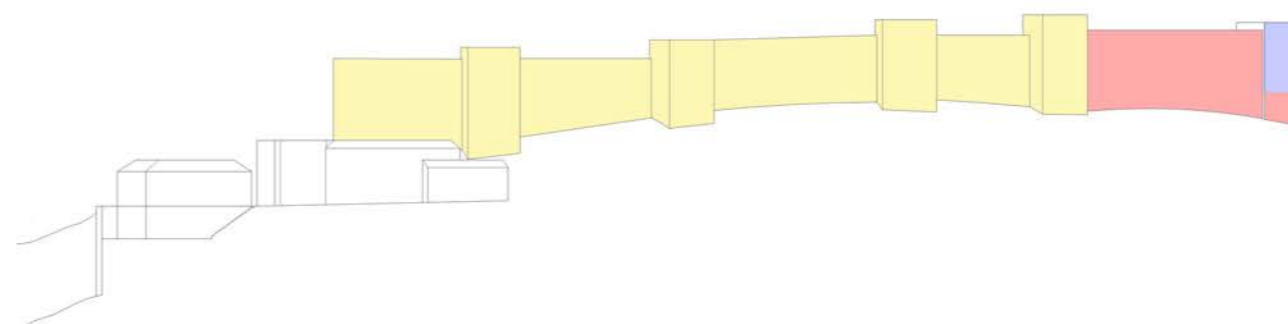


Fig. 30- Esquema das épocas do pano norte da muralha.

Medieval
 Tardo-romana
 Almorávida

as cercas urbanas traduzem “*também as formas e funções melhor ajustadas ao grupo social que serve.*”⁷⁷ Considerando, portanto, a possível preexistência da linha da muralha da Idade do Ferro, esta seguiria o traçado - ou parte dele - e ainda introduzia elementos de estruturação como os equipamentos públicos e o fórum, suspenso por uma plataforma artificial, protegido pela linha de muralhas, já maioritariamente destruída, patente no desenho de Duarte D’Armas (vista da ribeira de Oeiras). (fig. 29)

Apesar da estrutura conservada até aos dias de hoje, diversos paramentos e estruturas fortificadas foram datadas. Para isso, serão analisados os paramentos, divididos em três (de acordo com a sua orientação), juntamente com as respetivas estruturas reforçadoras, como é o caso do criptopórtico, da couraça e da Torre do Relógio, de modo a identificar a sua génese.

Pano norte

Tanto o criptopórtico como a porta do fórum (tendo em conta a análise de Virgílio Lopes) compõem o pano norte da muralha medieval de Mértola - hoje presente. Não excluindo o facto de esta ter diversas cronologias⁷⁸, ou pelo menos vestígios das mesmas, segundo Macias, a sua datação é atribuível ao período bizantino⁷⁹.

Composta por cinco torres, todas elas de perfil retangular e dimensões por vezes díspares, a muralha evidencia duas campanhas de obras. Segundo Lopes, a fundação da torre a noroeste do criptopórtico “*apresenta um embasamento constituído por silhares de granito reutilizados*”⁸⁰, o que a torna contemporânea à construção tanto do criptopórtico como da couraça, isto é, de época tardo romana. No entanto, e apesar da sua fundação ser desse período, o seu topo evidencia outra construção posterior. Santiago Macias atribui à época almorávida⁸¹ o seu topo, mandada construir por Abu Hafs, visto se encontrar sobreposta, em planta, a uma das casas do bairro islâmico.

Contrariamente, mais ainda da mesma campanha de obras, as quatro torres do pano norte, excluindo a no canto noroeste, surgem “*após a Reconquista da cidade no intuito de reforçar as suas defesas*”⁸², onde, mais uma vez, há uma sobreposição cronológica das mesmas com as

77 *Ibidem*, p.195.

78 Devido à sua constante reutilização, por vezes, a datação não é coerente com os diversos autores.

79 MACIAS, Santiago, 2005, p.202. Porém, Virgílio atribui à mesma cronologia que a torre do rio e o criptopórtico, sécs. IV e VI. LOPES, Virgílio, 2014, p.127.

80 LOPES, Virgílio, 2014, p.141.

81 MACIAS, Santiago, 2005, p.207.

82 *Ibidem*.

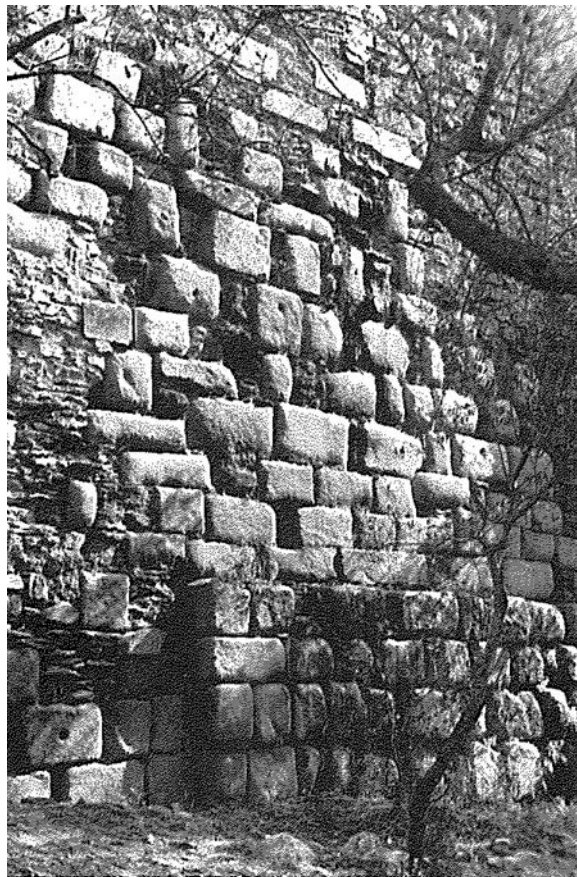
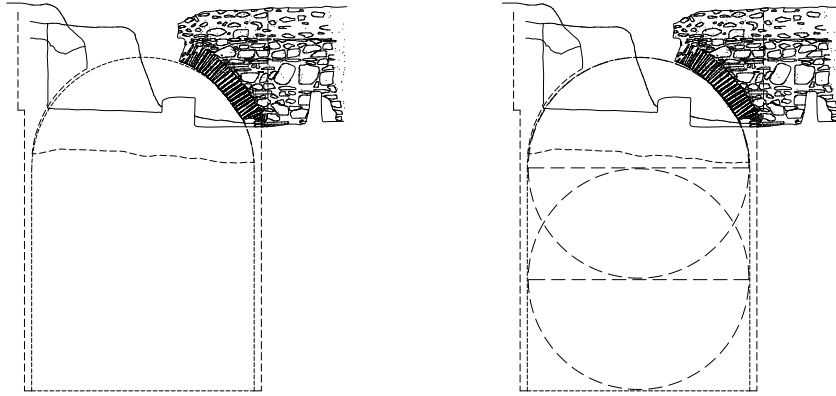


Fig. 31- Porta de acesso à zona da alcáçova.

Fig. 32- Parede exterior do criptopórtico.

habitações da alcáçova. Porém, isto “*não exclui a existência de torres almóadas naquele local, que seriam de menores dimensões e que estariam adossadas à muralha apenas pelo exterior.*”⁸³

Este pano distingue-se dos outros troços da muralha pelas enormes construções adjacentes ao mesmo. Aqui, segundo diversos autores, encontrava-se o antigo espaço de poder assente sobre uma plataforma artificial delimitada por uma galeria circundante, por uma porta monumental a nascente e pelo criptopórtico. A porta de entrada (fig. 31) caracteriza-se pela sua técnica construtiva mista de pedra e alvenaria com uma abóbada de grande escala. Segundo Lopes, esta adquiriu à *posteriori* um sistema de elevação que servia de porta de entrada movível.⁸⁴ Assim sendo, esta entrada dava acesso a uma rampa para o fórum e também à cidade *Pax Iulia* (Beja romana). No entanto, a porta foi entaipada em toda a sua área devido às construções habitacionais islâmicas, onde atualmente o lado exterior à muralha também se encontra coberto pelo terreno que perfaz essa encosta.

Como alicerce do fórum romano proposto e particularidade desta cortina, o criptopórtico data do período tardo romano, dada a presença de materiais romanos reaproveitados. Contudo, é possível ter existido uma estrutura semelhante no “*período republicano ou imperial*”⁸⁵, uma vez que este possui um pequeno ressalto e uma orientação única. A sua parede exterior (fig. 32), dotada de seteiras - visíveis no desenho de Duarte D’Armas (fig. 29) - é constituída por “*silhares de mármore e granito*”⁸⁶, usando o *fórceps*, cujo enchimento era de “*xisto da região, embebido numa argamassa com muita cal.*”⁸⁷

Posteriormente, entre finais do séc. IV e inícios do séc. V⁸⁸, a estrutura de suporte, o criptopórtico, sofre alterações funcionais ao passar para cisterna. Para além da argamassa de impermeabilização colocada no seu interior e da inclinação do piso⁸⁹, são entaipadas as suas seteiras e ainda erguidas paredes a fechar os topos nos limites do criptopórtico. Na mesma linha cronológica, entre os sécs. XII-XIII, Cláudio Torres, refere que o mesmo revestimento, aplicado no topo este, é “*contemporâneo ou posterior às obras do respectivo torreão.*”⁹⁰

Com a intervenção da DGEMN, e preocupação do Arquiteto Diretor dos Monumentos

83 *Ibidem.*

84 LOPES, Virgílio, 2014, p.133.

85 *Ibidem*, p.51. GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, 2008, p.13.

86 *Ibidem.*

87 MACIAS, Santiago, 1996, p.53.

88 *Ibidem.*

89 TORRES, Cláudio e OLIVEIRA, João Carlos, 1987, p.619.

90 *Ibidem.*

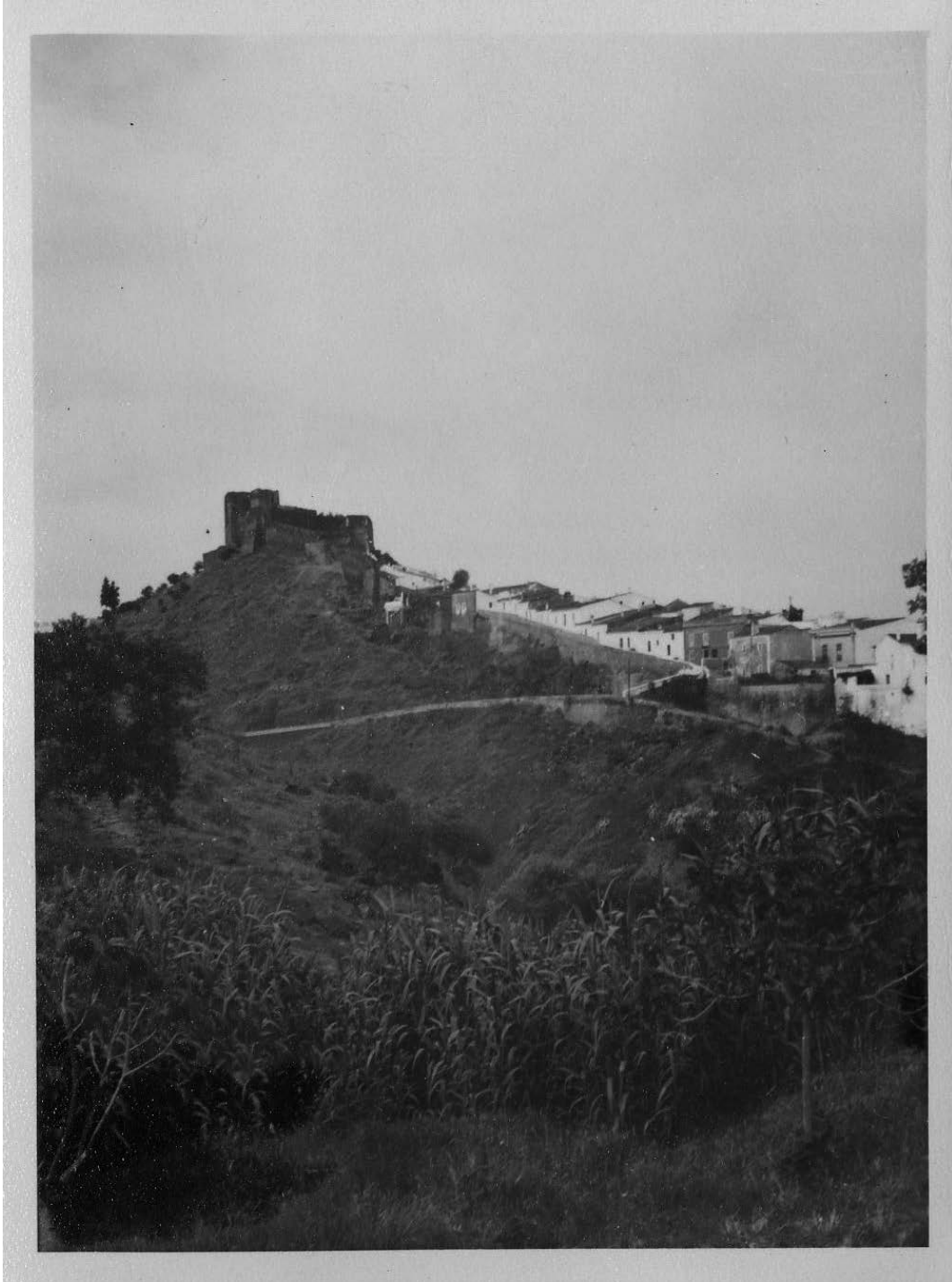


Fig. 33- Aspeto geral do pano oeste.



Fig. 34- Vista geral do pano oeste, 1960.

Fig. 35- Zona envolvente, 1955.

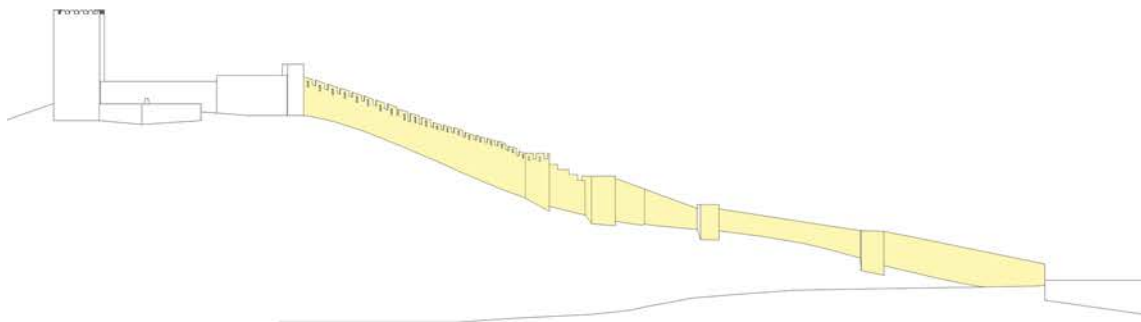


Fig. 36- Vista para o Convento de S. Francisco e Ribeira de Oeiras, 1974.

Fig. 37- Esquema das épocas do pano oeste da muralha.

■ Baixa Idade Média

Nacionais, Luís Benavente, acerca do estado precário das mesmas, o pano norte sofreu diversas alterações. A proposta de consolidação das muralhas nesse paramento teve como fundamento os temporais sentidos na vila que resultaram no desabamento de troços do mesmo, “*situado na parte posterior do anexo da Igreja Matriz.*”⁹¹

A consolidação da muralha a norte, arrastada até 1987, incluiu o “*reargamassamento de todo o troço onde a argamassa é inexistente*”⁹², “*o preenchimento das cavidades entretanto geradas*”⁹³ com pedra de xisto e ainda, tal como a Torre de Menagem, o assentamento de silharia nos cunhais das torres.

Pano oeste

Dentro da mesma campanha de obras, e com o intuito de compensar a pendente virada a oeste, à ribeira de Oeiras, foram erguidas duas sólidas muralhas paralelas, por volta do séc. IV, como assim refere Susana Gómez Martínez.⁹⁴ Assim, as muralhas cujo enchimento era de terra compacta, atingiam uma altura de 7m.⁹⁵ Esta construção, contemporânea ao criptopórtico, limitava este espaço, sentindo-se, assim, neste pano duas construções distintas (o pano do lado da Porta da Ribeira e o do lado do criptopórtico) separadas pelo castelo.

O tramo delimitado pelo castelo e pela porta do Buraco, pertence, segundo Maldonado, à “*época árabe, quiçá anterior à mesquita almóada*”⁹⁶. Num sentido mais lato, cronologicamente, em parte abrangente à época proposta, Macias caracteriza o mesmo pano, “*dos pontos de vista tipológico e construtivo, na Baixa Idade Média, embora já só parcialmente corresponda aos muros que Duarte D’Armas registou.*”⁹⁷ (fig. 37)

Embora adossado ao pano norte, também as muralhas paralelas e o respetivo torreão se encontravam em estado de ruína, tendo em algumas partes já desmoronado.⁹⁸ Uma urgente ação foi requerida, onde se executou, pelo empreiteiro António Serra em 1974, os seguintes trabalhos: “*apeamento de alvenarias que se encontram desligadas e em perigo de ruírem, compreendendo limpeza e empilhamento de materiais aproveitáveis e remoção de entulhos a*

91 PORTUGAL. DGEMN. Arquiteto Diretor dos Serviços dos Monumentos Nacionais. *Ofício nº612*, Janeiro de 1956.

92 PORTUGAL. DGEMN. Arquiteto Diretor dos Monumentos Nacionais, Fernando Manuel Rocha Pinto. *Memória*, Novembro de 1987.

93 *Ibidem*.

94 GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, 2008, p.11.

95 TORRES, Cláudio e OLIVEIRA, João Carlos, 1987, p.618.

96 MALDONADO, Basilio Pavón, 1993, pp.40-41.

97 MACIAS, Santiago, 1996, p.30.

98 PORTUGAL. DGEMN. CMM. *Ofício nº884*, Abril de 1973. A contínua preocupação e derrocadas presentes no *Processo nº473*.⁹⁶ de 1996, posteriormente resolvidas.



Fig. 38- Beira rio, 1938.



Fig. 39- Pano este a funcionar de porto-fluvial, Ante plano de 1963.

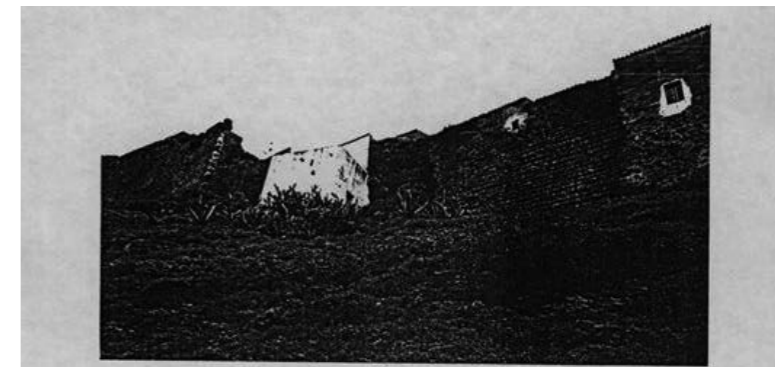


Fig. 40- Telegrama do GTL, 1989.
Fig. 41- Vista este por Duarte D'Armas, 1510.

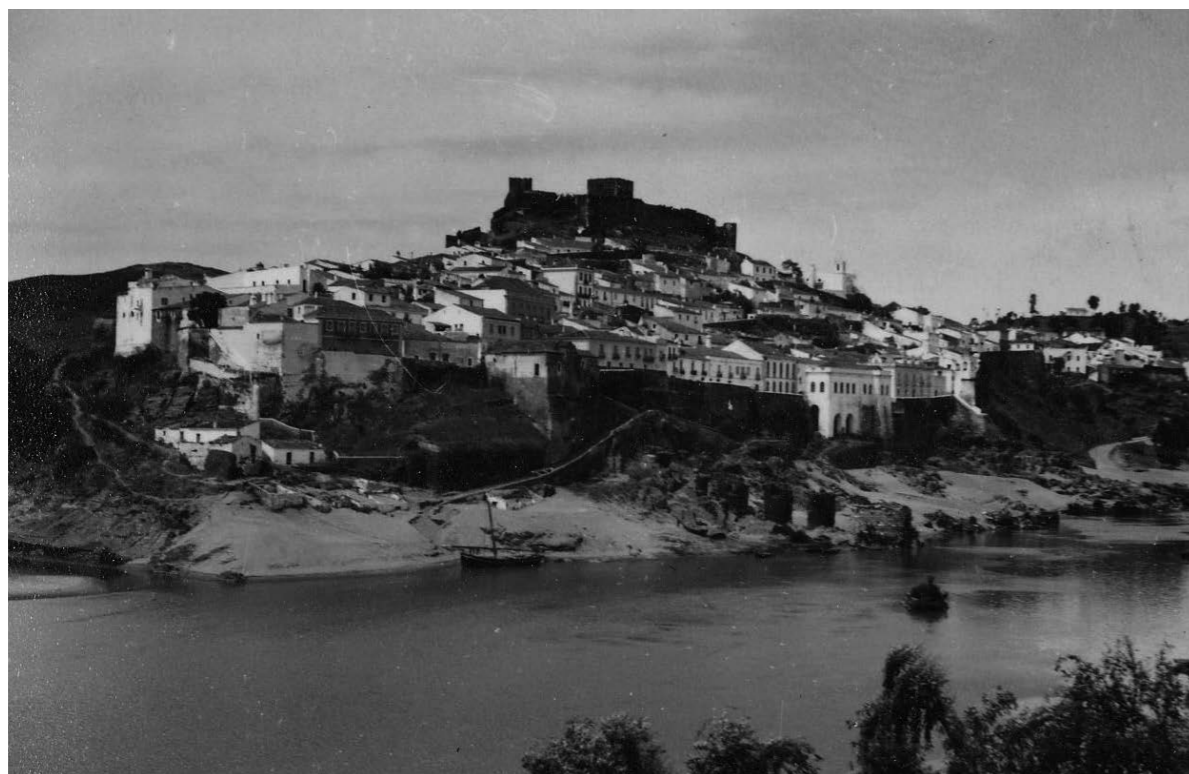


Fig. 42- Vista geral pano este, Ante plano, 1963.

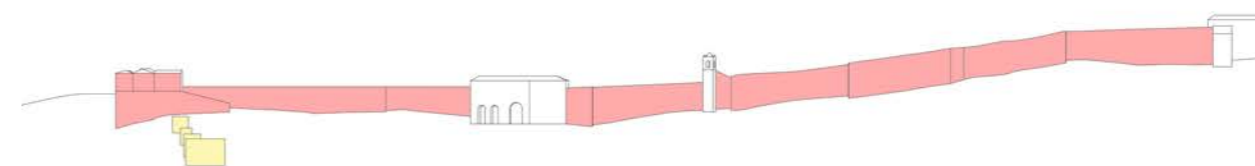
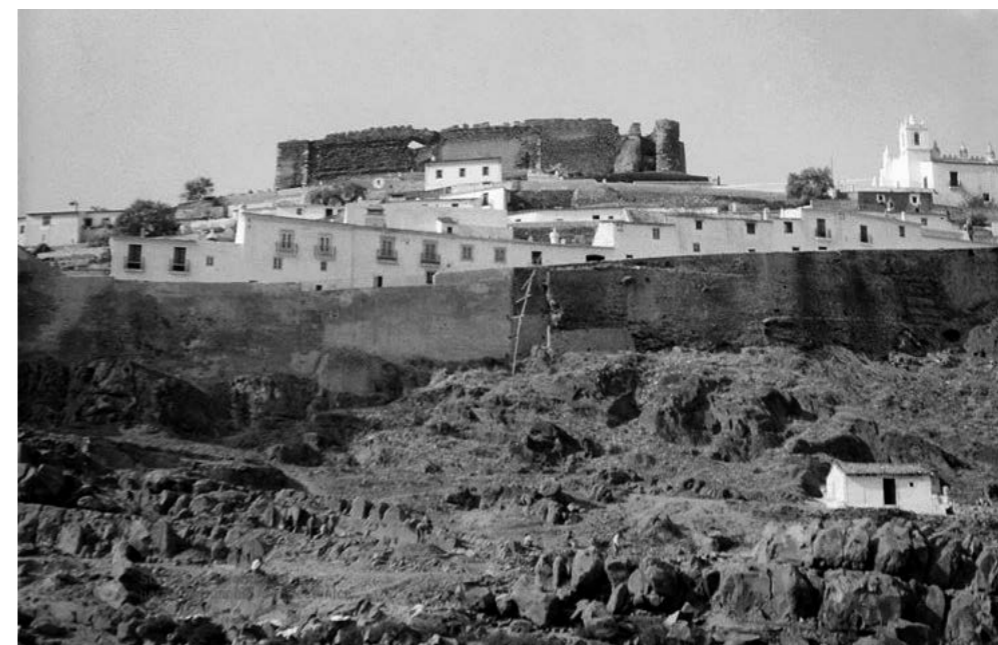


Fig. 43- Obras de 1938.
Fig. 44- Esquema das épocas do pano este da muralha.
Tardo-romana Antiguidade Tardia

vasadouro; construção de alvenaria hidráulica em elevação, em panos de muralha com um paramento visto; reparação de panos de muralha, compreendendo arranque de ervas e refechamento de juntas.”⁹⁹

No lado oposto, a sudoeste, o muro assinalado na planta anexa ao Ofício nº485¹⁰⁰ (fig. 49), de 1980, foi derrubado com a forte invernia sentida no ano anterior, não possibilitando a passagem até ao percurso do rio. O mesmo tratamento, levado a cabo pela DGEMN, foi implementado neste troço, “*empregando “gatos” de betão armado e incluindo o refechamento das fendas.*”¹⁰¹

Em 1989, um telegrama¹⁰² (fig. 40) do GTL (Gabinete Técnico Local) de Mértola alertou para a gravidade das derrocadas do paramento da muralha - entre a Porta do Buraco e o castelo - verificado aquando da visita do Arquiteto Diretor dos Serviços dos Monumentos Nacionais¹⁰³, Fernando Manuel Rocha Pinto, a 12 de Dezembro do mesmo ano, sendo que esta situação se resolveu com a consolidação do mesmo e a limpeza de estruturas adossadas, que impediam a sua leitura e a estabilidade da muralha.

Pano este

Caracterizado pela forte presença do rio Guadiana, o pano este prova a relação intrínseca entre a urbe intramuros e a importância do rio, como ponto de contacto mercantil e social. Os “*afloramentos de xisto na base da muralha*”¹⁰⁴ destacam a imponência da estrutura e realçam os pontos de atracagem, em tempos, das embarcações, marcado pela couraça. A partir do seu aparelho e da sua materialidade, a muralha virada a este, datável da Antiguidade Tardia, é dotada, no troço entre a Torre do Relógio e a mudança de direção do próprio pano, ao “*nível das fundações, (...) [de] uma certa regularidade das fiadas de pedra, umas de pedra bem facetada, que rondam os 50cm de altura com fiadas com cerca de 20cm de pedra mais pequena mas, também aparelhada; pontualmente são empregues blocos de pedra trabalhada, nomeadamente bases de coluna, colunas e restos de um fragmento marmóreo esculpado.*”¹⁰⁵

99 PORTUGAL. DGEMN. Arquiteto Diretor dos Monumentos Nacionais. *Memória*, Maio de 1974.

100 Planta com as áreas assinaladas das zonas que carecem de intervenção. PORTUGAL. DGEMN. Presidente da CMM, António Manuel Serrão Martins. *Ofício nº485*, Fevereiro de 1980.

101 PORTUGAL. DGEMN. Arquiteto Diretor dos Monumentos Nacionais. *Memória*, Março de 1980.

102 PORTUGAL. DGEMN. GTL, Arquitecta Ana Félix. *Telegrama*, Dezembro de 1989. Anexado a este, surgiram fotografias ilustrativas da situação exposta.

103 PORTUGAL. DGEMN. Arquiteto Diretor dos Serviços dos Monumentos Nacionais, Fernando Manuel Rocha Pinto. *Ofício nº1046*, Dezembro de 1989.

104 COSTA, Miguel Reimão, 2016, p.72.

105 LOPES, Virgílio, 2014, p.114.

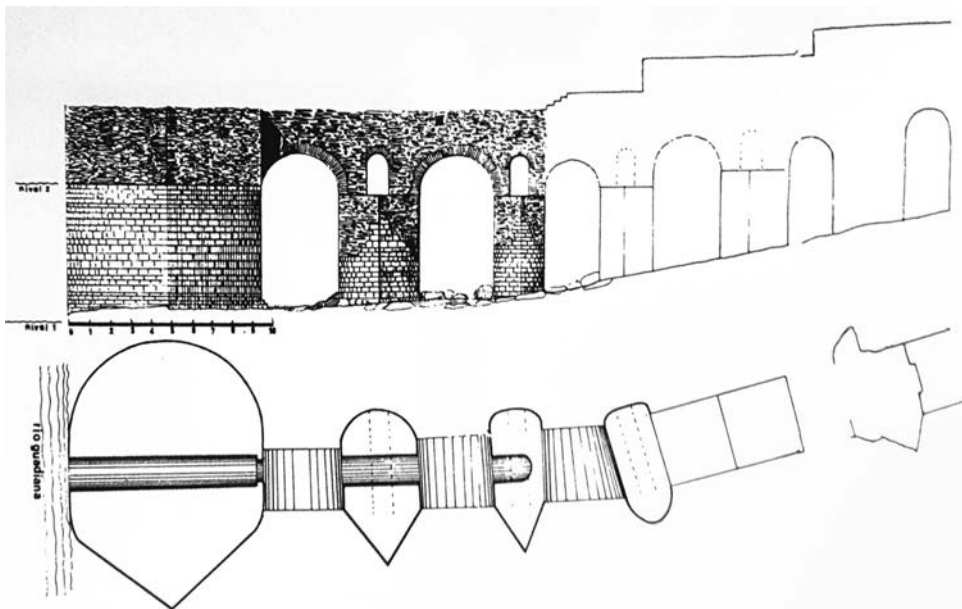


Fig. 45- Torre do Relógio, 1958.
Fig. 46- Torre do Rio, segundo Pavón Maldonado.

Através do desenho de Duarte D’Armas (fig. 41), na vista este, as torres - cinco no seu total - foram ora readaptadas como pódio do Antigo Tribunal comarca e em Torre do Relógio, ora arruinadas, onde se procedia apenas à “consolidação do lugar que antes tinham ocupado.”¹⁰⁶ Embora das cinco apenas quatro se conservem, a torre inexistente, entre o Mercado e a Torre do Relógio, de perfil retangular, juntamente com vestígios de muralhas anteriores, seria dotada de “xisto local fortemente argamassado”¹⁰⁷, e, então, sugerindo uma cronologia antiga. Próxima da Porta da Ribeira, datada de época romana, a torre semicircular - como reforço da estrutura defensiva - teria sofrido diversas alterações na sua morfologia. Num primeiro momento, o seu perfil seria quadrangular, ampliada posteriormente e assumindo a forma, ainda visível, “definida por três muros semicirculares”¹⁰⁸. Assim, esta foi descoberta nas escavações arqueológicas de 1994¹⁰⁹ e insere-se entre os sécs. IV-V.¹¹⁰

Outra das torres reaproveitadas, assenta na base de um dos torreões, alargado ou assumindo a base de uma antiga muralha - em comparação ao desenhado por Duarte D’Armas - e alberga atualmente a Divisão dos Recursos Humanos da Câmara.

Adjacente a esta, de sua “notícia mais antiga em 1679”¹¹¹, a Torre do Relógio (fig. 45) implantou-se, no séc. XVII¹¹², na “plataforma de um antigo torreão”¹¹³, junto à praça do Município, na qual definia um limite a nascente, porém atualmente definido pela “Divisão Sociocultural”¹¹⁴ da Câmara.

No entanto, um dos componentes da muralha mais importante é a couraça. Embora tenha sido “declarada Monumento Nacional em 1919”¹¹⁵, há muito que esta permitiu as transições e contactos que fizeram esta cidade sobreviver ao longo de todos estes séculos. Ao se analisar o desenho de Pavón Maldonado¹¹⁶ (fig. 46), esta excepcional estrutura, composta por uma série de seis arcos e torres, onde uma boa parte ainda subsiste no terreno, não teria uma altura superior a 12m¹¹⁷.

106 MACIAS, Santiago, 2005, p.202.

107 LOPES, Virgílio, 2014, p.127.

108 Simplício, 2003, p.42, *apud* MACIAS, Santiago, 2005, p.192.

109 Ver figura 7 em CAM, 1997.

110 *Ibidem*.

111 Boiça, 2001, pp.8-9, *apud* MACIAS, Santiago, 2005, p.209.

112 COSTA, Miguel Reimão, 2016, p.66.

113 MATEUS, Rui, 2004, p.328.

114 *Ibidem*, p.331.

115 LOPES, Virgílio, 2014, p.148.

116 MALDONADO, Basilio Pavón, 1993, p.43.

117 *Ibidem*, p.42.



Fig. 47- Fenda vertical no torreão da Porta da Vila, 1951.
Fig. 48- Troço de muralha em reparação pela DGEMN, 1976.

A natureza da couraça, designada como mista, confere a este elemento uma mística e uma complexidade no seu entendimento. Tanto é datado de época romana¹¹⁸, devido ao seu aparelho, como também se atribui à época árabe¹¹⁹, pois nela se encontram materiais reutilizados. Assim, esta mostra uma constante reutilização e adaptação às diversas necessidades dos povos, conforme o seu estado de ruína. Prova disso é a contínua preocupação com a mesma. Esta *“foi alvo de um projeto de limpeza e consolidação da estrutura, tendo sido concentrados os trabalhos de restauro na base das torres, onde foram preenchidos os espaços vazios com silhares de mármore. Estes trabalhos foram desenvolvidos no âmbito do Programa de recuperação das Pontes Históricas do Alentejo, 2005, promovido pelo então IPPAR.”*¹²⁰

Porém, o estado de ruína das muralhas da vila perdura até ao séc. XIX, com a perda de funções defensivas do local e do seu abandono. Assim, a Câmara Municipal de Mértola notifica a situação da *“muralha que suporta parte do mercado desta localidade e parte de uma das suas artérias, se encontra em perigoso estado de conservação, receando-se o seu desmoronamento que a dar-se, traria as mais funestas consequências.”*¹²¹. No sítio em questão, que *“corresponde a um torreão”*¹²² ao lado do café Guadiana, verificava-se *“na parte inferior grandes buracos e falta de pedras”*¹²³. (fig. 47)

Tanto pelas cheias sentidas na vila como também pelo abandono e perda de funções já referidas, a nível defensivo, a Torre do Relógio e a muralha adossada à mesma, que sustenta a via principal intramuros, ameaçavam ruir, *“com a queda de pedras e outro material, abrindo buracos de tamanho considerável.”*¹²⁴ Para isso, tiveram de ser tomadas medidas pela DGEMN, por intermédio da CMM. Os trabalhos de restauração destes elementos foram incluídos no plano de trabalhos da empreitada “Castelo de Mértola – Trabalhos de Conservação – Consolidação de Muralhas” (fig. 48), em 1976, tais como o: *“apeamento de alvenarias que se encontram desligadas; (...); arranque de duas árvores que prejudicam as muralhas e recuperação das muralhas no local; reparação de panos de muralha, compreendendo pequenas consolidações, picagem de rebocos e refecimento de juntas, incluindo andaimes; execução de alvenaria com um paramento visto em muralhas, de acordo com o existente, para tapamento de rombos e*

118 *Ibidem*.

119 Veiga, embora admita uma reconstrução, atribui a couraça à época árabe. VEIGA, Estácio da, 1983, p.127.

120 LOPES, Virgílio, 2014, p.112.

121 PORTUGAL. DGEMN. CMM. *Ofício nº76*, Janeiro de 1954.

122 PORTUGAL. DGEMN. Arquiteto Diretor dos Monumentos Nacionais. *Parecer nº684*, Fevereiro de 1954.

123 *Ibidem*.

124 PORTUGAL. DGEMN. CMM. *Ofício nº433*, Fevereiro de 1976.

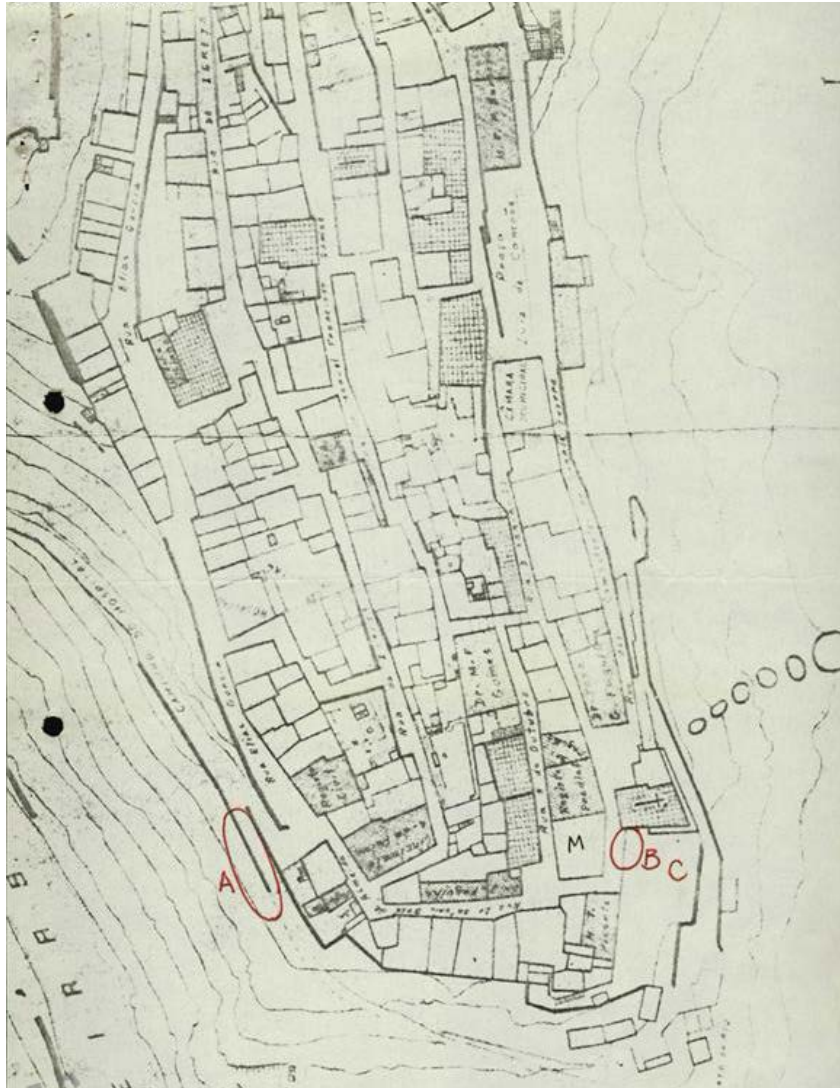


Fig. 49- Planta anexa do Ofício nº485.

*consolidação*¹²⁵, atribuída ao empreiteiro António Serra.

Apesar de começadas as obras na muralha virada ao rio Guadiana, estas não findaram e prolongaram-se para os planos de trabalhos da DGEMN dos anos seguintes. Com o intuito de precaver derrocadas posteriores, tal como em diversos paramentos da muralha foi adotado um sistema de “*construção de alvenaria hidráulica em elevação para tapamento de rombos*”¹²⁶ e o tratamento necessário para consolidar a mesma. Também na torção do pano para a vertente sul, foi proposta uma ligação entre o Museu Municipal, atual Núcleo Islâmico, e a cota do rio – como um jardim integrado no museu, no adarve da muralha, assinalado na planta (fig. 49) anexa do Ofício nº485¹²⁷, para a sua consolidação com argamassa de cimento e areia, porém não concretizada.

Assim, o elemento compositivo e defensivo da muralha demonstra uma complexidade na sua génese, “*em virtude da sua sucessiva reutilização, alteração e alargamento, condicionando a formação e desenvolvimento do tecido urbano.*”¹²⁸ É esta relação que permite um diálogo complexo entre o histórico e o contemporâneo.

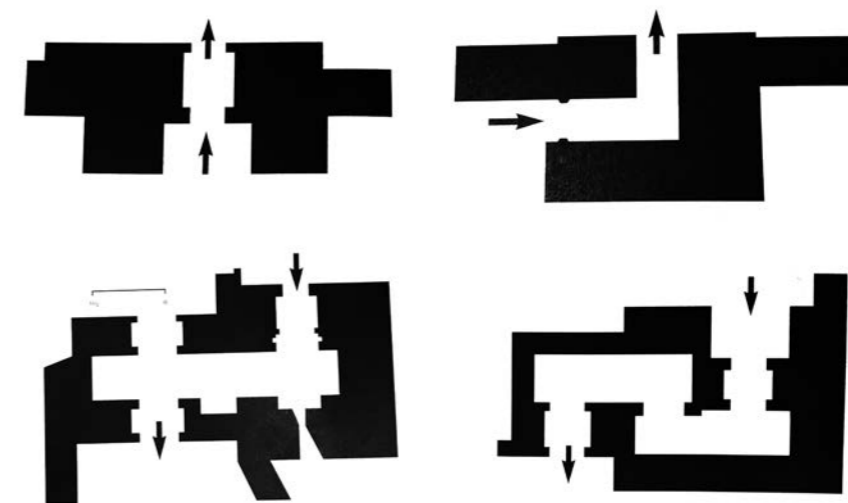


Fig. 50- Escultura da cabeça de Cibele.

Fig. 51- Plantas dos quatro tipos de portas islâmicas, segundo Mazzoli-Guintard.

125 PORTUGAL. DGEMN. Arquiteto Diretor dos Monumentos Nacionais. *Memória*, Fevereiro de 1976.

126 PORTUGAL. DGEMN. Diretor dos Serviços. *Memória*, Setembro de 1982.

127 PORTUGAL. DGEMN. Presidente da CMM, António Manuel Serrão Martins. *Ofício nº485*, Fevereiro de 1980.

128 RIBEIRO, Maria do Carmo e MELO, Arnaldo Sousa, 2013, p.184.



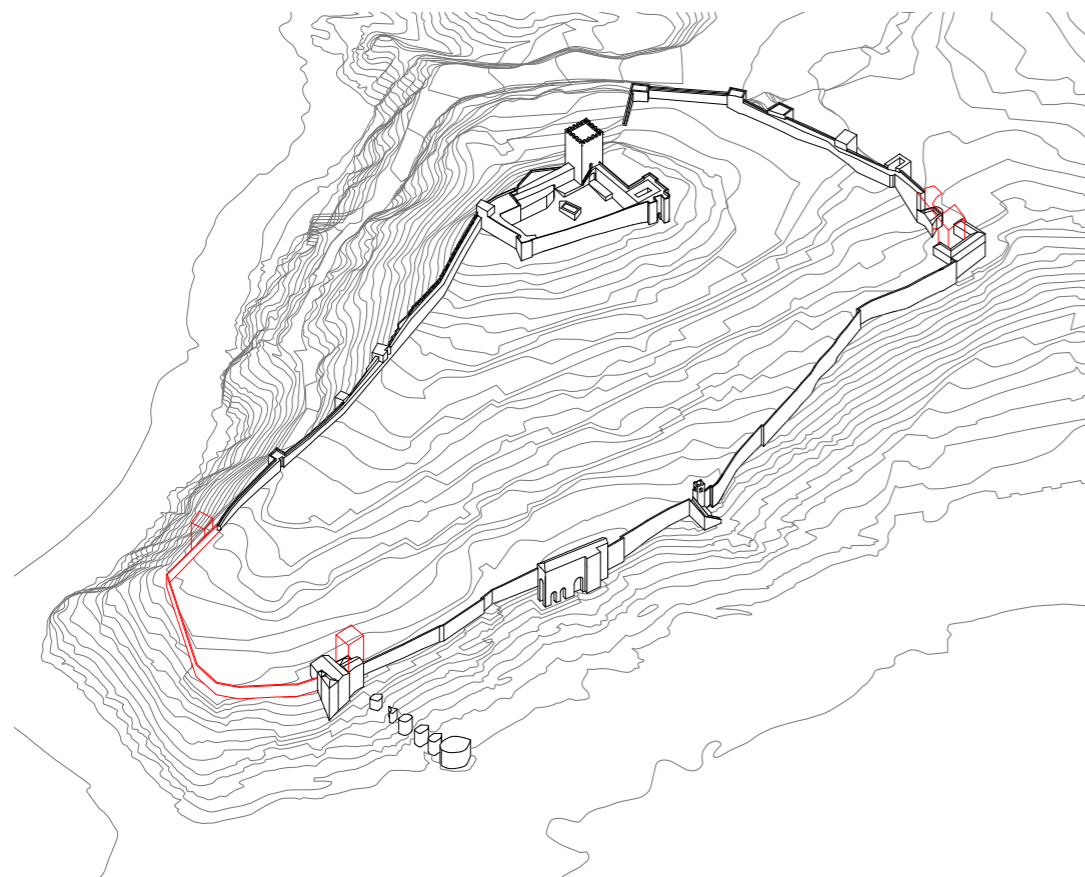


Fig. 52- Perspetiva geral das portas da vila.

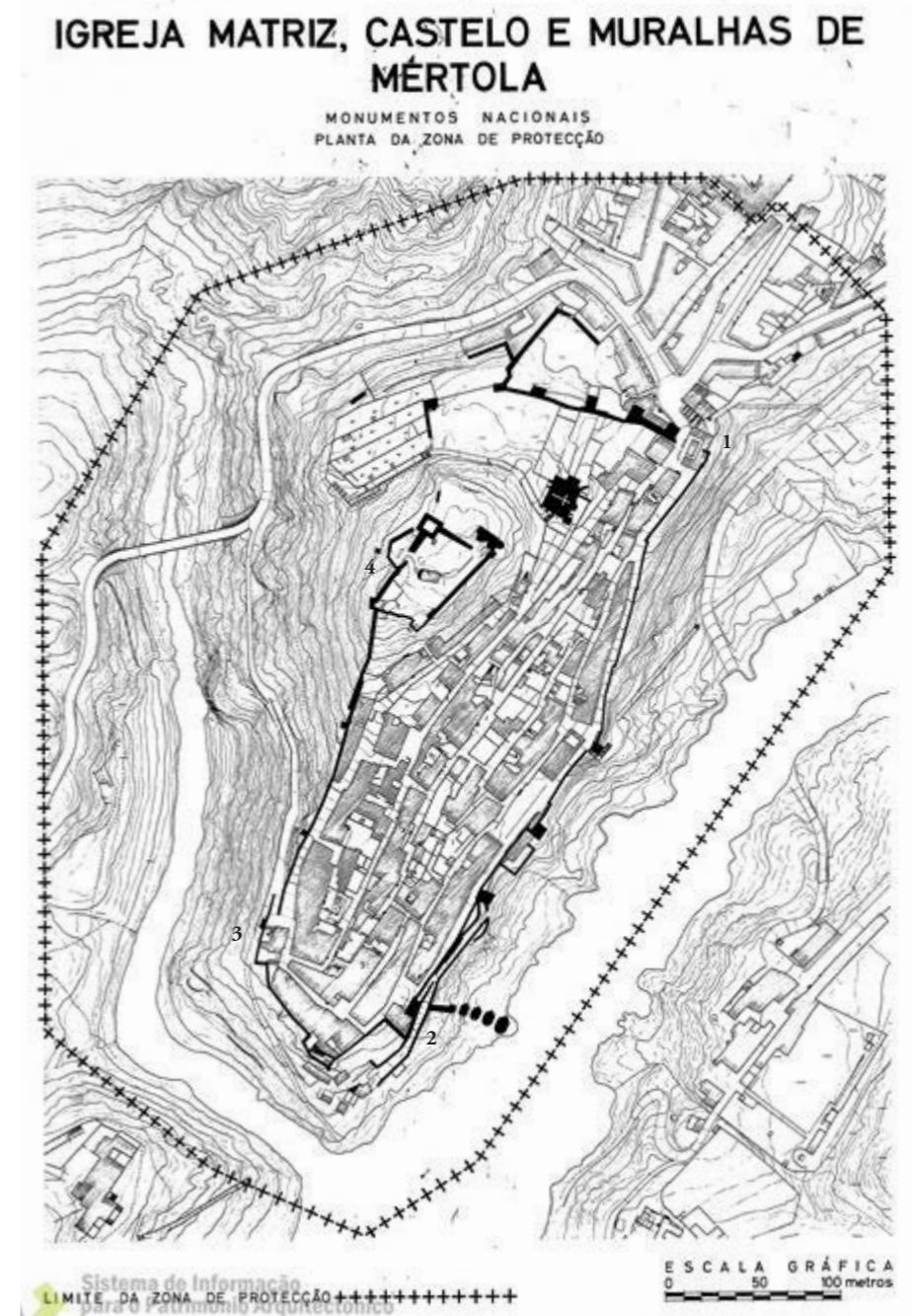


Fig. 53- Planta da cerca muralhada de Mértola e do limite da zona de protecção.
 1. Porta da Vila 2. Porta da Ribeira 3. Porta do Buraco 4. Porta da Traição

Estudo das portas da muralha

As portas detêm um papel fundamental numa cintura muralhada: para além de transformar a relação da mesma com o espaço envolvente, assumem-se como um elemento de marcação e de contacto com o mundo exterior à urbe. Assim, a sua morfologia e composição no sistema defensivo transforma toda a sua imagem no contexto urbano.

Da época romana, surge um elemento, a cabeça de Cibele.¹²⁹ (fig. 50) Esta escultura representa uma cabeça coroada com uma muralha de duas entradas. Luís de Matos, interpretando essa escultura, sugere a existência de duas portas¹³⁰ nessa época, sendo elas, a Porta da Vila e da Ribeira, que se encontram no eixo principal da cidade.

Por outro lado, segundo Macias, no período islâmico apenas existiam duas portas, a Porta da Vila e a Porta da Ribeira¹³¹, sendo que, contrariamente a Macias, Mafalda Sampayo afirma já existirem as quatro, no mesmo período, a da Vila, a da Ribeira, a do Buraco e a da Traição.¹³²

A Porta da Vila e a da Ribeira, localizadas na rua Direita, atual Rua dos Combatentes da Guerra, o eixo principal da orientação comercial da cidade, sofreram diversas alterações e até mesmo parciais demolições. De acordo com a sua morfologia, Mazzoli-Guintard identifica quatro tipos de portas islâmicas (fig. 51): as portas direitas, de acesso direto; as de entrada em

129 MACIAS, Santiago, 2005, p.190.

130 MATOS, Luís de, 1995, pp.54-55.

131 MACIAS, Santiago, 2005, p.210.

132 SAMPAYO, Mafalda Gambutas, 2002, pp.282-283.

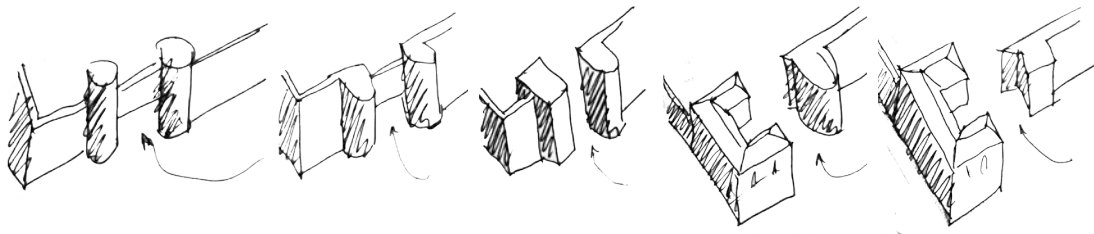
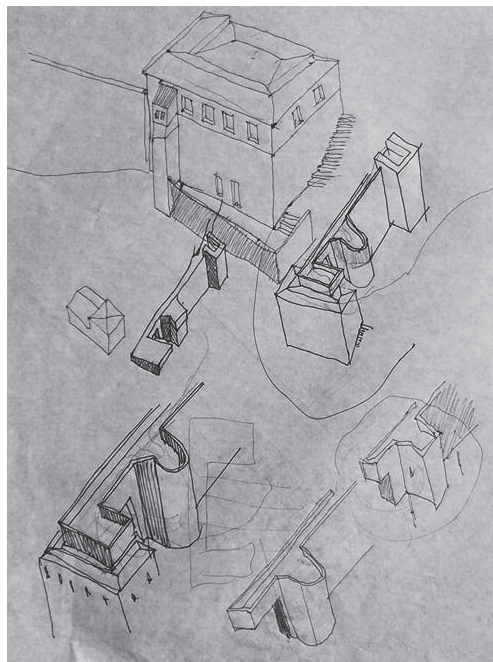


Fig. 54- Fases da Porta da Vila.

cotovelo; as de duplo cotovelo e as complexas de cotovelo¹³³, sendo que as duas últimas são de desenho complexo e não serão tidas em conta nesta análise.

De entrada principal servia a **Porta da Vila**¹³⁴ ou Porta de Beja, marcada pela estrada para Beja. Com base nas escavações do CAM, nas traseiras da Biblioteca Municipal e da Porta da Vila, em 2005, o torreão de época romana-republicana ou tardo romana de acesso direto¹³⁵ - com área maior do que a atual¹³⁶ - encontrava-se associado ainda a um troço de muralha.

A orientação desse troço descoberto sugere uma sobreposição à parede central da Biblioteca Municipal, antiga cadeia civil, de grande espessura. Isto é, o troço aparentemente sugere uma possível função defensiva, integrada na porta de entrada da vila tardo romana, visto que a sua espessura aparenta uma outra função da que atualmente desempenha. Poderia esta pertencer ao sistema de entrada da fortificação tardo romana, ladeada por um conjunto de torres? Embora seja escassa a informação relativa à sua configuração e localização, esta poderia assumir uma forma circular como em *Ammaia* e na Puerta de la Plaza Nova, em *Barcino* (Barcelona romana).

Ao olhar para a localização atual da Porta da Vila, esta remete inicialmente para a época islâmica, sendo que sofreu diversas transformações. A sua origem, porém, estaria, possivelmente, articulada com o termo dado por Duarte D'Armas, *atalaya*, termo esse árabe. Este refere-se a um torreão que faria parte de um conjunto de torres, principalmente de guarda, espalhadas pelo território alargado, sendo que estas estariam ainda associadas a outras de maiores dimensões que protegiam o núcleo urbano e, conseqüentemente, a sua população.¹³⁷ Considerando que, tal como acontece em Albarracín na Torre del Andador¹³⁸, o torreão poente pertenceria a uma rede de proteção, onde até agora foram encontradas outras duas distadas entre 2 a 3,5km de Mértola¹³⁹, para proteger o rio Guadiana e as respetivas fortalezas.

Numa primeira fase, Macias considera um desenho de torreões circulares, dando o exemplo de Ourique e de Aljezur, também a Porta do Sol de Coimbra e a Puerta del Mar em Alicante se encaixam nesta tipologia. Contudo, ao contrário de Macias, Cláudio Torres atribui uma

133 Desenho das portas em MAZZOLI-GUINTARD, Christine, 1996, pp.326-327.

134 Designada também por Porta do Sol. *Ibidem*.

135 BARROCA, Mário Jorge, 2012, p.246.

136 Parcela do torreão tardo romano encontrado na planta 7, em PALMA, Maria de Fátima, 2009, p.134.

137 ALMAGRO GORBEA, Antonio, 1987, p.73.

138 Ver planta de Albarracín com a torre em ALMAGRO GORBEA, Antonio, 1987, p.76.

139 ALMEIDA, João de, 1943, p.333.

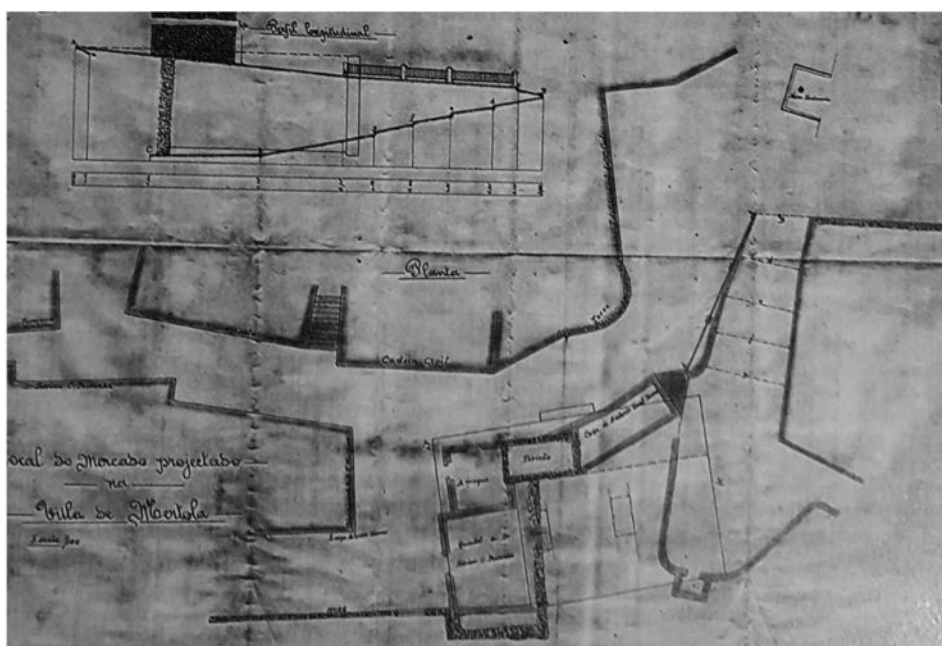


Fig. 55- Planta da zona do Mercado e do torreão semicircular.
Fig. 56- Torreão com forma semicircular, segundo fotografias da DGEMN.

forma semicircular na época islâmica, sendo esta de planta simétrica¹⁴⁰ e de acesso direto, cujo modelo é visível na Porta norte de Idanha-a-Velha (embora esta seja romana), na Puerta del Miño em Lugo, na Puerta del Sol em Iruña e na Puerta de Aljaferia em Zaragoza. A assim ser, ou pelo menos, a assumir essa tipologia, apenas uns registos fotográficos da DGEMN podem mostrar a forma semicircular que o torreão poente assumiu. (fig. 38) No entanto, a serem verdadeiras, estas duas versões precisariam de vestígios arqueológicos a corroborar as mesmas.

Atendendo ao facto que “o estabelecimento prisional foi deslocado para junto da porta de Beja, no início do século XIX, integrando uma extensa alteração na fisionomia desta área urbana”¹⁴¹, teria sido esta a altura da transformação dos torreões da Porta da Vila? Macias salienta que a torre, a leste, foi substituída por um torreão paralelepípedo, “com 7,00 m de altura, 6,00 m de comprimento e 3,50 m de largura”¹⁴², construído “um pouco a sul do local de implantação da primitiva porta.”¹⁴³. (fig. 55)

A construção do Mercado Municipal em 1915 implicou a destruição do torreão oriental “por ser destituído de valor utilitário ou arquitectónico”¹⁴⁴. Por outro lado, o torreão - ainda presente - foi considerado como um elemento a ser consolidado e reparado, a pedido da Câmara de Mértola à DGEMN¹⁴⁵, no ano de 1951, devido à “fenda que abriu no sentido vertical”¹⁴⁶. (fig. 56) Visto que a Igreja Matriz estava incluída no plano de trabalhos desta entidade, a Câmara solicitou a inclusão do castelo, muralhas e o torreão em questão. A inclusão destes trabalhos consistia em na “base circular junto ao mercado, (...) limpeza e empilhamento de material aproveitável; desentulhamento (...); reconstrução parcial da base circular com alvenaria hidráulica, incluindo a consolidação de fundações e escoramentos de muralhas.”¹⁴⁷

No entanto, o último parâmetro de reconstrução não teve em conta o detalhe original arredondado da torre, optando por uma configuração quadrada, provavelmente de acordo com os princípios românicos, no mesmo plano que o café Guadiana¹⁴⁸, o que conferiu uma

140 Planta na figura 4 em TORRES, Cláudio, 1992, p.193.

141 MATEUS, Rui, 2004, p.331.

142 Planta do Projeto do Mercado Municipal da vila de Mértola da CMM- Departamento Técnico, *apud* MACIAS, Santiago, 2005, p.210.

143 *Ibidem*, p.211.

144 “O Futuro de Mértola”, ano 2 nº101 (14.1.1915), *apud Ibidem*, p.210.

145 PORTUGAL. DGEMN. CMM. *Ofício nº696*, Maio de 1951.

146 PORTUGAL. DGEMN. CMM. *Ofício nº746*, Junho de 1951.

147 PORTUGAL. DGEMN. *Auto do concurso para a empreitada do Castelo de Mértola e do torreão circular da Porta da Vila*, Maio de 1952.

148 A CMM afirma como vantajoso o desaparecimento do café Guadiana, que se encontra apoiado nas muralhas, com o intuito de aliviar das pressões causadas por esse edifício na muralha, no entanto, sem efeito. PORTUGAL. DGEMN. CMM. *Ofício nº1637*, Novembro de 1952.



Fig. 57- Porta da Ribeira no desenho de Duarte D'Armas, 1510.

perda de importância deste elemento como porta de entrada da vila muralhada. Outra das razões pela destruição desse pormenor, derivava do facto de o acesso, principalmente de viaturas, ser dificultado pelo estrangulamento da via, causado pela tensão entre o torreão e o Mercado Municipal.

Ainda no eixo comercial de Mértola, situa-se a **Porta da Ribeira**¹⁴⁹, a de maior concentração urbana por dar acesso ao rio, caracterizada pela entrada em cotovelo como a de Faro, ainda presente na malha urbana. De acordo com o desenho de Duarte D'Armas, este era um torreão de grandes dimensões (fig. 57), *“funcionando no seu topo, como local de vigia e controlo da área do porto.”*¹⁵⁰ A importância desta porta, desde a época romana, permanece devido ao rio como referência comercial e via de comunicação.

No topo da referida porta, contemporânea das obras da *“igreja do Espírito Santo e seu hospital anexo”*¹⁵¹, está implantada a capela de Santiago. Esses dois espaços religiosos e a Igreja Matriz, situada junto do castelo, formavam uma *“triade de espaços religiosos”*¹⁵² da vila tardo medieval. A capela de Santiago, datada de inícios do séc. XVI, seguia o traçado do antigo torreão quadrangular - destruído devido à perda de funções militares - de forma a manter a entrada para a vila em cotovelo. A capela era composta por uma nave, com *“paredes em taipa e telhado de duas águas”*¹⁵³ e por uma cobertura em madeira com duas entradas, *“uma na fachada principal, virada à rua, e outra na parede voltada à rampa da porta da ribeira.”*¹⁵⁴

Decorrente do seu estado de ruína e da não promoção da sua reparação, na mesma campanha de obras da nova abóbada gótica da Igreja Matriz, sagrada em 1558, a meados do séc. XVI, foi cedido este espaço pelo comendador, D. João de Mascarenhas, à Misericórdia local¹⁵⁵, onde foi erguida, sobre as ruínas, a capela de Nossa Senhora da Misericórdia.

No entanto, com a crise económica e administrativa do séc. XVIII e a dessacralização da mesma, o conjunto religioso acabou por ser abandonado. Apenas mais tarde, nos finais do séc. XVIII e inícios do séc. XIX, com a transformação das funções urbanas, se construiu a sacristia da igreja, *“sobreelevando-se as paredes defensivas e cobrindo depois, com telhados de*

149 Designada de Porta da Água pelos árabes. MALDONADO, Basilio Pavón, 1993, p.38.

150 LOPES, Virgílio, 2014, p.135.

151 BOIÇA, Joaquim, 1994, p.42.

152 *Ibidem*.

153 *Ibidem*, p.54.

154 *Ibidem*.

155 MATEUS, Rui, 2004, p.325.

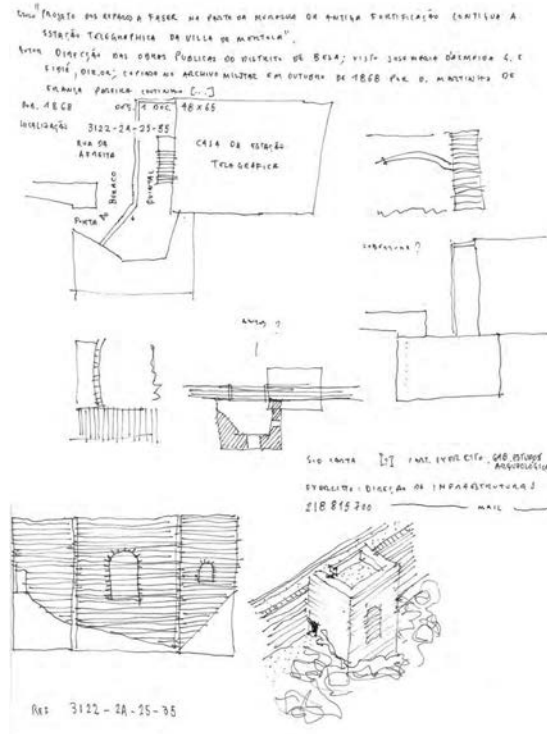
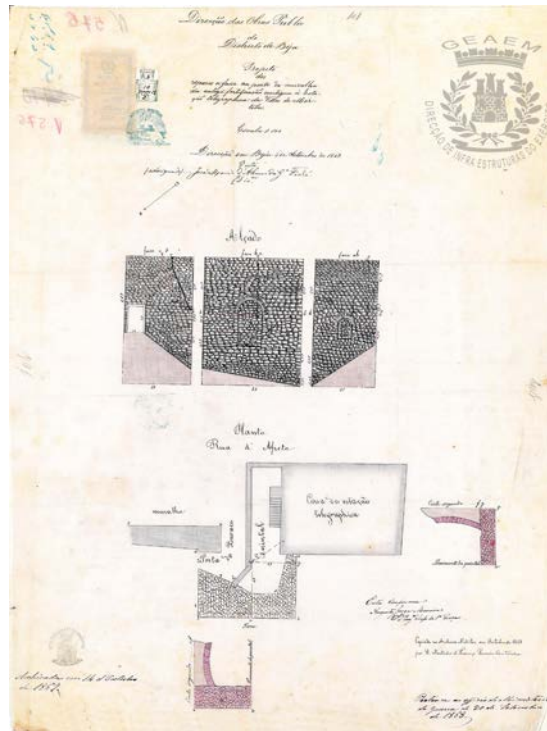


Fig. 58- Levantamento de Augusto Jorge Moreira, 1867.

Fig. 59- Desenho de Miguel Reimão Costa, 2016.

*tesouro*¹⁵⁶, e, ainda, na sapata da antiga torre, surge uma habitação - atual oficina de ourivesaria e espaço expositivo - “*que nos anos 80 do século XX foi ligada interiormente com a nave da igreja*”¹⁵⁷.

Embora posteriores à Reconquista, a Porta do Buraco e a Porta da Traição, ambas de finais do séc. XIII¹⁵⁸, também fazem parte deste conjunto de ligações ao exterior do perímetro muralhado, sem perder o seu carácter defensivo.

No seguimento da rua António Elias Garcia, antiga rua da Afreita, virada a oeste para a ribeira de Oeiras, a **Porta do Buraco** encontrava-se adossada à antiga estação telegráfica, atual edifício habitacional da Autarquia, com a qual se relaciona, “*na sequência da Regeneração e das políticas e reformas dos transportes e das comunicações gizadas por Fontes Pereira de Melo*”¹⁵⁹.

Com base no desenho de Augusto Jorge Moreira, *Projeto dos reparos a fazer na parte da muralha da antiga fortificação contigua à Estação Telegraphica da Villa de Mértola*¹⁶⁰ (fig. 58), e na proposta de Miguel Reimão Costa¹⁶¹ (fig. 59), a sua volumetria seria uma torre retangular, cujas dimensões seriam 8,8mx5,8mx6,87m, aproximadamente, integrando o sistema defensivo junto à ribeira de Oeiras. Assim, situada na atual entrada da Vila a poente, esta funcionaria como uma torre com uma entrada dissimulada, em cotovelo, para o exterior da urbe. A sua destruição, no final do séc. XIX, deve-se, assim como a Porta da Vila, à “*reformulação dos acessos à vila intramuros*”¹⁶².

Por fim, a **Porta da Traição**¹⁶³ ou *porta falsa*, termo utilizado nas diversas plantas de castelos de Duarte D’Armas, no mesmo pano de muralha virada à ribeira de Oeiras, fazia a ligação entre o paço dos freires da Ordem de Santiago e o exterior da cidade, através da barbacã a poente. Contemporânea ao castelo cristão, esta porta, de escala reduzida, “*rasgada sobre zonas de acesso difícil, destinada ao envio de emissários em caso de cerco*”¹⁶⁴, que dava acesso ao exterior, permaneceu até à atualidade, embora sem o contacto da barbacã ao exterior da urbe.

É a partir da análise temporal que as reinterpretações de todas estas portas serão apresentadas.

156 *Ibidem*.

157 *Ibidem*.

158 Segundo MACIAS, Santiago, 2005, p.211.

159 COSTA, Miguel Reimão, 2016, p.124.

160 GEAEM/DIE, 1867.

161 Desenho proposto nos cadernos de campo e levantamento para o projeto de investigação presente em COSTA, Miguel Reimão, 2016.

162 *Ibidem*, 2016, p.124.

163 SAMPAYO, Mafalda Gambutas, 2002, p.283.

164 BARROCA, Mário Jorge, 2012, p.247.

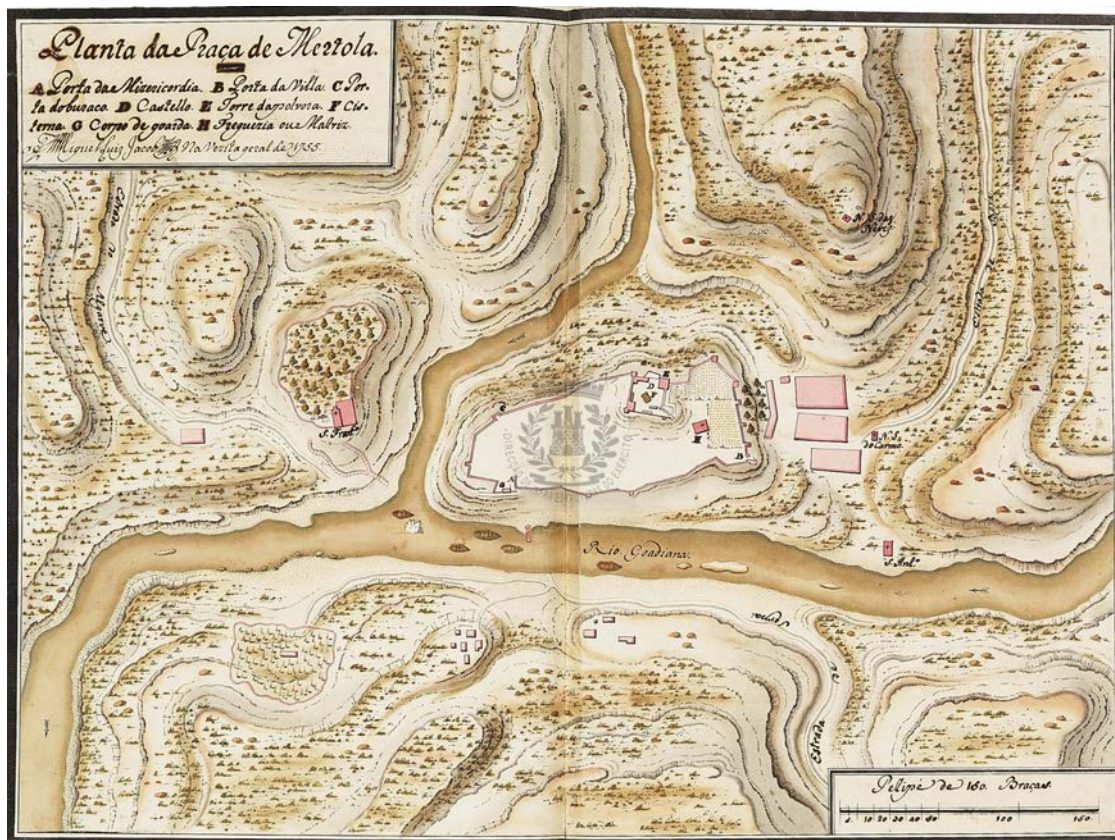


Fig. 60- Planta de Miguel Luiz Jacob, 1755.

A procura de um desenho faseado das diversas portas demonstra uma tentativa de compreensão do espaço urbano ao longo das diferentes épocas e o impacto das mesmas no casco urbano.

Relativamente ao traçado atual da Porta da Ribeira e ao levantamento da Porta do Buraco por Miguel Reimão Costa, estas remetem para construções pós séc. XI, visto que apenas a partir da segunda metade do século XI começa a aparecer o sistema de porta em engra ou cotovelo¹⁶⁵. Após a Reconquista, segundo Joaquim Boiça, a Porta da Vila e a da Ribeira foram “*refeitas (...) em finais do século XIII, em particular a chamada porta da ribeira, sobre a qual se elevará um torreão, quadrangular, de grande porte*”¹⁶⁶, representado no desenho de Duarte D’Armas. (fig. 41)

Por outro lado, admitindo que a Porta da Vila possa ter assumido qualquer uma das propostas de Macias e Cláudio Torres, sem excluir também a possibilidade de nenhuma delas ter existido, seria possível assumir que a mesma tenha adotado uma entrada em cotovelo, como a porta de entrada do Castelo e a Porta da Ribeira? A considerar esta possibilidade, sem dados arqueológicos, surgiram desenhos como a *Planta da praça de Mértola*, de 1755, por Miguel Luiz Jacob¹⁶⁷ (fig. 60), que entendo ir ao encontro desta perspectiva. Assim, esta talvez possa ter seguido vários modelos, tais como, a Porta da Vila em Faro¹⁶⁸, a Puerta Monaita e Elvira em Granada, a Puerta de la Justiça e das Armas em Alhambra e a Puerta del Capitel e del Alpendiz em Badajoz. Esta hipótese, apesar de não conclusiva, deve ser tida em conta visto que está presente noutros momentos arquitetónicos em Mértola, até agora nunca antes considerado.

As propostas de volumetria aqui apresentadas possuem um carácter meramente hipotético. Nesse sentido e tendo em conta a importância do elemento da porta para a investigação desta urbe em particular, a análise aqui feita torna-se pouco conclusiva, dadas as constantes sobreposições de edifícios e construções, ou pelo simples desmantelamento das portas em estudo.

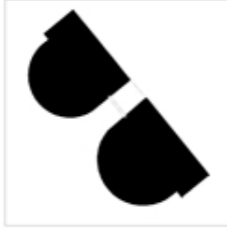
165 Almeida, 1986, p.37, *apud* TORRES, Cláudio, 1998, p.76.

166 BOIÇA, Joaquim, 1994, p.51.

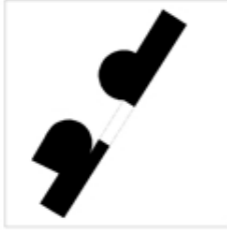
167 GEAEM/DIE, 1755.

168 Planta em MALDONADO, Basilio Pavón, 1993, p.74.





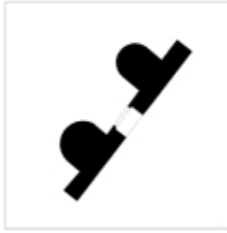
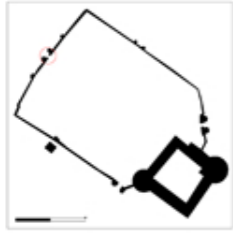
Puerta del Miño
Lugo, Galicia, Espanha
Época Romana



Puerta Decumana
Barcelona, Espanha
Séc. IV



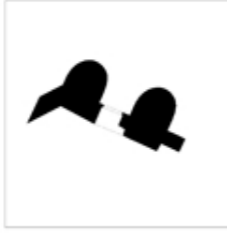
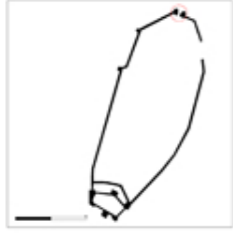
Porte de Château
Carcassonne, França
Séc. XII



Porta Noroeste do Castelo
Vila Viçosa, Portugal
Séc. XIII



Porte Narbonnaise
Carcassonne, França
Séc. XIII



Porta da Vila
Monsaraz, Portugal
Época medieval



Porta Norte da Vila
Idanha-a-Velha, Portugal
Época Romana



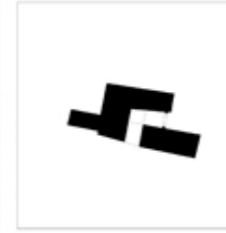
Porta do Castelo
Mértola, Portugal
Época Islâmica



Puerta de la Justicia
Alhambra, Espanha
Séc. XIV



Puerta del Cómpe
Cádiz, Espanha
Séc. XI



Puerta de las Pesas
Granada, Espanha
Séc. XI



Puerta del Água
Niebla, Espanha
Época Almóada

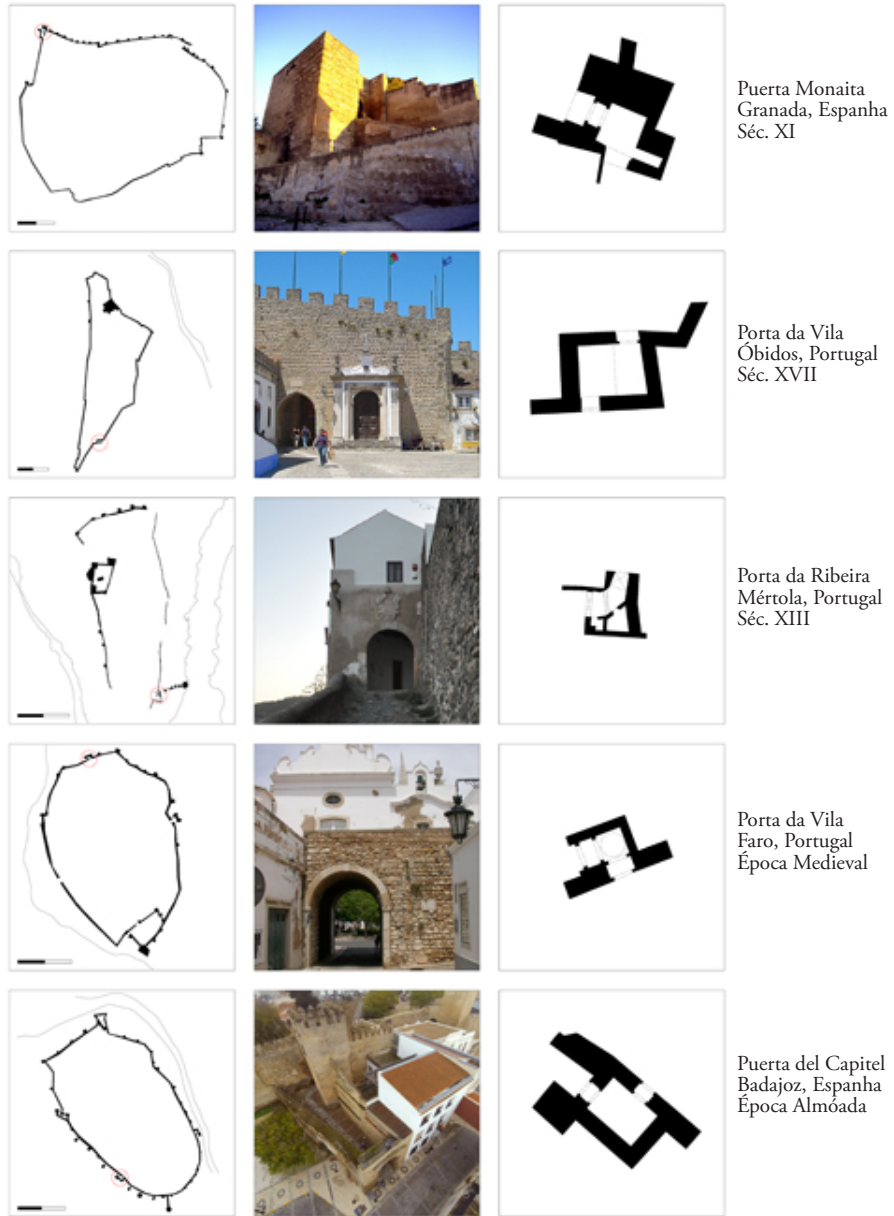
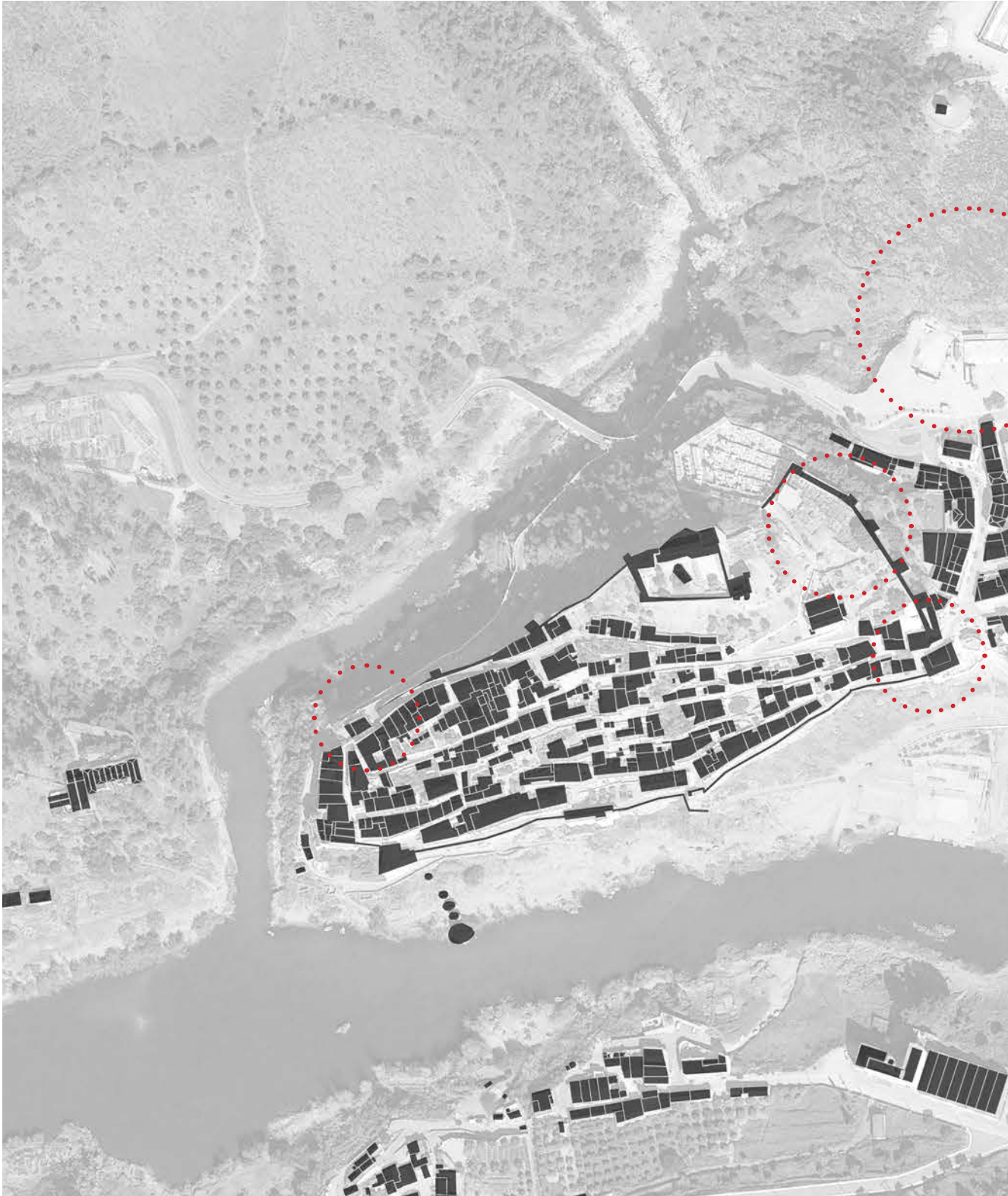


Fig. 61- Mapa tipológico de análise de portas.



1

2

3

3



Fig. 62- Planta da área de intervenção do grupo.

1. Encosta da Senhora das Neves e Nacional 122, Sofia Figueiredo
2. Alcáçova e Muralha adjacente, Beatriz Vilarinho e Ana Pais
3. Portas da Vila, Ana Pais



Fig. 63- Planta de intervenção na Encosta da Senhora das Neves.

Projeto

O projeto desenvolvido no âmbito de Atelier de Projeto II tem por base a Arquitetura e a Memória. A memória sustenta-se na fonte histórica retratada em documentos oficiais, bibliografia muitas vezes resultante das escavações arqueológicas, fotografias antigas, e, principalmente, pelas ruínas deixadas no terreno constantemente transformadas pela evolução da urbe. Esta, retratada também pela história das entradas principais da vila, pelas suas portas e pela cerca urbana que delimita e protege Mértola.

Nesse sentido, a estratégia urbana, desenvolvida em grupo de estudo, incidiu sobre três focos de ação: 1- a estrada nacional 122 que serve de via de ligação rodoviária entre Mértola e o Algarve; 2- a área da alcáçova e a muralha adjacente; 3- as portas da vila com ligações entre o casco urbano histórico e as construções modernas. (fig. 62)

O objetivo desta estratégia de grupo passou por reforçar as ligações entre o contexto histórico e o contemporâneo, assim como redesenhar os elementos que marcam a entrada da vila. Pretendeu-se também integrar as ruínas na perceção da cidade e no seu percurso urbano; conservar e valorizar as estruturas existentes, acrescentando uma nova imagem; e reaproveitar a matéria existente como princípio da reflexão das possíveis formas do que outrora existiu.

Estrada nacional 122

A estrada nacional 122, como uma das entradas viárias principais, encontra-se adossada à encosta da Senhora das Neves. (fig. 63) Esta encosta, em tempos, formava um vale com a



Fig. 64- Configuração da encosta original, Ante plano, 1963.





Fig. 65- Ilustração de Mértola nos finais do séc. XVIII.
Fig. 66- Fotomontagem do pavilhão multiusos do vencedor do concurso.



Fig. 67- Planta de intervenção na alcáçova e muralha adjacente (pano norte).

zona histórica da vila de Mértola. O conjunto de encostas que envolviam a urbe é ilustrado numa gravura de finais do séc. XVIII (fig. 65), onde é visível a forte ligação entre a basílica de Nossa Senhora do Carmo, a igreja de Nossa Senhora das Neves, o castelo de Mértola e a muralha. Contudo, esta perspetiva foi-se perdendo devido à destruição da basílica e das contínuas ocupações. Atualmente, esta encosta perdeu o seu desenho original e transformou-se num aterro destinado a estacionamento público, onde é ocupado semanalmente pelos feirantes locais.

No ano de 2016, a Câmara Municipal lançou um concurso público para a construção de um pavilhão multiusos sobre este aterro. A obra foi adjudicada, com um investimento de 2.800.000€, a qual pretende criar um pavilhão multifuncional de forma a albergar vários eventos, exposições, ou seja, atividades variadas e de carácter público. (fig. 66)

De acordo com o Boletim Municipal, esta obra terá dois pisos: o piso da cave, destinado ao estacionamento público, podendo também ser utilizado como área de exposição cultural; e o piso térreo que terá uma recepção, instalações sanitárias, uma cafetaria, áreas técnicas, armazéns e balneários de apoio ao programa cultural. O exterior do piso térreo será marcado por um miradouro e por uma área que servirá de posto de informação e até mesmo de bilheteira.¹⁶⁹

Tendo em conta esta problemática, a proposta, desenvolvida pela aluna Sofia Figueiredo, para intervir neste foco de ação passou por redesenhar este pavilhão multiusos, recriando a forma original da encosta da Senhora das Neves. Com isto, a proposta procurou reforçar o contacto entre a urbe e a encosta, criar um parque natural com um programa multifuncional e resolver a questão do estacionamento num nível subterrâneo. Assim, uma nova imagem foi definida para uma das entradas principais de Mértola, onde a natureza prevalece com um espaço urbano.

Alcáçova e a muralha adjacente

A alcáçova (fig. 67) encontra-se assente num criptopórtico de finais do séc. III, onde estão expostas testemunhas importantes da época romana, islâmica e cristã. Esta área tem sido objecto de escavação desde 1978, sendo que atualmente se encontra na grande maioria já escavada e exposta ao público por um percurso de estrutura metálica. Esse inclui também



Fig. 68- Zona da alcáçova.

¹⁶⁹ CÂMARA MUNICIPAL DE MÉRTOLA, 2016, p.6.



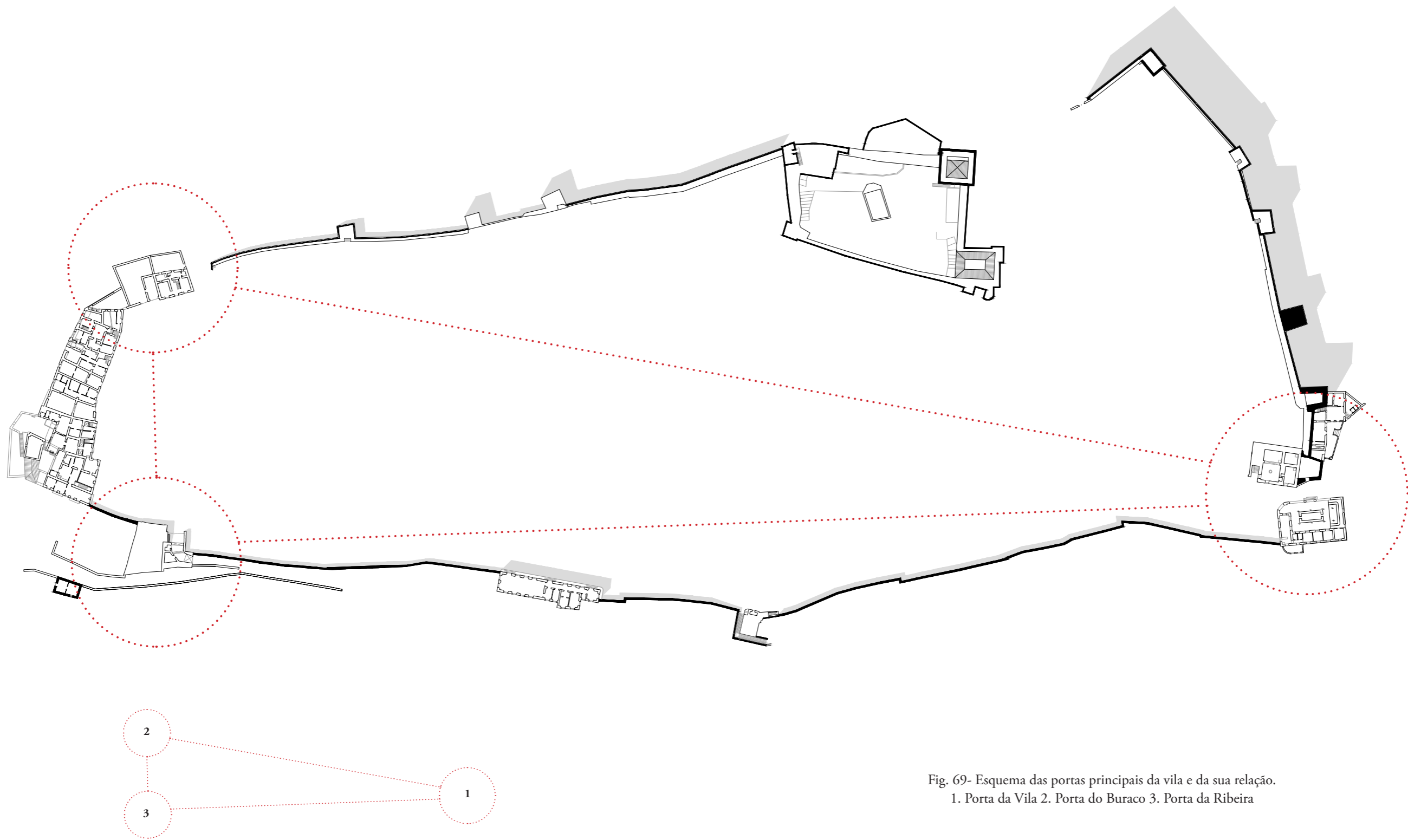


Fig. 69- Esquema das portas principais da vila e da sua relação.
1. Porta da Vila 2. Porta do Buraco 3. Porta da Ribeira

parte do pano norte da muralha, um acesso ao criptopórtico e culmina com a entrada principal do castelo marcada por um pavimento em mármore.

Sendo que atualmente o único ponto de acesso ao cemitério é feito dentro do espaço da alcáçova, este percurso divide a zona arqueológica em duas partes distintas e desconexas. No entanto, o percurso de acesso ao cemitério impede a continuação de futuras escavações arqueológicas por parte do Campo Arqueológico e impede, acima de tudo, uma leitura global coesa do espaço do antigo poder cívico. (fig. 68)

O projeto, desenvolvido pela aluna Beatriz Vilarinho, pretende desenhar um novo acesso ao cemitério, integrando-o num percurso que valorize as muralhas. Para uma melhor fruição do espaço arqueológico, o acesso ao cemitério passa a ser feito em continuidade com a estrada nacional 122, seguindo o alinhamento e vestígios da muralha romana, com o intuito de reforçar os alinhamentos das ruínas e da memória inerente às mesmas. Essa ideia de libertar o espaço arqueológico para uma melhor fruição do espaço foi um dos pontos de estudo no Workshop Internacional de 2016 em Roma: *la Città e i Fori: l'area archeologica centrale*, onde é proposta uma alternativa de percurso para a área arqueológica romana, considerando a necessidade da vivência dos cidadãos e da sua acessibilidade à cidade.

Deste modo, é proposto um percurso verde que vem da encosta da Senhora das Neves, passa pelo cemitério, seguindo pelo café Guadiana até ao castelo, percurso esse feito pelas muralhas. Ao longo deste percurso, entre os edifícios da rua Alves Redol e o pano norte da muralha, poder-se-ia contemplar a porta de entrada do antigo fórum romano e a muralha através da criação de um anfiteatro ao ar livre.

Na zona da alcáçova pretende-se reutilizar as matérias dos pavimentos existentes, como por exemplo o de mármore que dá acesso ao castelo, nos novos percursos e ainda definir uma nova cobertura para o batistério que ainda se encontra em fase de escavação.

Portas da Vila

A morfologia das portas é, por vezes, indefinida ou inexistente, visto que a perda das funções militares da muralha fez com que a muralha e as suas portas se fossem desmoronando, chegando até a desaparecer completamente. A recomposição das muralhas deve-se, em grande medida, à ação da DGEMN durante os anos 40 e 50. Assim, este último foco de ação, as portas da vila, será o objeto de estudo desta dissertação. (fig. 69)



Fig. 70- Muralha norte e Café Guadiana, 1960.



Fig. 71- Muralha norte e Café Guadiana, 2017.

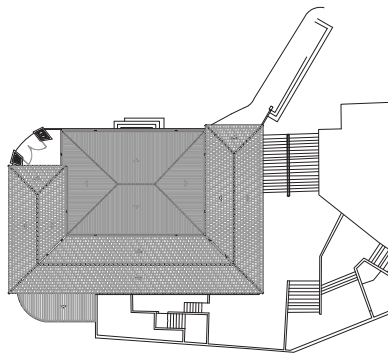
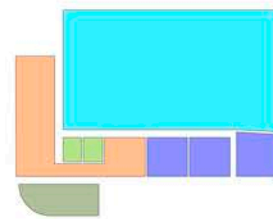
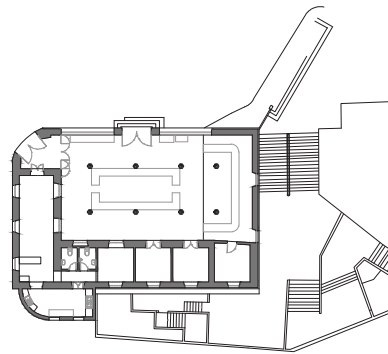
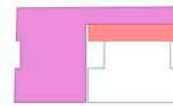
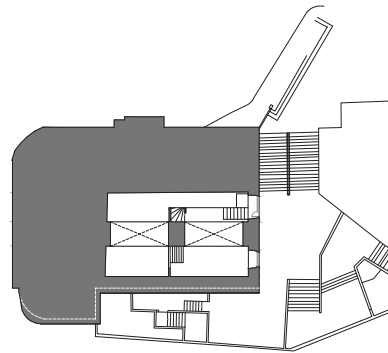
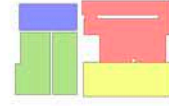
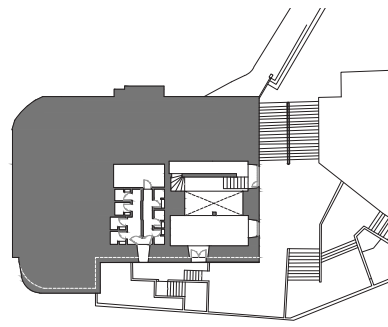










Fig. 72- Estado do Mercado antes das obras do Arq. Eugénio Castro Caldas.

 Circulação	 Zona de Teares	 Instalações sanitárias	 Sala de refeições
 Arrumos	 Zona de Tecelagem	 Mercado	 Cozinha

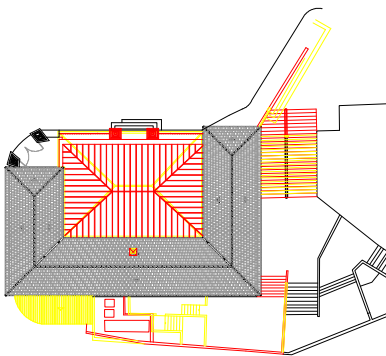
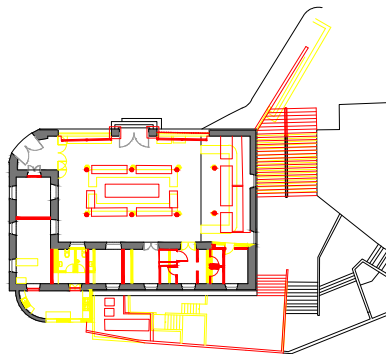
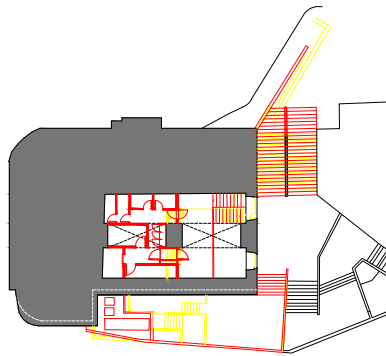
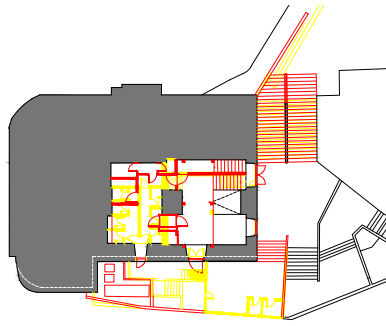


Fig. 73- Transformações do Mercado Municipal.

Construção

Demolição

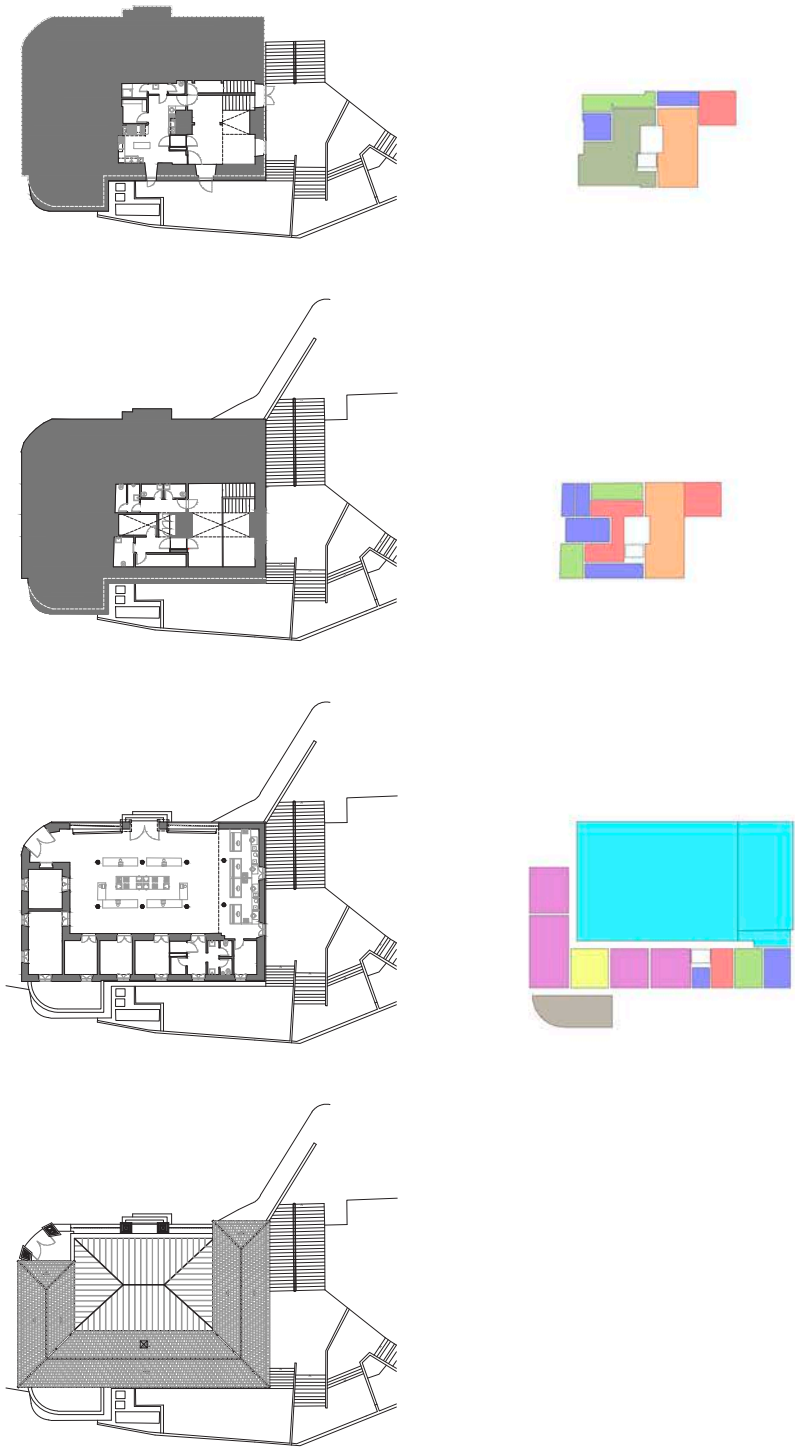


Fig. 74- Estado atual do Mercado Municipal.



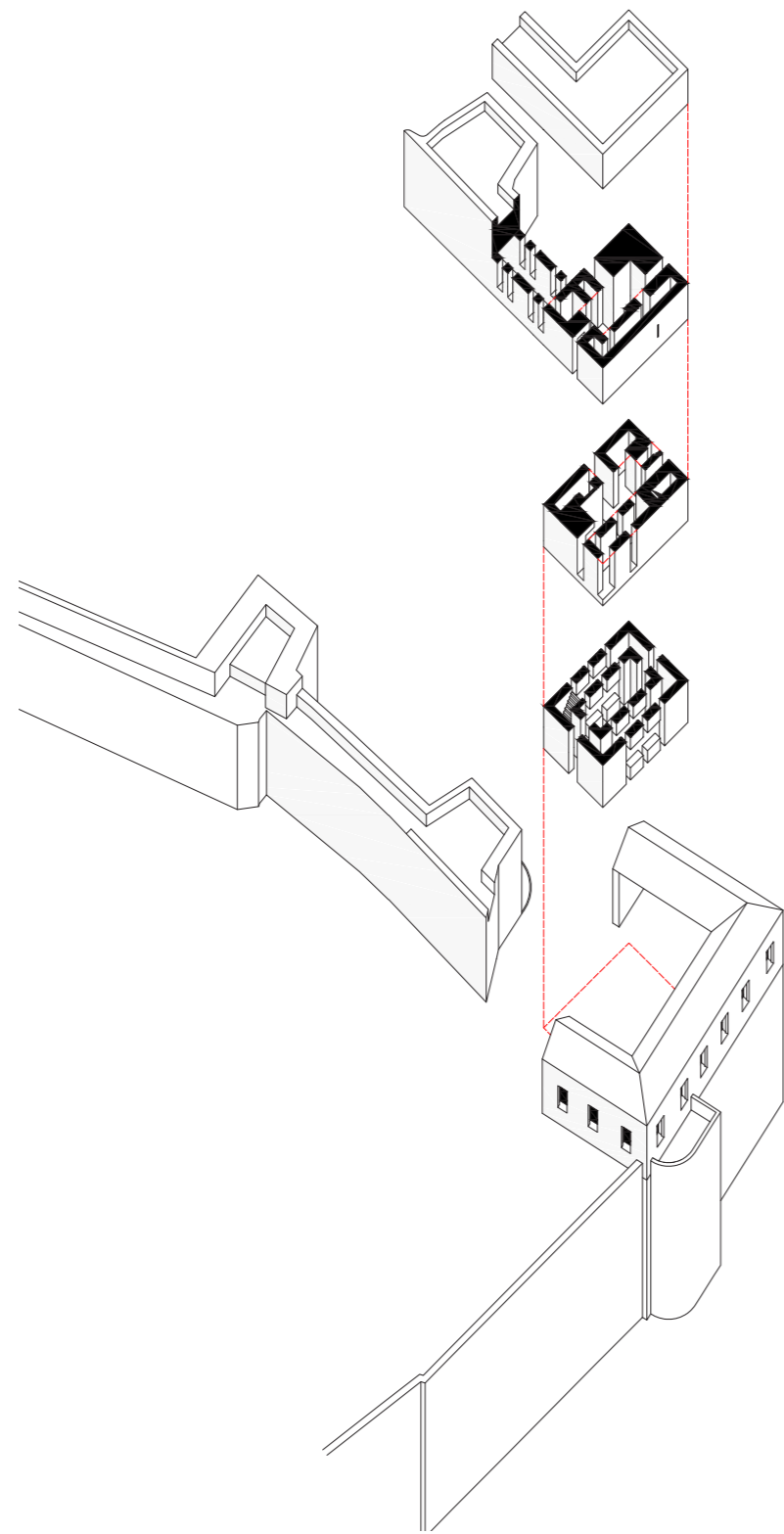


Fig. 75- Ideia inicial de projeto com orientação paralela à original.

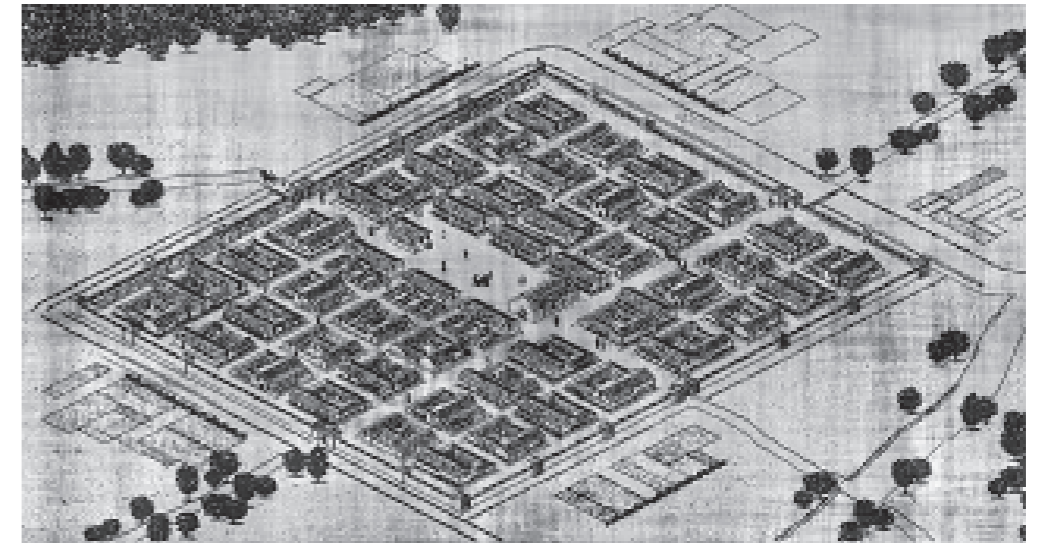


Fig. 76- Emona romana.
Fig. 77- Porta marcada pela pirâmide de Plečnik.

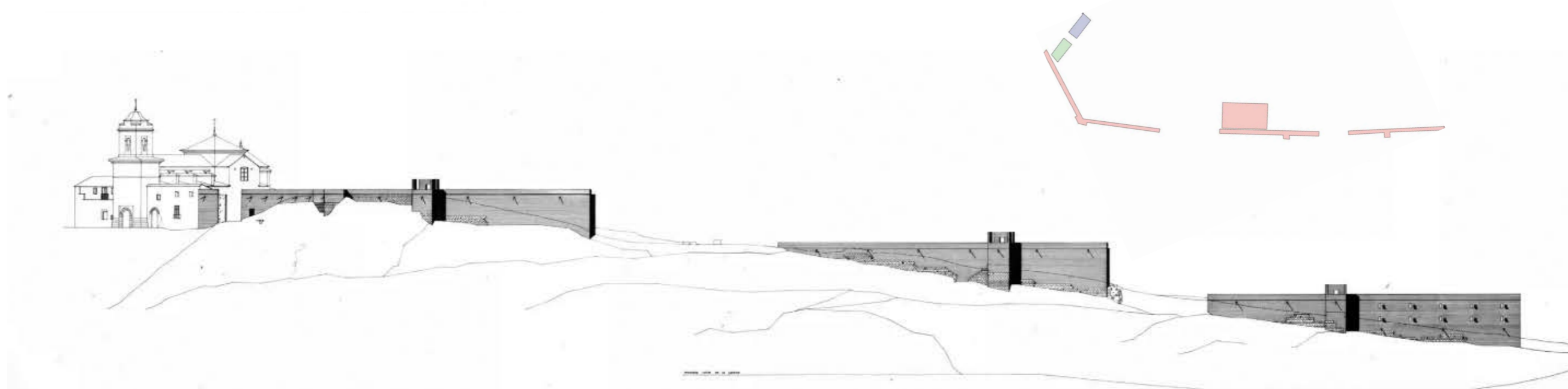
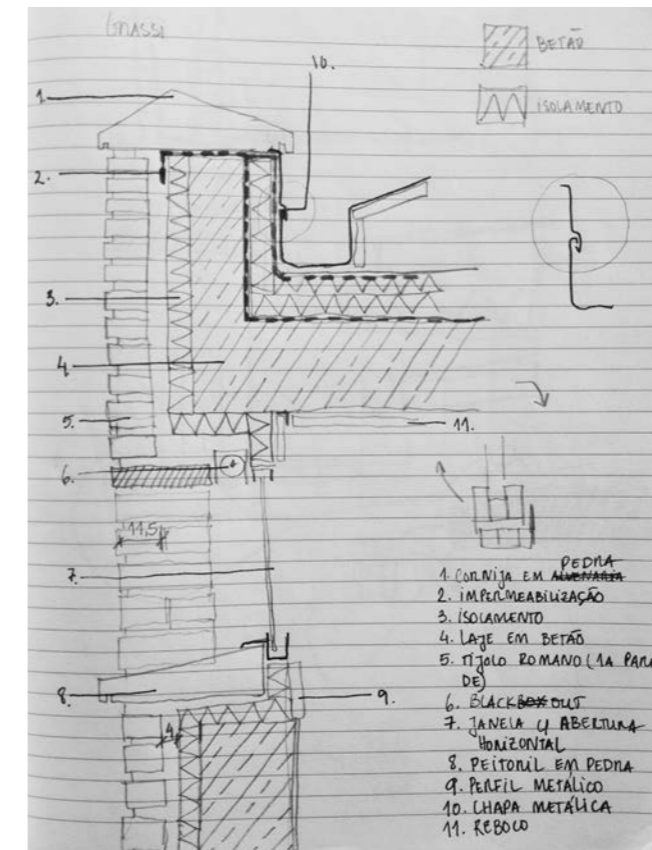
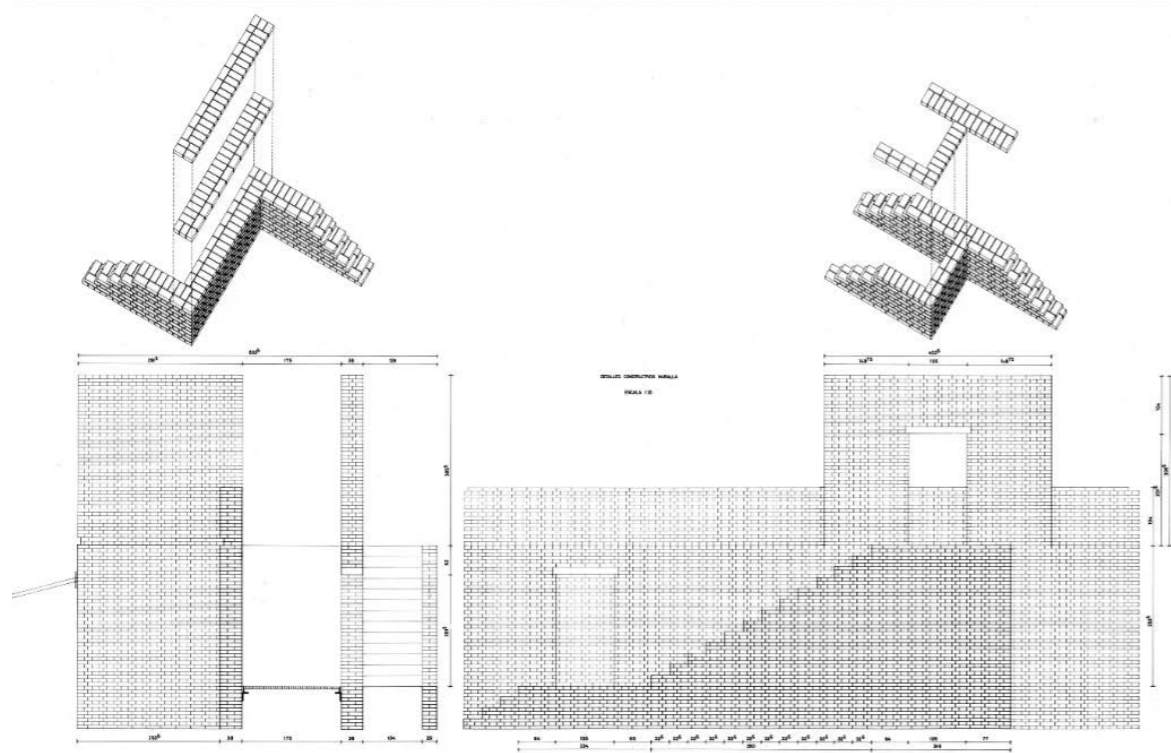


Fig. 78- Construção da muralha de Xátiva, por Grassi, 1983.
 Fig. 79- Alçado da muralha de Xátiva, Grassi, 1983.

Fig. 80- Esquema de pormenor construtivo de uma das obras de Grassi, onde utiliza alvenaria.
 Fig. 81- Esquema de funções do projeto de Grassi em Xátiva, 1983.

Como forma de compreender as estratégias de intervenção em património desta escala e analisar as relações entre o que é existente e o que é novo (intervenção), a imagem na envolvente, a volumetria no existente, foram considerados dois estudos de caso. De acordo com a forma, o caso de Plečnik e de acordo com a função, o caso de Grassi.

É na atual cidade de Ljubljana, em Eslovénia, que surgem vestígios importantes da sua época romana. A muralha romana da *Colonia Iulia Emona* (Ljubljana atual) (fig.76) remete para os sécs. XV, construída pelo Imperador Augusto e cerca todo o centro da cidade, o que a torna um elemento importante no tecido urbano. Esta cidade encontra-se dividida, pelo rio Ljubljanica, em dois, uma zona histórica de acesso ao castelo e uma zona comercial e política. Em grande parte, muita da arquitetura de Ljubljana deve-se ao arquiteto Jose Plečnik, durante os anos 1882 e 1957. Para além das suas construções neoclássicas, Plečnik procurou integrar vestígios arqueológicos nos seus projetos. Este processo conferiu uma nova linguagem arquitetónica, onde se valoriza a arqueologia como elemento importante na compreensão e história da cidade onde foram descobertos.

Deste modo, com carácter público, a intervenção na muralha romana de *Emona* por Plečnik destaca-se pela imagem que a mesma optou por criar, com elementos simbólicos que marcaram as antigas entradas da cidade romana. Uma das portas, em forma de pirâmide (fig. 77) remete para a Pirâmide de Céstio, em Roma, junto da Porta São Paulo, o que a torna uma referência para esta nova imagem da entrada da urbe intramuros.

O interior da cerca muralhada romana de *Emona* é caracterizada por um parque urbano, com elementos arqueológicos num percurso pedagógico, onde Plečnik em alguns momentos procurou recriar elementos arquitetónicos com diversos achados arqueológicos, quase como uma espécie de colagem de materiais.

Por outro lado, Grassi, em Xátiva, procurou redesenhar o limite urbano da antiga cidade islâmica. (fig. 79) Esse limite foi descoberto e em parte exposto, onde se observam dois tipos de intervenção: um de silhares de pedra de grande escala, que demonstra também elementos adaptados da época romana e um outro tipo de intervenção, mais recente, marcado por restos de alvenaria e pedras, aglomerado por cimento.

Grassi passou por integrar três tramos parciais da muralha islâmica no projeto, estabelecendo o ponto máximo de cada tramo como a cota 0 e sobrepondo esses elementos com tramos de

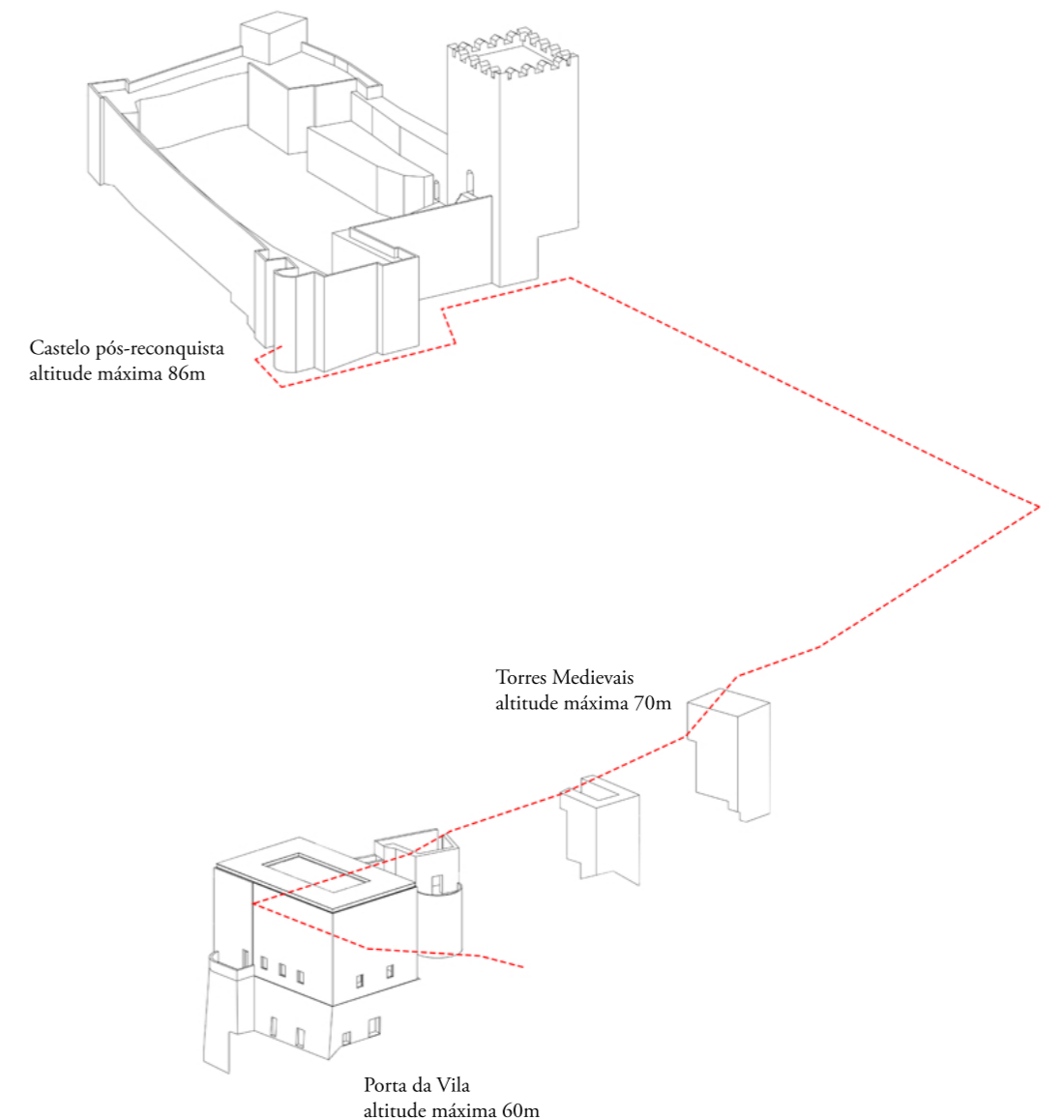


Fig. 82- Axonometria com ligações da Porta da Vila ao Castelo.





Fig. 83- Colagem de materiais do alçado interior da Porta da Vila.

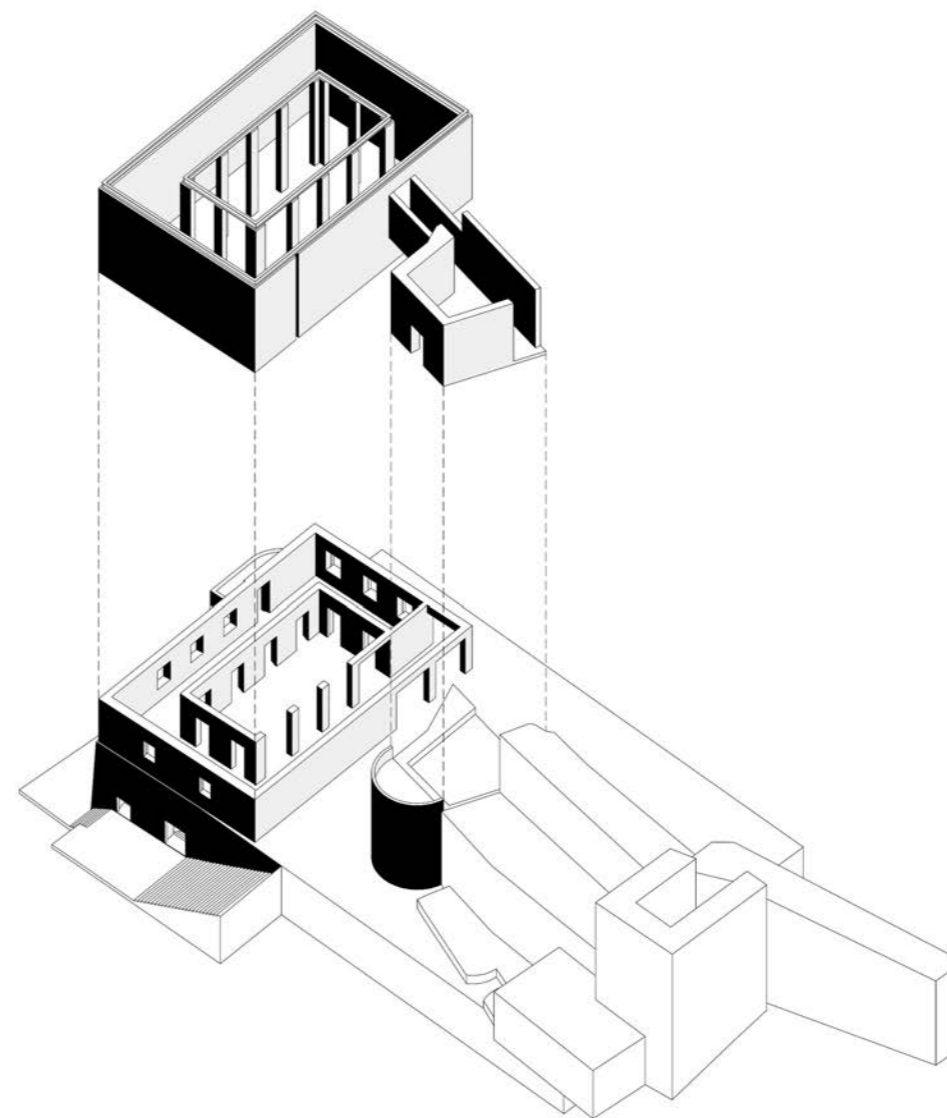


Fig. 84- Axonometria da estrutura da proposta para a Porta da Vila.

alvenaria, de uma parede. Estes tramos conectam-se por escadas externas, todas elas com a mesma materialidade da muralha “proposta” por Grassi, e encontram-se distadas de acordo com os vestígios arqueológicos para permitir uma visão geral para a cidade romana, situada no planalto.

Deste modo, a Porta da Vila, através da análise histórica e fotográfica analisada no capítulo anterior, é considerada como uma *atalaya*. Assim, a sua implantação remete para a localização e orientação do atual Mercado Municipal, como se verifica no desenho de Luís Miguel Jacob. A torre assumir-se-ia, então, na paisagem como um elemento de marcação, elevado num pedestal (atualmente ocupado pelo restaurante “O Migas”).

Assumindo esta configuração, a proposta para a porta principal da urbe passa por reinterpretar este elemento ligando-o com o existente e atribuindo a escala e o impacto que o mesmo teria no tecido urbano. Assim, o projeto, integrado no percurso urbano, procura desenhar uma nova entrada para a vila intramuros, ligando a cota térrea do Mercado Municipal com o torreão já existente e o respetivo percurso da muralha.

A forma deste novo elemento, a porta, segue a orientação do mercado e eleva-se sobre o mesmo, criando um claustro interior, completamente fechado do exterior. Isto permite criar uma imagem densa de uma torre, onde os vãos exteriores aparecem como seteiras na leitura da volumetria proposta.

Ao assumir a escala da muralha e o seu alinhamento, este elemento pretende assumir-se através da sua verticalidade, conectando-se também com o torreão e posteriormente com a continuação da muralha, dando, por fim, acesso à zona da alcáçova. (fig. 82) Esta visão encontra-se também latente no projeto de Grassi, na reconstituição da muralha em Xátiva, numa procura de um desenho limitador de um espaço descaracterizado, o limite da antiga muralha.

Esta nova torre integra-se, por isso, no Mercado Municipal. O seu programa pretende integrar as suas funções (de loja, de cafetaria, de mercado) na nova proposta de intervenção, complementando com uma vertente polifuncional nos pisos superiores. Essa vertente deve-se à falta de espaços públicos de grande escala, de forma a servir a comunidade com o valor e a dignidade a que a mesma representa.

Deste modo, a nova proposta tem como objetivo servir de representação cívica da comunidade

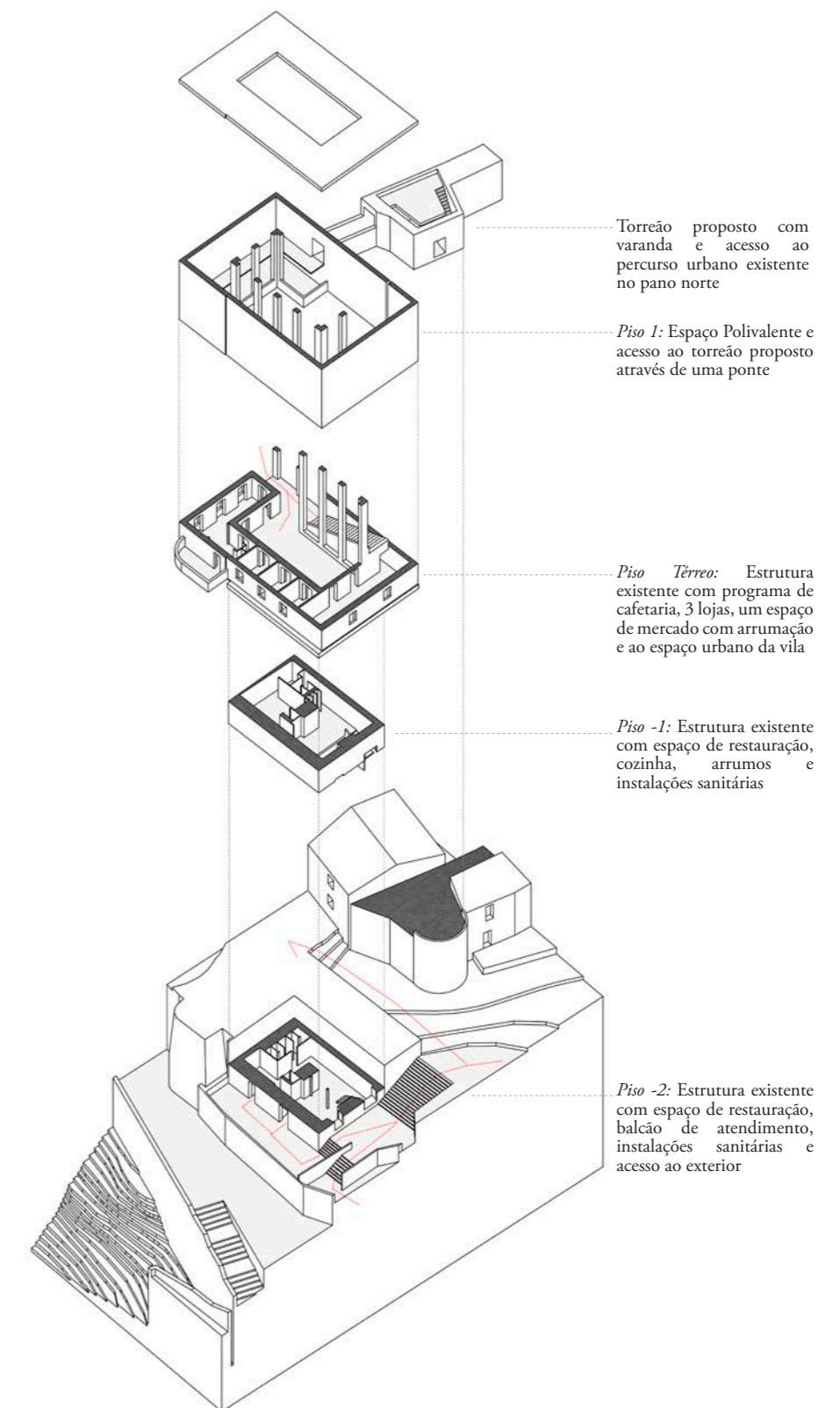


Fig. 85- Axonometria da proposta com as funções dos respetivos pisos.





Fig. 86- Fotografia da estrutura de pedra existente no Mercado Municipal.
Fig. 87- Fotografias da materialidade encontrada na visita a Roma.

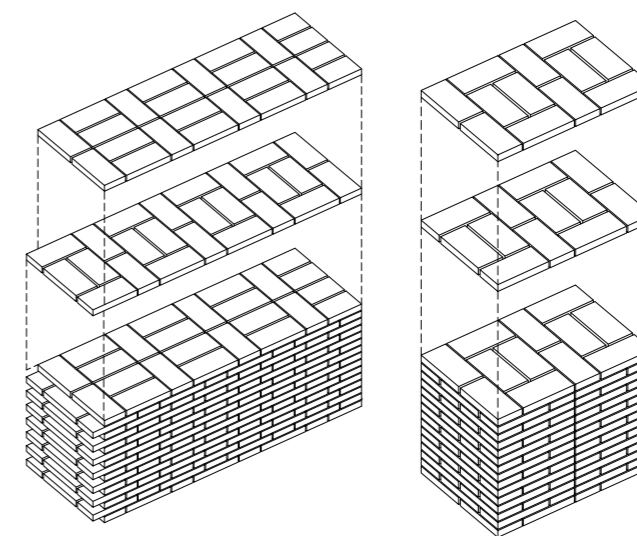
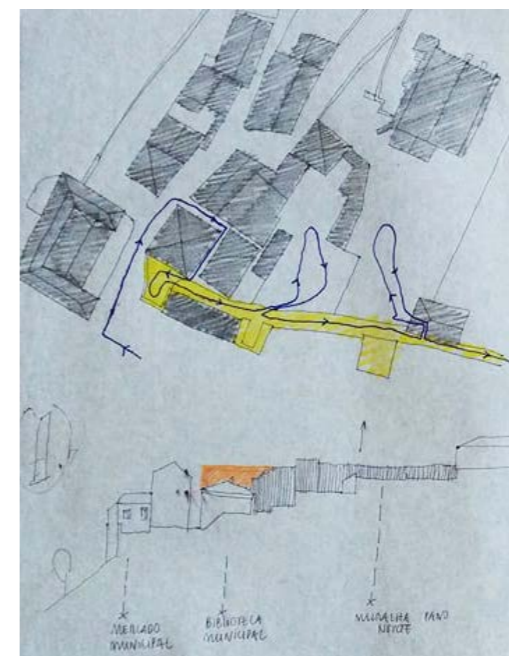


Fig. 88- Esquisso da ligação da Porta da Vila e da muralha.
Fig. 89- Esquemas da construção da parede e do pilar, respetivamente.

(fig. 82), onde se caracteriza pela sua diversidade de funções. Assim, este elemento pode servir de espaço para receção da Câmara Municipal, de mercado local onde os feirantes locais podem vender os seus produtos e promover os seus produtores locais aos visitantes, de miradouro para toda a vila e para o rio Guadiana, de um espaço comunitário para convívios comunitários, de receção de entidades públicas, de espaço aberto para conferências e palestras de interesse público.

O espaço interior pretende ser marcado por uma grande escadaria na entrada, onde é procurada uma continuidade entre o espaço público urbano e o interior da nova torre. No piso térreo, o espaço seria marcado por três lojas, destinadas à venda de produtos locais, de uma cafetaria e de uma esplanada exterior, com vista para o rio Guadiana. Por outro lado, o piso superior compõe-se por um espaço amplo, delimitado pelas colunas do claustro e por mobiliário urbano que aqui seria um banco. (fig. 85)

A ligação entre o primeiro e o segundo piso, seria marcada por um conjunto de elementos metálicos que fazem a continuidade do acesso do Mercado ao torreão. Esta ligação atravessaria o salão nobre até ao torreão por uma galeria aberta e pretendia recriar as galerias das antigas torres, onde existia uma passagem de um torreão ao outro.

No torreão é acrescentado, em altura, um volume, que em conjunto com o novo torreão no topo do Mercado Municipal marcariam a nova imagem da entrada principal de Mértola. Na nova proposta apresentaria um volume arredondado na sua fachada, com o intuito de realçar a sua volumetria do café Guadiana, visto que atualmente estes se encontram no mesmo plano. A saliência desse volume permitiria criar uma varanda no piso superior com vista para o resto da vila.

Tendo em conta a sua materialidade, foi tida em conta uma visita de estudo a Roma (fig. 87), onde o contacto entre a pedra e o tijolo se destacam na textura do espaço urbano. Assim sendo, o projeto para a Porta da Vila é marcado pela textura do tijolo alentejano (fig. 89), com o intuito de densificar esse espaço e de contrastar com a pedra, presente nos elementos existentes (torreão e base do Mercado). Esse contraste é fomentado, em grande parte, pela sua textura, visto que o tijolo caiado se integra na paisagem urbana. Por outro lado, o interior é marcado por abóbadas no nível inferior, de modo a densificar o piso térreo e de assentar o torreão proposto nos pisos superiores.

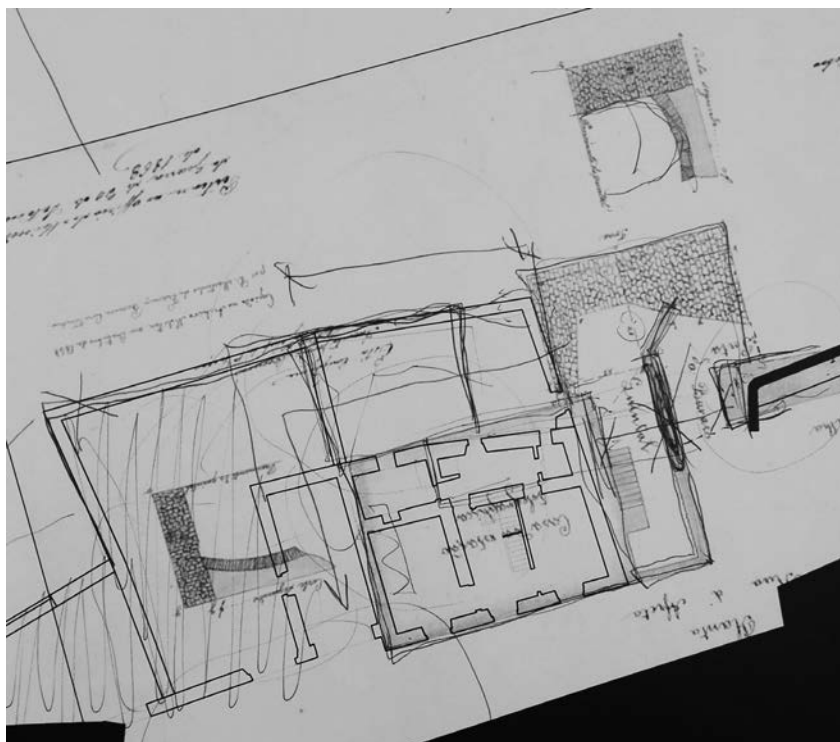
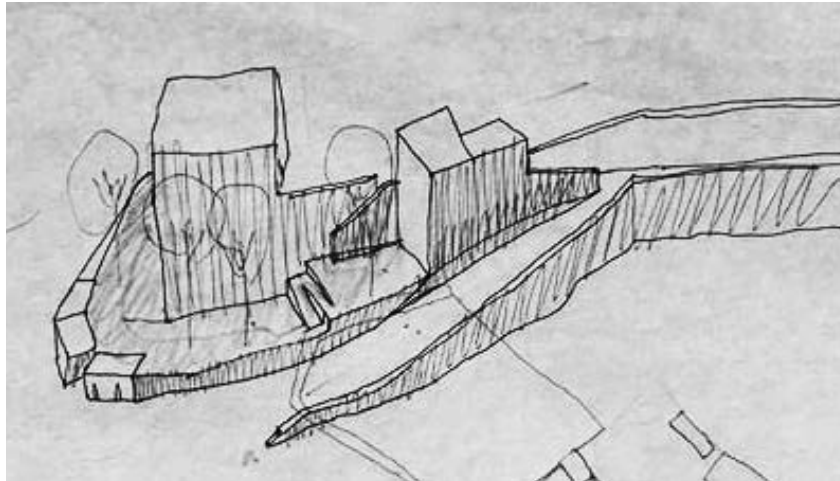


Fig. 90- Esquisso da ligação da Porta da Ribeira ao percurso verde que termina na Porta do Buraco.

Fig. 91- Análise crítica à Porta do Buraco.

Ao nível do pavimento do piso térreo, este será marcado por elementos de pedra (calçada) para confluir o torreão e o espaço urbano envolvente, levando os visitantes para o interior desta torre, sem diferenciação de materialidade, apenas com o impacto da sua escala interior. Por outro lado, nos pisos superiores, o pavimento teria um acabamento de betonilha a cinza escura.

A cobertura proposta assume-se como um novo elemento que procura contrastar com a densidade da construção. Dessa forma, a cobertura será marcada por elementos metálicos, visíveis em alçado e presentes no momento de ligação para o torreão já existente.

Sendo o mercado um ponto estratégico que domina a área portuária e a articula com o casco urbano, a proposta do projeto para a Porta da Vila procura devolver a imagem que a mesma tinha, reforçando as ligações entre o espaço urbano e os elementos da muralha, onde, por sua vez, seguem para a zona real da vila - a zona da alcáçova.

Ainda com o intuito de integrar as portas no percurso urbano antigo e contemporâneo, é proposto um percurso pedonal verde entre a Porta da Ribeira e a Porta do Buraco, valorizando também o pano sul da muralha, cuja informação é escassa. O acesso a esse percurso é feito através de ambas as portas, de forma a reforçar a sua importância como elemento de entrada e de acesso entre o espaço intra e extramuros.

Na Porta da Ribeira, é proposto um túnel de ligação, inserido no atual acesso para a zona portuária, o qual permite chegar a um espaço verde e rampeado. Este retoma o contacto com o antigo bairro portuário e a zona da Porta do Buraco, onde anteriormente este último não existia. Todos estes acessos propostos partem do princípio de uma configuração inerente às portas das antigas urbes, cujos acessos eram dissimulados no seu interior. A partir deste princípio, o acesso à Porta do Buraco é feito pela plataforma existente, dando acesso à urbe intramuros, podendo também aceder pelo lado oeste, dando continuidade à estrada nacional 122 para a vila.

Para a Porta do Buraco, atualmente inexistente, é proposta uma reconstrução crítica da entrada oeste da muralha através de uma análise documental e fotográfica. Para esta análise, foram considerados o desenho de Augusto Jorge Moreira e o de Miguel Reimão Costa, com o intuito de reinterpretar a informação no processo projetual e propô-lo no projeto final. (fig. 91)

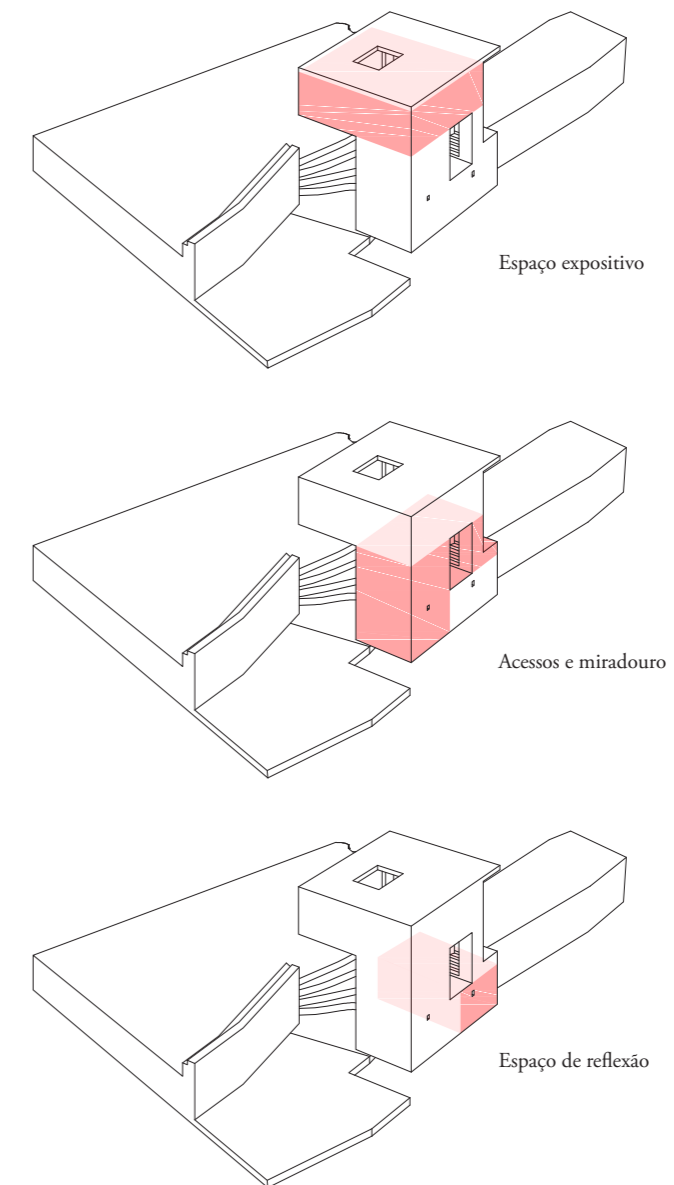


Fig. 92- Esquema do programa da Porta do Buraco.





Fig. 93- Planta do percurso verde com ligação para a Torre do Rio, cota 26, escala 1:700.



Fig. 94- Planta do percurso verde entre a Porta do Buraco e a Porta da Ribeira, cota 38, escala 1:700.

Então, a Porta do Buraco assume-se como um espaço de entrada e de acesso à vila, cujo objetivo passa por refletir sobre o seu desenho original e a sua reintegração na urbe atual. Sendo assim, esta porta integra o desenho urbano com as dimensões apresentadas no levantamento de Augusto Moreira, ao nível do piso térreo.

Neste espaço, o projeto pretende desenhar um elemento de marcação da entrada oeste, atendendo também ao desenho atual da Porta da Ribeira. Assim, a Porta do Buraco assume-se como um elemento vertical percorrível no seu interior, marcado por momentos de vista para o rio Guadiana, a ribeira de Oeiras e para o interior da vila.

O programa proposto para esta porta distribui-se por três pisos. (fig. 92) O piso térreo serve de acesso para a torre, com um espaço interior expositivo. O segundo piso encontra-se marcado por um momento de contemplação com vista, através de um vão aberto (de dimensões apresentadas nos elementos históricos), para o exterior. Este piso acede a uma plataforma já existente que dá acesso ao percurso proposto até à Porta da Ribeira, ou mesmo para a vila. O piso superior é dividido por uma antecâmara com vista para a entrada inferior da torre, e por um espaço amplo, cuja função poderá ser expositiva ou até mesmo servir de miradouro.

A sua materialidade é caracterizada pela textura do tijolo, tal como na Porta da Vila. Assim, todos os elementos de reinterpretação crítica assumem a textura do tijolo, procurando uma visão de massa, completamente aberta para o interior, remetendo para o conceito de torre.

Os projetos das portas da vila partem, portanto, de uma reconstrução volumétrica das mesmas e das suas ligações com o espaço urbano antigo e do espaço contemporâneo. Daí a grande importância na intervenção destas portas, de forma a reforçar a aliança entre elas, integrando as suas ruínas na perceção da vila de Mértola num percurso urbano, conservando e valorizando todas as estruturas e materiais já existentes, dando-lhes uma nova imagem no contexto da vila antiga.

Notas conclusivas

A proximidade das minas de S. Domingos, a topografia, a atividade industrial e comercial, a referência da vila como porto-fluvial e como porto-fluvial da capital do *conventus (Pax Iulia)* são pontos importantes que distinguem a vila de Mértola, tornando-a um ponto de interesse. Assim, esta vila tem vindo a demonstrar o seu valor arquitetónico e arqueológico, tanto na história local como na história de Portugal, devido às suas importantes descobertas dadas pelas constantes escavações, porém ainda não concluídas.

As readaptações e reocupações foram transformando o espaço, sendo que na maioria das vezes se torna difícil perceber as estruturas originais e as diferentes épocas, a fim de se identificar a arquitetura específica de cada época. No entanto, estas são as características que tornam Mértola um ponto de interesse, de bastante complexidade espacial e histórica. São essas referências desconhecidas que transformam a urbe num espaço com potencial de intervenção. Por isso, esse desconhecimento pela história e evolução das portas de entrada são o foco desta dissertação.

Os projetos para as portas da vila são como um ponto de partida para uma reflexão aprofundada da zona em que se inserem e da sua evolução, sendo que esta se deve acompanhar paralelamente da arqueologia e das suas novas descobertas, a fim de descobrir coisas até agora desconhecidas e que eventualmente possam ajudar no processo projetual.

Deste modo, o projeto apresenta-se como um início na relação entre a arquitetura e a

arqueologia, sendo que à medida que se vão revelando novas descobertas arqueológicas se deve reconsiderar as opções de projeto de forma a ajudar nos alinhamentos e formas propostas. Em grande medida, o projeto pretende redefinir a memória das antigas portas das vilas e o simbolismo que as mesmas acarretam para uma melhor compreensão das mesmas no tecido urbano, visto que atualmente se encontram dissimuladas.

A partir desta análise, pretende-se ganhar consciência da necessidade de se compatibilizar o processo de projeto arquitetónico com o processo de investigação arqueológica, para que o resultado caracterize o espaço de acordo com o seu desenho original e do seu papel no espaço urbano da época.

Bibliografia

ALARCÃO, Jorge de. O Domínio Romano. In *Nova História de Portugal*, eds. Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques. Vol. I (pp. 345-489). Lisboa: Editorial Presença, 1990.

ALMAGRO GORBEA, Antonio. El sistema defensivo de Albarracín. In *II Congreso de Arqueología Medieval Española*. Vol. II (pp. 71-84). Madrid: Comunidad de Madrid, Consejería de Cultura, Dirección General de Patrimonio Cultural, 1987. Acedido em: <http://hdl.handle.net/10261/22649>.

ALMEIDA, João de. *Roteiro dos monumentos militares portugueses*. Vol. III. Lisboa: João de Almeida, 1947.

BARROCA, Mário Jorge. “Muralha”. *Dicionário de arqueologia portuguesa*. (pp. 244-248). Porto: Figueirinhas, 2012.

BOIÇA, Joaquim. Topografia histórica de Mértola. As ocupações funcionais do terreiro junto à porta da Ribeira, da época medieval à contemporânea: Capela de Santiago – Igreja da Misericórdia – Espaço Museológico. *Arqueologia Medieval nº3*, (pp. 47-60). Porto: Afrontamento, 1994.

CAM (CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA). Relatório dos trabalhos desenvolvidos: Torre do Rio e Porta da Ribeira. Depositado nos relatórios técnicos do CAM,

Mértola, 1997. Acedido em: <http://hdl.handle.net/10400.26/2303>.

CÂMARA MUNICIPAL DE MÉRTOLA. *Mértola Informação Municipal*. Edição nº43. Mértola: Câmara Municipal, 2016.

COSTA, Miguel Reimão (coord.). *Mértola: a arquitetura da vila e do termo*. Projeto de Investigação com cadernos de campo e levantamento de 2013/2015, disponíveis em: http://www.camertola.pt/sites/default/files/q5_atvtmertola_cadernos_1.pdf. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 2016.

CRISTÓVÃO, José Luís Gil. *As muralhas romanas de Idanha-a-Velha*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia na FLUC, 2002.

D'ARMAS, Duarte. *Livro das fortalezas*. Reprodução anotada por João de Almeida. Lisboa: Império, 1943.

GEAEM/DIE (Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direcção de Infraestruturas do Exército). *Planta da praça de Mértola*. Colecção de plantas das praças do Alentejo, na visita geral de 1755, por Miguel Luiz Jacob. Cota 1397-3-40-livro 1390. 1755.

GEAEM/DIE (Gabinete de Estudos Arqueológicos da Engenharia Militar/Direcção de Infraestruturas do Exército). *Projeto dos reparos a fazer na parte da muralha da antiga fortificação contígua à Estação Telegraphica da Villa de Mértola*. Conforme Augusto Jorge Moreira. Cota 3122-2A-25-35. 1867.

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana. *Alcáçova do Castelo de Mértola 1978-2008: trinta anos de arqueologia*. Mértola: Câmara Municipal, 2008.

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana; LOPES, Virgílio; TORRES, Cláudio; PALMA, Maria de Fátima & MACIAS, Santiago. Mértola Islâmica. A madina e o arrabalde. In *O Gharb no al-Andalus: síntesis e perspectivas de estudo*, eds. Câmara Municipal de Silves (pp. 407-429). Actas do 6º Encontro de Arqueología do Algarbe. Silves, 2009. Acedido em: <http://hdl.handle.net/10400.26/2130>.

GÓMEZ MARTÍNEZ; TORRES, Cláudio; LOPES, Virgílio; PALMA, Maria de Fátima & COSTA, Miguel Reimão. Mértola e o Guadiana. Uma charneira entre o mar e a terra. In

Entre Rios e Mares: um Património de Ambientes, História e Saberes, eds. Luís Cancela da Fonseca, Ana Catarina Garcia, Silvia Dias Pereira e Maria Antonieta C. Rodrigues. Tomo V da Rede BrasPor. Rio de Janeiro, 2016. Acedido em: <http://hdl.handle.net/10400.26/15479>.

GRASSI, Giorgio. *Giorgio Grassi: Obras y proyectos, 1962-1993*. Valência: Electa, 1994.

GRASSI, Giorgio. *I progetti, le opere e gli scritti*. Milão: Electa, 1996.

LOPES, Virgílio & HOURCADE, David. A muralha pré-romana de Mértola. *Al-Madam nº10* (IIª Série), (p.209). Almada: Centro de Arqueologia de Almada, Dezembro 2001.

LOPES, Virgílio. As necrópoles de Mértola: do mundo romano até à Antiguidade Tardia. In *Morir en el Mediterráneo medieval*, eds. Jorge López Quiroga, Artemio Manuel Martínez Tejera (pp. 31-58). Oxford: John and Erica Hedges, 2009. Acedido em <http://hdl.handle.net/10400.26/1755>.

LOPES, Virgílio. *Mértola e o seu território na Antiguidade Tardia (séculos IV-VIII)*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia na Universidad de Huelva, 2014.

LUÍS, Luís Simões. *As cerâmicas campanienses de Mértola*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada na FLUC, Coimbra, 2000.

MACIAS, Santiago. *Mértola islâmica: estudo histórico-arqueológico do Bairro da Alcáçova (séculos XII-XIII)*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 1996.

MACIAS, Santiago. *Mértola: o último porto do Mediterrâneo: catálogo da exposição da exposição Mértola – história e património: séculos V-XIII*. Vol. I-III. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 2005.

MALDONADO, Basilio Pavón. *Ciudades y fortalezas lusomusulmanas: Crónicas de viajes por el sur de Portugal*. Madrid: Agencia Española de Cooperación Internacional, 1993.

MATEUS, Rui. *Políticas de Salvaguarda do Centro Histórico de Mértola – Contributos para a construção de um modelo operativo para a sua gestão*. Dissertação de Doutoramento em Conservação do Património Arquitectónico na Universidade de Évora, 2004.

MATOS, Luís de (coord.). *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia*. Lisboa: Instituto

Português dos Museus, 1995.

MAZZOLI-GUINTARD, Christine. *Villes d'al Andalus: L'Espagne et le Portugal à l'époque musulmane (VIII-XVE siècles)*. (Collection histoire). Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 1996.

NUNES, Fernanda Pereira do Aido. *Muralhas romanas*. Tese de Licenciatura em Arqueologia na FLUC, Coimbra, 2003.

PALMA, Maria de Fátima. *Arqueologia urbana na Biblioteca Municipal de Mértola (Portugal): contributos para a história local*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia e Património na Universidade de Huelva, 2009. Acedida em: <http://hdl.handle.net/10400.26/2163>.

PALMA, Maria de Fátima (coord.). *Carta arqueológica do concelho de Mértola*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 2012.

PALMA, Maria de Fátima; MARTÍNEZ, Susana Gómez; LOPES, Virgílio; COSTA, Miguel Reimão e TORRES, Cláudio. Contributo para uma história da construção: As paredes mestras – da arqueologia à arquitetura tradicional de Mértola. In *Arquitetura Tradicional no Mediterrâneo Ocidental: 1º Congresso Internacional*, eds. Miguel Reimão Costa, Susana Gómez Martínez e Vítor Ribeiro. (pp. 66-70). Lisboa: Argumentum; Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 2015. Acedido em: https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/18622/1/2015_Contributo_para_historia_construcao_paredes_mestras_CIATMO.pdf.

RIBEIRO, Maria do Carmo e MELO, Arnaldo Sousa. O papel dos sistemas defensivos na formação dos tecidos urbanos (séculos XIII-XVII). In *Evolução da paisagem urbana: transformação morfológica dos tecidos históricos*, coords. Maria do Carmo Ribeiro e Arnaldo Sousa Melo. (pp. 183-222). Braga: CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória») e IEM (Instituto de Estudos Medievais da Universidade Nova de Lisboa), 2013. Acedido em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/23984/1/Ribeiro%20e%20Melo%20O%20papel%20dos%20sistemas%20defensivos%20na%20forma%20C3%A7%20C3%A3o%20dos%20tecidos%20urbanos%20%28S%C3%A9culos%20XIII-XVII%29.pdf>.

RESENDE, André. *As Antiguidades da Lusitânia*. Traduzido por R. M. Rosado Fernandes.

Vol. III. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

ROSA, Gonçalo Pereira. Peças de um deus maior em Mértola. *National Geographic Portugal*. Fotografias da autoria de António Cunha. Novembro de 2017. Acedido em: <https://nationalgeographic.sapo.pt/historia/grandes-reportagens/1648-pecas-de-um-deus-maior-em-mertola?showall=1&limitstart=>.

SALGUEIRO, Nuno Santos. *Portas urbanas: uma leitura evolutiva da cidade a partir dos seus limites espaciais*. Prova Final de Licenciatura no Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, 2000.

SAMPAYO, Mafalda Gambutas. *O modelo urbanístico de tradição muçulmana nas cidades portuguesas (séc. VIII-XIII)*. Dissertação de Mestrado em Desenho Urbano no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa, 2002.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da. A Idade do Ferro em Portugal. In *Nova História de Portugal*, eds. Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques. Vol. I (pp. 259-341). Lisboa: Editorial Presença, 1990.

TORRES, Cláudio e OLIVEIRA, João Carlos. O criptopórtico-cisterna da Alcáçova de Mértola. In *II Congreso de Arqueología Medieval Española*. Vol. II (pp. 617-626). Madrid: Comunidad de Madrid, Consejería de Cultura, Dirección General de Patrimonio Cultural, 1987.

TORRES, Cláudio. Povoamento antigo no Baixo Alentejo. Alguns problemas de topografia histórica. *Arqueologia Medieval nº1*, (pp. 189-202). Porto: Afrontamento, 1992.

TORRES, Cláudio. *O Legado Islâmico em Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1998.

TORRES, Cláudio; MARTÍNEZ, Susana Gómez; PALMA, Maria de Fátima e LOPES, Virgílio. *Mértola Nas Rotas Comerciais Do Mediterrâneo: De Cidade Portuária a Vila Museu: itinerário cultural*. Mértola: Câmara Municipal, 2014.

VARANDA, Fernando; FERNANDES, J. M. e TAÍNHA, Manuel. Mértola uma experiência de recuperação arquitectónica e urbana. *Arquitectura nº153* (Ano VI), (pp.28-30). Projetos desenvolvidos pelos alunos da FBAUL (pp. 31-53). Lisboa: Casa Viva, 1984.

VARANDA, Fernando. *Mértola no Alentejo: tradição e mudança no espaço construído*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2006.

VEIGA, Estácio da. *Memórias das Antiguidades de Mértola* (ed. fac-similada de 1880). Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda e Câmara Municipal de Mértola, 1983.

Documentação da DGEMN

PORTUGAL. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Arquiteto Diretor dos Monumentos Nacionais. *Parecer nº3865 [Parecer sobre o valor arquitectónico do património de Mértola]*. (Proc.º: PT DGEMN:DSARH-010/146-001; Doc.º: SIPA TXT.01510587/SIPA TXT.01510588). SIPA, IHRU, Sacavém, Novembro de 1938.

PORTUGAL. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Câmara Municipal de Mértola. *Ofício nº484. [Alerta sobre o estado de decadência do Castelo, da Igreja Matriz e das Muralhas Romanas e da inclusão dos mesmos no plano de trabalhos da DGEMN]*. (Proc.º: PT DGEMN:DSARH-010/146-001; Doc.º: SIPA TXT.01510658 a SIPA TXT.01510661). SIPA, IHRU, Sacavém, Março de 1947.

PORTUGAL. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Câmara Municipal de Mértola. *Ofício nº696. [Alusão à necessidade de incluir o torreão das Portas da Vila no plano de trabalhos, a fim de evitar desastres]*. (Proc.º: PT DGEMN:DSARH-010/146-001; Doc.º: SIPA TXT.01510705). SIPA, IHRU, Sacavém, Maio de 1951.

PORTUGAL. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Câmara Municipal de Mértola. *Ofício nº746. [Informa a gravidade do estado de decadência do torreão das Portas da Vila]*. (Proc.º: PT DGEMN:DSARH-010/146-001; Doc.º: SIPA TXT.01510709 a SIPA TXT.01510710). SIPA, IHRU, Sacavém, Junho de 1951.

PORTUGAL. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Direção dos Serviços dos Monumentos Nacionais. *Ofício nº3551. [Alerta para a necessidade de alertas a instituição prisional para não utilizarem o topo do torreão das Portas da Vila]*. (Proc.º: PT DGEMN:DSARH-010/146-001; Doc.º: SIPA TXT.01510714). SIPA, IHRU, Sacavém, Agosto de 1951.

PORTUGAL. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. *Proposta de Joaquim Morgadinho [Descrição dos trabalhos para a empreitada do Castelo de Mértola e do torreão circular da Porta da Vila]*. (Proc.º: PT DGEMN:DSARH-010/146-001; Doc.º: SIPA TXT.01510726). SIPA, IHRU, Sacavém, Maio de 1952.

PORTUGAL. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. *Auto do concurso para a empreitada do Castelo de Mértola e do torreão circular da Porta da Vila*. (Proc.º: PT DGEMN:DSARH-010/146-001; Doc.º: SIPA TXT.01510727 a SIPA TXT.01510729). SIPA, IHRU, Sacavém, Maio de 1952.

PORTUGAL. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Câmara Municipal de Mértola. *Ofício nº1637. [Adverte o estado parado das obras do torreão e da necessidade de intervir no café Guadiana]*. (Proc.º: PT DGEMN:DSARH-010/146-001; Doc.º: SIPA TXT.01510754 a SIPA TXT.01510755). SIPA, IHRU, Sacavém, Novembro de 1952.

PORTUGAL. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Câmara Municipal de Mértola. *Ofício nº76. [Informa, mais uma vez, o possível desmoronamento da muralha que suporta o Mercado Municipal e do torreão das Portas da Vila]*. (Proc.º: PT DGEMN:DSARH-010/146-001; Doc.º: SIPA TXT.01510771). SIPA, IHRU, Sacavém, Janeiro de 1954.

PORTUGAL. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Arquiteto Diretor dos Monumentos Nacionais. *Parecer nº684. [Proposta de transição do Mercado Municipal para um miradouro]*. (Proc.º: PT DGEMN:DSARH-010/146-001; Doc.º: SIPA TXT.01510772). SIPA, IHRU, Sacavém, Fevereiro de 1954.

PORTUGAL. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Câmara Municipal de Mértola. *Ofício nº341. [Dificuldades económicas de concretização das obras de transição do Mercado para miradouro]*. (Proc.º: PT DGEMN:DSARH-010/146-001; Doc.º: SIPA TXT.01510775). SIPA, IHRU, Sacavém, Fevereiro de 1954.

PORTUGAL. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Arquiteto Diretor dos Serviços dos Monumentos Nacionais, Luís Benavente. *Ofício nº612. [Proposta de inclusão de troços arruinados do pano norte, junto à Igreja Matriz]*. (Proc.º: PT DGEMN:DSARH-010/146-007; Doc.º: SIPA TXT.01511917). SIPA, IHRU, Sacavém,

Janeiro de 1956.

PORTUGAL. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. *Proposta de Fernando da Silva Bandeira [Descrição dos trabalhos para a empreitada “Obras de consolidação das Muralhas”]*. (Proc.º: PT DGEMN:DSARH-010/146-007; Doc.º: SIPA TXT.01511923). SIPA, IHRU, Sacavém, Abril de 1956.

PORTUGAL. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Câmara Municipal de Mértola. *Ofício nº884. [Adverte para o seguimento e conclusão das obras do torreão das Portas da Vila]*. (Proc.º: PT DGEMN:DSARH-010/146-003; Doc.º: SIPA TXT.01510915). SIPA, IHRU, Sacavém, Abril de 1973.

PORTUGAL. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Arquiteto Diretor dos Monumentos Nacionais. *Memória [descritiva da empreitada “Castelo de Mértola - Trabalhos de consolidação da muralha junto ao cemitério”]*. (Proc.º: PT DGEMN:DSARH-010/146-003; Doc.º: SIPA TXT.01510960). SIPA, IHRU, Sacavém, Maio de 1974.

PORTUGAL. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Arquiteto Diretor dos Monumentos Nacionais. *Memória [descritiva da empreitada “Castelo de Mértola - Trabalhos de conservação - consolidação de muralhas”]*. (Proc.º: PT DGEMN:DSARH-010/146-003; Doc.º: SIPA TXT.01510990). SIPA, IHRU, Sacavém, Fevereiro de 1976.

PORTUGAL. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Câmara Municipal de Mértola. *Ofício nº433. [Adverte para o desmoronamento da muralha a este e da situação da Torre do Relógio]*. (Proc.º: PT DGEMN:DSARH-010/146-003; Doc.º: SIPA TXT.01510977). SIPA, IHRU, Sacavém, Fevereiro de 1976.

PORTUGAL. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Presidente da Câmara Municipal de Mértola, António Manuel Serrão Martins. *Ofício nº485. [Remete para a restauração de vários panos de muralha, a oeste e a Este, ilustrado em planta doc.º: SIPA TXT.01510814]*. (Proc.º:PTDGEMN:DSARH-010/146-002;Doc.º:SIPATXT.01510819). SIPA, IHRU, Sacavém, Fevereiro de 1980.

PORTUGAL. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Arquiteto Diretor dos

Monumentos Nacionais. *Memória [descritiva da empreitada “Muralhas de Mértola - Recuperação de panos de muralha”]*. (Proc.º: PT DGEMN:DSARH-010/146-004; Doc.º: SIPA TXT.01511112). SIPA, IHRU, Sacavém, Março de 1980.

PORTUGAL. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Diretor de Serviços. *Memória [descritiva da empreitada “Castelo de Mértola - Obras de conservação”]*. (Proc.º: PTDGEMN:DSARH-010/146-004; Doc.º: SIPA TXT.01511279). SIPA, IHRU, Sacavém, Setembro de 1982.

PORTUGAL. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Arquiteto Diretor dos Monumentos Nacionais, Fernando Manuel Rocha Pinto. *Memória [descritiva da empreitada “Muralhas de Mértola - Obras de consolidação e restauro”]*. (Proc.º: PT DGEMN:DSARH-010/146-005; Doc.º: SIPA TXT.01511775). SIPA, IHRU, Sacavém, Novembro de 1987.

PORTUGAL. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Arquiteto Diretor dos Serviços dos Monumentos Nacionais, Fernando Manuel Rocha Pinto. *Ofício nº1046. [A partir da viagem a Mértola, depara-se com diversas zonas que necessitam de reparação, junto ao rio]*. (Proc.º: PT DGEMN:DSARH-010/146-006; Doc.º: SIPA TXT.01511816 a SIPA TXT.01511817). SIPA, IHRU, Sacavém, Dezembro de 1989.

PORTUGAL. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Gabinete Técnico Local, Arquitecta Ana Félix. *Telegrama [Alerta do desmoronamento da muralha a oeste com duas imagens, que ilustram zonas carecidas de intervenção]*. (Proc.º: PT DGEMN:DSARH-010/146-006; Doc.º: SIPA TXT.01511815). SIPA, IHRU, Sacavém, Dezembro de 1989.

PORTUGAL. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Diretor do Campo Arqueológico de Mértola, Cláudio Torres. *Processo nº473.96. [Solicitada uma peritagem para a zona da muralha a norte, da torre virada ao cemitério, onde se deu uma derrocada]*. (Proc.º: PT DGEMN:DSARH-010/146-006; Doc.º: SIPA TXT.01511822). SIPA, IHRU, Sacavém, Outubro de 1996.

As fontes de webgrafia foram acedidas em Fevereiro de 2018.

Fonte das imagens

Fig. 4- Aatoria de Fontes Camacho, residente de Mértola.

Fig. 5- <http://www.cm-mertola.pt/viver-em-mertola/destaques>.

Fig. 6- <http://solagasta.com/pr9-mrt-entre-o-escalda-e-o-pulo-do-lobo-mertola/>.

Fig. 7- In BOIÇA, Joaquim e LOPES, Virgílio. *Museu de Mértola: a Necrópole e a Ermida da Achada de S. Sebastião*. Mértola: CAM, 1999.

Fig. 8- (p. 12). In CAM. *Relatórios das campanhas de escavação na zona do castelo de Mértola (1979-1980). Relatórios técnicos*. Mértola, 1979. Acedido em: https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2302/1/Relat%c3%b3rio_Campanhas_Escava%c3%a7%c3%a3o_zona%20_castelo_M%c3%a9rtola_1979_1980.pdf.

Fig. 10- (p. 179). In LOPES, Virgílio; HOURCADE, David e LABARTHE, Jean-Michel. Mértola: la muraille de l'Âge du Fer. *Revista Portuguesa de Arqueologia nº1*, Vol. 6, (pp.175-210). 2003. Acedido em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/6_1/11.pdf.

Fig. 14- (p. 24). In CAM. *op. cit.*, 1997. Acedido em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/2303>.

Fig. 15- <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA23/lopes2303.html>.

Fig. 16- <http://www.sulinformacao.pt/wp-content/uploads/2015/11/batist%C3%A9rio-em-M%C3%A9rtola.jpg>.

Fig. 17- MACIAS, *op. cit.*, 1996.

Fig. 19- PORTUGAL. MOP. DGEMN (Ed.). *Igreja Matriz de Mértola*. Boletim da Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 71, s.i., Março de 1953.

Fig. 23- Adaptada de CORREIA, Luís Miguel. *Castelos em Portugal: retrato do seu perfil arquitectónico (1509-1949)*. Dissertação de Mestrado na Universidade de Coimbra, 2011.

Fig. 24- (p. 193). In TORRES, *op. cit.*, 1992.

Fig. 25- Ante plano de Mértola de 1963, cedida pela Arquitecta Ana Félix.

Fig. 26- PORTUGAL. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. *Aspecto geral de 1955*. (Proc.º: DOC.00022755; Doc.º: SIPA FOTO.00170553). SIPA, IHRU, Sacavém.

Fig. 27- PORTUGAL. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. *Pano norte da muralha de 1958*. (Proc.º: DOC.00022755; Doc.º: SIPA FOTO.00170591). SIPA, IHRU, Sacavém.

Fig. 28- PORTUGAL. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. *Zona envolvente de 1965*. (Proc.º: DOC.00022755; Doc.º: SIPA FOTO.00170610). SIPA, IHRU, Sacavém.

Fig. 29- (p. 35). In ALMEIDA, *op. cit.*, 1947.

Fig. 31- (p. 53). In LOPES, *op. cit.*, 2014.

Fig. 32- (p. 626). In TORRES, *op. cit.*, 1987.

Fig. 33- Ante plano de Mértola de 1963, cedida pela Arquitecta Ana Félix.

Fig. 34- PORTUGAL. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. *Aspecto geral da cidade de 1960*. (Proc.º: DOC.00022755; Doc.º: SIPA FOTO.00170592). SIPA, IHRU, Sacavém.

Fig. 35- PORTUGAL. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. *Zona envolvente de 1955*. (Proc.º: DOC.00022755; Doc.º: SIPA FOTO.00170555). SIPA, IHRU, Sacavém.

Fig. 36- PORTUGAL. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. *Vista panorâmica do castelo de 1974*. (Proc.º: DOC.00022755; Doc.º: SIPA FOTO.00170648). SIPA, IHRU, Sacavém.

Fig. 38- PORTUGAL. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. *Beira rio de 1938*. (Proc.º: DOC.00022755; Doc.º: SIPA FOTO.00170718). SIPA, IHRU, Sacavém.

Fig. 39- Ante plano de Mértola de 1963, cedida pela Arquitecta Ana Félix.

Fig. 40- PORTUGAL. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. GTL, Arquitecta Ana Félix, *op. cit.*, 1989.

Fig. 41- (p. 33). In ALMEIDA, *op. cit.*, 1947.

Fig. 42- Ante plano de Mértola de 1963, cedida pela Arquitecta Ana Félix.

Fig. 43- PORTUGAL. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. *Vista geral de 1938*. (Proc.º: DOC.00022755; Doc.º: SIPA FOTO.00170723). SIPA, IHRU, Sacavém.

Fig. 45- PORTUGAL. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. *Aspecto geral da torre de 1958*. (Proc.º: DOC.00022755; Doc.º: SIPA FOTO.00170588). SIPA, IHRU, Sacavém.

- Fig. 46- (p. 43). In MALDONADO, *op. cit.*, 1993.
- Fig. 47- PORTUGAL. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. *Obras na muralha de 1951*. (Proc.º: DOC.00022755; Doc.º: SIPA FOTO.00170541). SIPA, IHRU, Sacavém.
- Fig. 48- PORTUGAL. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. *Obras na muralha de 1976*. (Proc.º: DOC.00022755; Doc.º: SIPA FOTO.00170657). SIPA, IHRU, Sacavém.
- Fig. 49- PORTUGAL, *op. cit.*, 1980.
- Fig. 50- MATOS, *op. cit.*, 1995.
- Fig. 51- (pp. 326-327). In MAZZOLI-GUINTARD, *op. cit.*, 1996.
- Fig. 55- (p. 101). In MACIAS, *op. cit.*, Vol. III, 2005.
- Fig. 56- PORTUGAL. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. *Obras no exterior de 1951*. (Proc.º: DOC.00022755; Doc.º: SIPA FOTO.00170539). SIPA, IHRU, Sacavém.
- Fig. 57- (p. 53). In BOIÇA, *op. cit.*, 1994.
- Fig. 58- GEAEM/DIE, *op. cit.*, 1867.
- Fig. 59- In COSTA, *op. cit.*, 2016.
- Fig. 60- GEAEM/DIE, *op. cit.*, 1755.
- Fig. 64- Ante plano de Mértola de 1963, cedida pela Arquitera Ana Félix.
- Fig. 65- (p.59). In BOIÇA, Joaquim. *Imaginário de Mértola. Tempos, espaços, representações*. Mértola: CAM, 1998.
- Fig. 66- CMM, *op. cit.*, 2016.
- Fig. 68- <http://www.camertola.pt/image/alc%C3%A1%C3%A7ova>.
- Fig. 70- PORTUGAL. Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. *Troço de muralha e café Guadiana de 1960*. (Proc.º: DOC.00022755; Doc.º: SIPA FOTO.00170731). SIPA, IHRU, Sacavém.
- Fig. 76- <http://corpussacrum.blogspot.pt/2015/08/colonia-iulia-emona.html>.
- Fig. 77- <http://www.moreoftheroad.com/ljubljana-walking-emona/>.
- Fig. 78 e Fig. 79- <https://divisare.com/projects/337905-giorgio-grassi-restituzione-del-bellveret-di-xativa>.
- Fig. 86- <http://liscortes.pt/portfolio-items/mercado-municipal-de-mertola-mertola/>.

Todos os desenhos e figuras sem bibliografia assinalada pertencem à autora desta dissertação.

Desenhos

01. Planta de Implantação Geral de Mértola e focos de intervenção	esc. 1.3000
Proposta para a Porta da Vila	
02. Planta Piso -2 da Porta da Vila	esc. 1.100
03. Planta Piso -1 da Porta da Vila	esc. 1.100
04. Planta Piso Térreo da Porta da Vila	esc. 1.100
05. Planta Piso 1 da Porta da Vila	esc. 1.100
06. Planta Piso 2 da Porta da Vila	esc. 1.100
07. Planta Cobertura da Porta da Vila	esc. 1.100
08. Alçado sul da Porta da Vila	esc. 1.100
09. Alçado oeste da Porta da Vila	esc. 1.100
10. Alçado norte da Porta da Vila	esc. 1.100
11. Alçado este da Porta da Vila	esc. 1.100
12. Corte A da Porta da Vila	esc. 1.100
13. Corte B da Porta da Vila	esc. 1.100
14. Corte C da Porta da Vila	esc. 1.100
15. Corte D da Porta da Vila	esc. 1.100
16. Axonometria da ligação entre a Porta da Vila e o castelo	
17. Colagem de materiais do interior da Porta da Vila	
18. Pormenores construtivos da Porta da Vila	esc. 1.10

Estratégia urbana para a Porta do Buraco e a Porta da Ribeira

19. Planta de ligação do percurso verde entre a Porta da Ribeira
e a Porta do Buraco cota 26m esc. 1.700
20. Plantas da Porta do Buraco e da ligação entre a Porta do Buraco
e a Porta da Ribeira cota 38m esc. 1.700

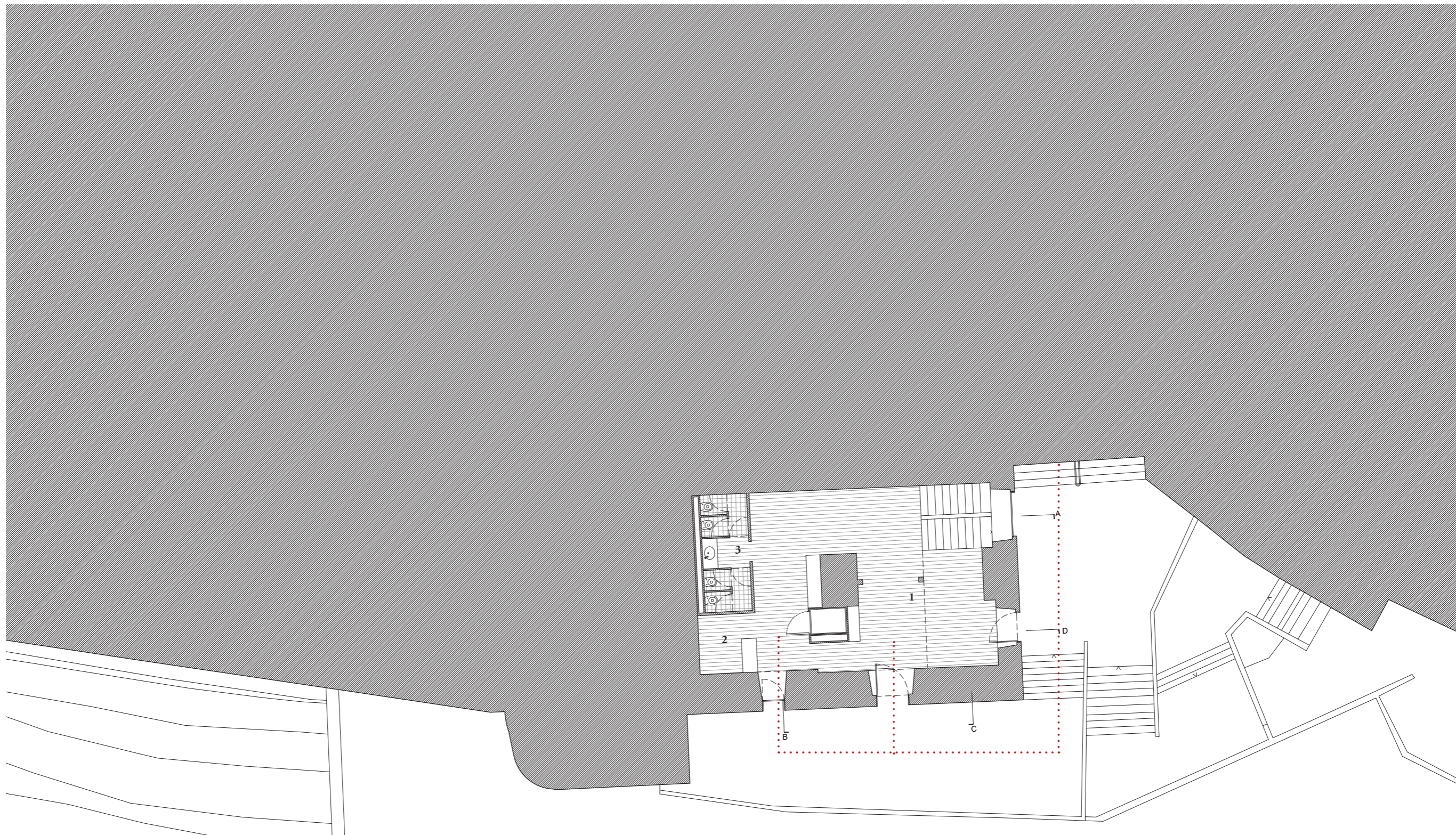


- 1- Encosta Senhora das Neves
- 2- Alcaçova e muralha adjacente
- 3- Porta da vila
- 4- Porta do Buraco
- 5- Porta da Ribeira



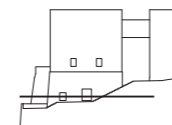
A cerca urbana na cidade contemporânea.
Projeto de reinterpretação do sistema muralhado e das portas de Mértola

Ana Margarida Figueiredo Pais
 sob a orientação do Prof. Doutor Paulo Providência
 dARQ, Coimbra, Fevereiro de 2018



1. Espaço de restaurante 2. Instalações sanitárias 3. Recepção

..... Acessos

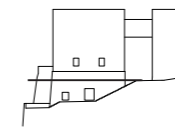


A cerca urbana na cidade contemporânea.
Projeto de reinterpretação do sistema muralhado e das portas de Mértola

Ana Margarida Figueiredo Pais
 sob a orientação do Prof. Doutor Paulo Providência
 dARQ, Coimbra, Fevereiro de 2018

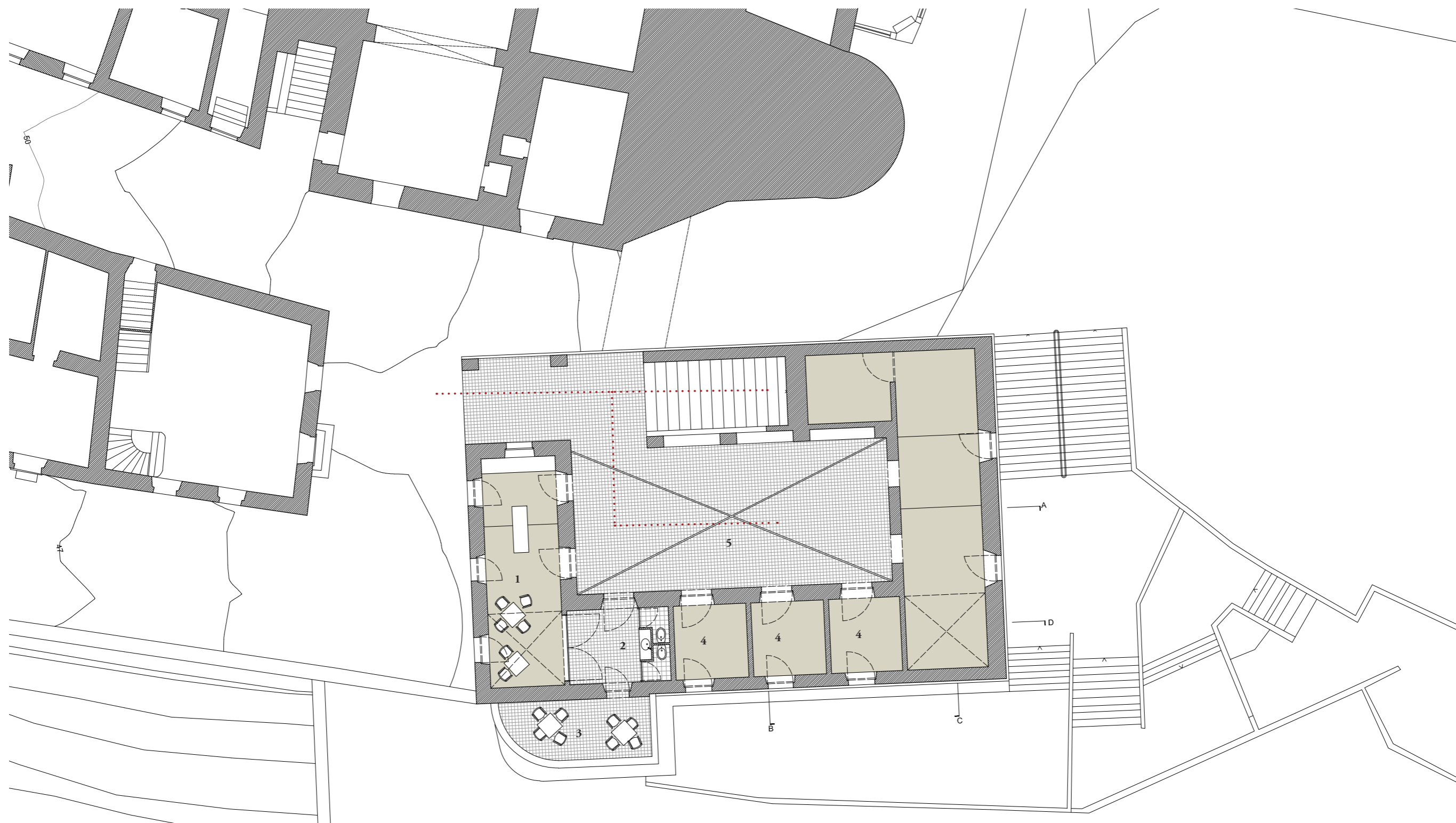


1. Espaço de restaurante 2. Cozinha 3. Instalações sanitárias 4. Arrumos Acessos



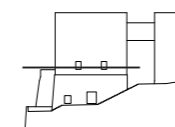
A cerca urbana na cidade contemporânea.
Projeto de reinterpretação do sistema muralhado e das portas de Mértola

Ana Margarida Figueiredo Pais
 sob a orientação do Prof. Doutor Paulo Providência
 dARQ, Coimbra, Fevereiro de 2018



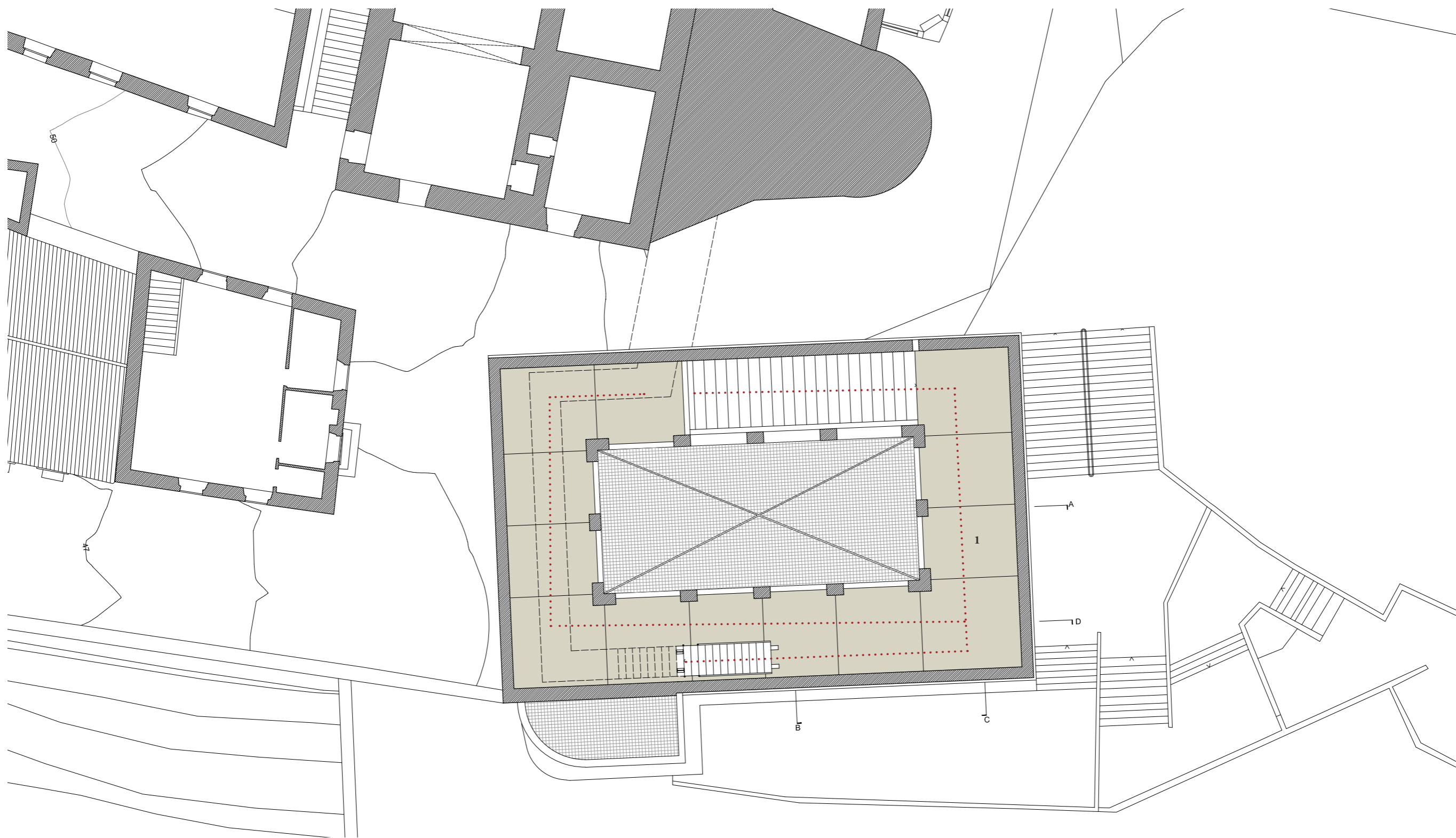
04 Planta Piso Têrreo da Porta da Vila esc. 1.100

1. Cafeteria 2. Instalações sanitárias 3. Esplanada 4. Lojas 5. Mercado Acessos

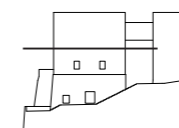


A cerca urbana na cidade contemporânea.
Projeto de reinterpretação do sistema muralhado e das portas de Mértola

Ana Margarida Figueiredo Pais
 sob a orientação do Prof. Doutor Paulo Providência
 dARQ, Coimbra, Fevereiro de 2018

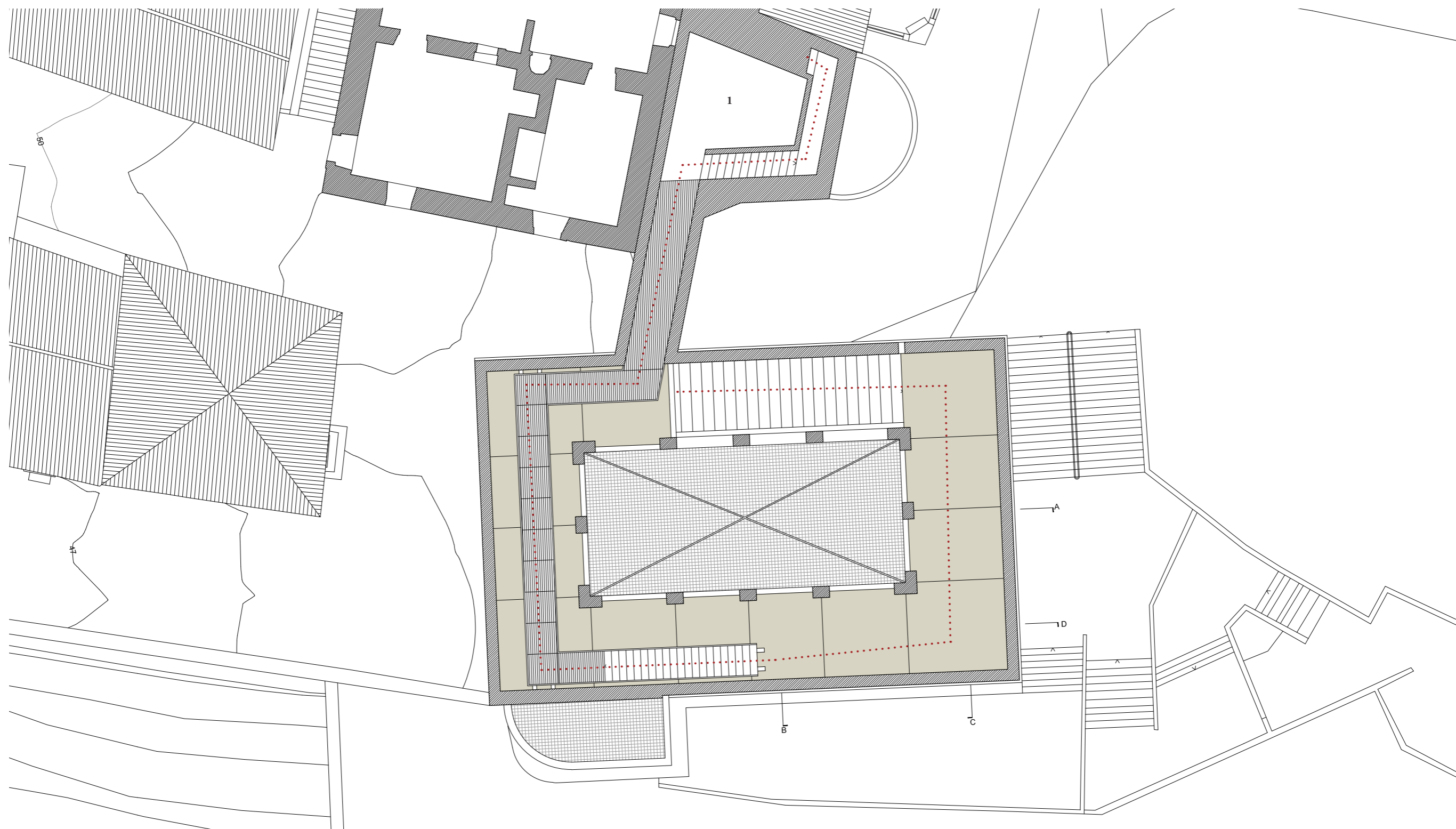


1. Espaço polivalente Acessos



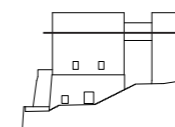
A cerca urbana na cidade contemporânea.
Projeto de reinterpretação do sistema muralhado e das portas de Mértola

Ana Margarida Figueiredo Pais
 sob a orientação do Prof. Doutor Paulo Providência
 dARQ, Coimbra, Fevereiro de 2018



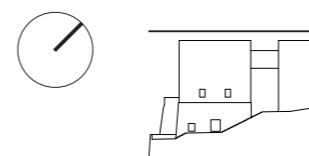
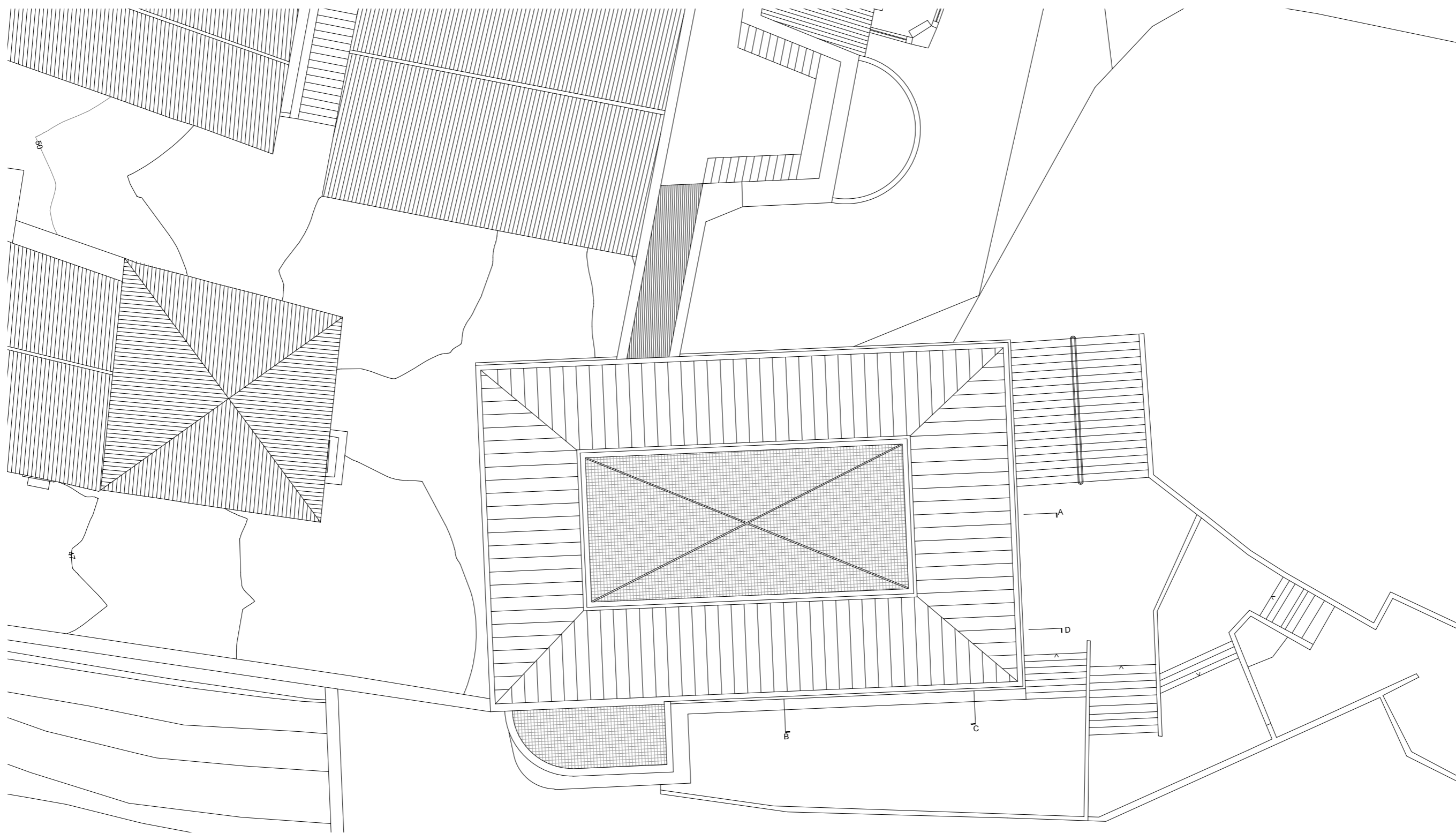
1. Torreão

..... Acessos

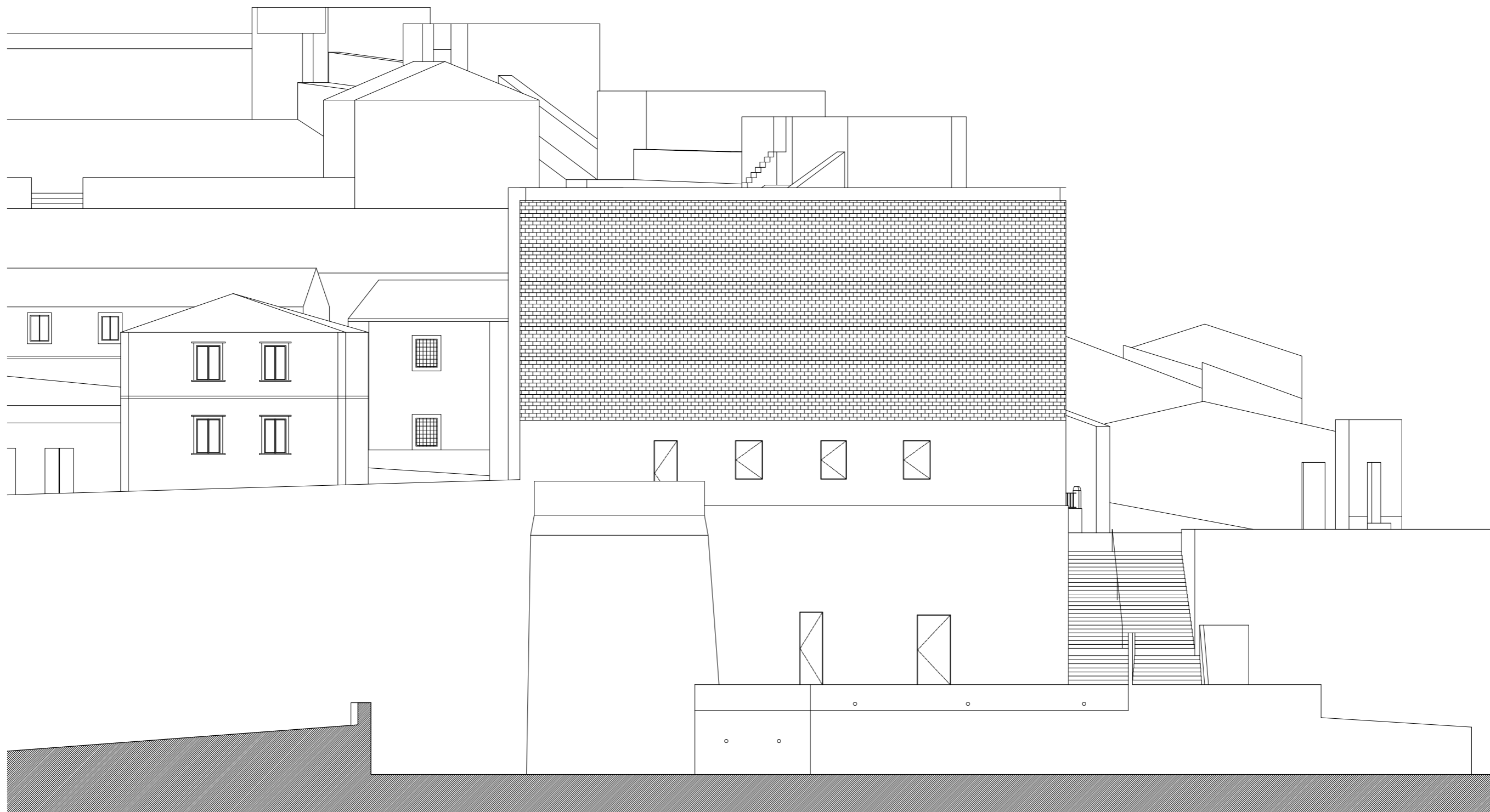


A cerca urbana na cidade contemporânea.
Projeto de reinterpretação do sistema muralhado e das portas de Mértola

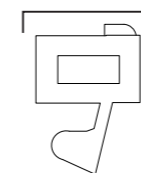
Ana Margarida Figueiredo Pais
 sob a orientação do Prof. Doutor Paulo Providência
 dARQ, Coimbra, Fevereiro de 2018





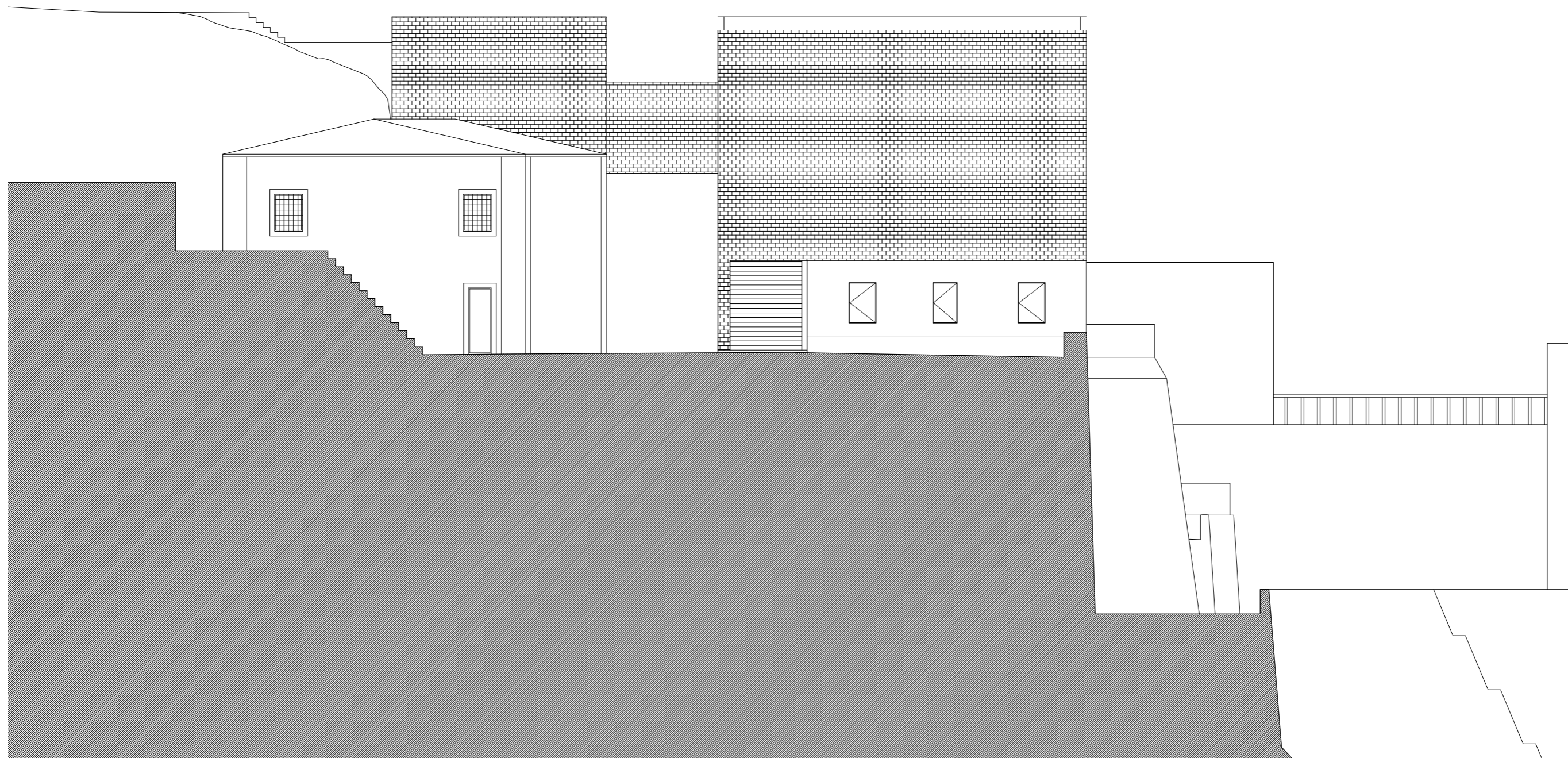


09 Alçado oeste da Porta da Vila esc. 1.100



A cerca urbana na cidade contemporânea.
Projeto de reinterpretação do sistema muralhado e das portas de Mértola

Ana Margarida Figueiredo Pais
sob a orientação do Prof. Doutor Paulo Providência
dARQ, Coimbra, Fevereiro de 2018

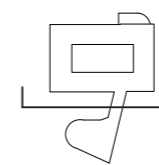
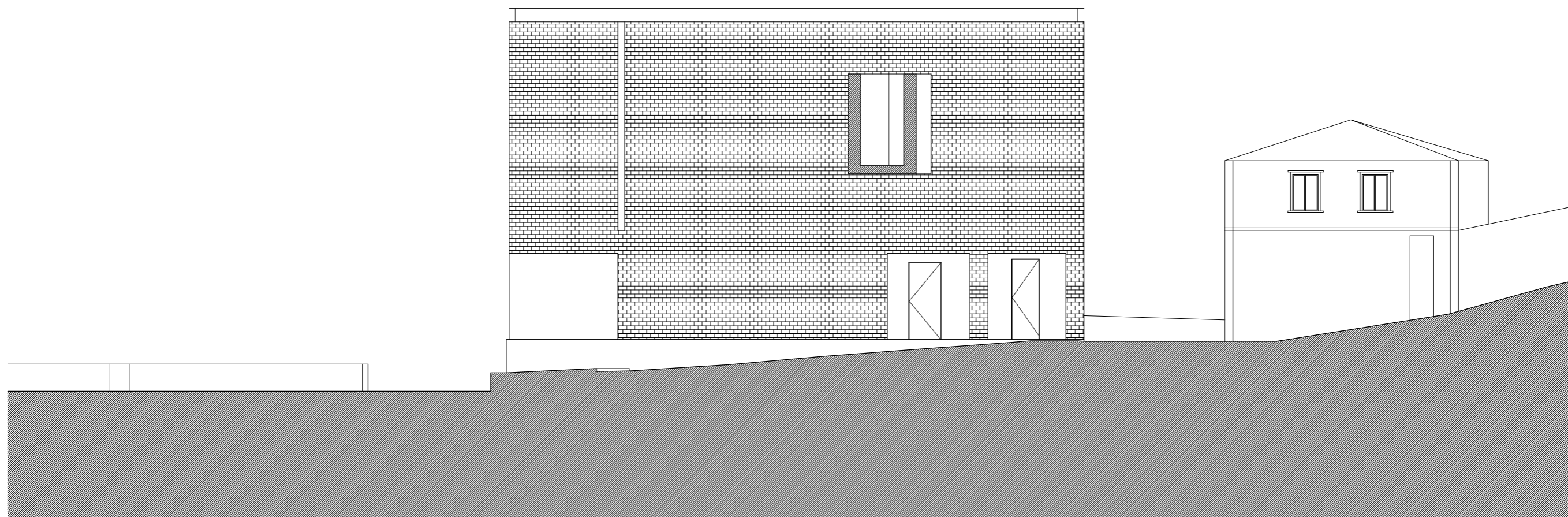


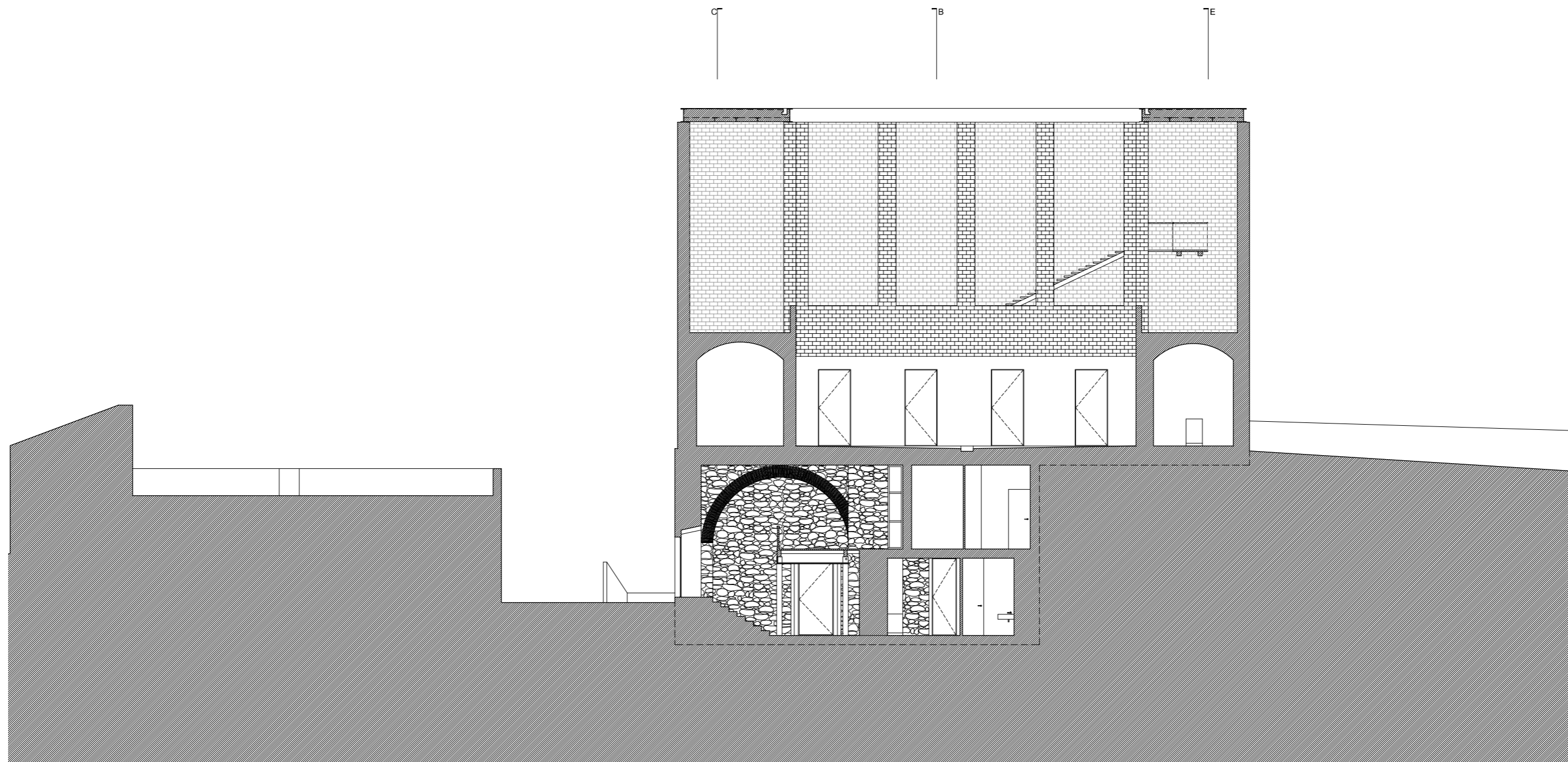
10 Alçado norte da Porta da Vila esc. 1.100



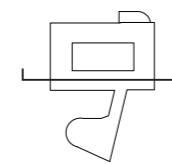
A cerca urbana na cidade contemporânea.
Projeto de reinterpretação do sistema muralhado e das portas de Mértola

Ana Margarida Figueiredo Pais
sob a orientação do Prof. Doutor Paulo Providência
dARQ, Coimbra, Fevereiro de 2018



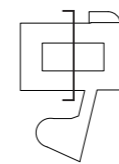
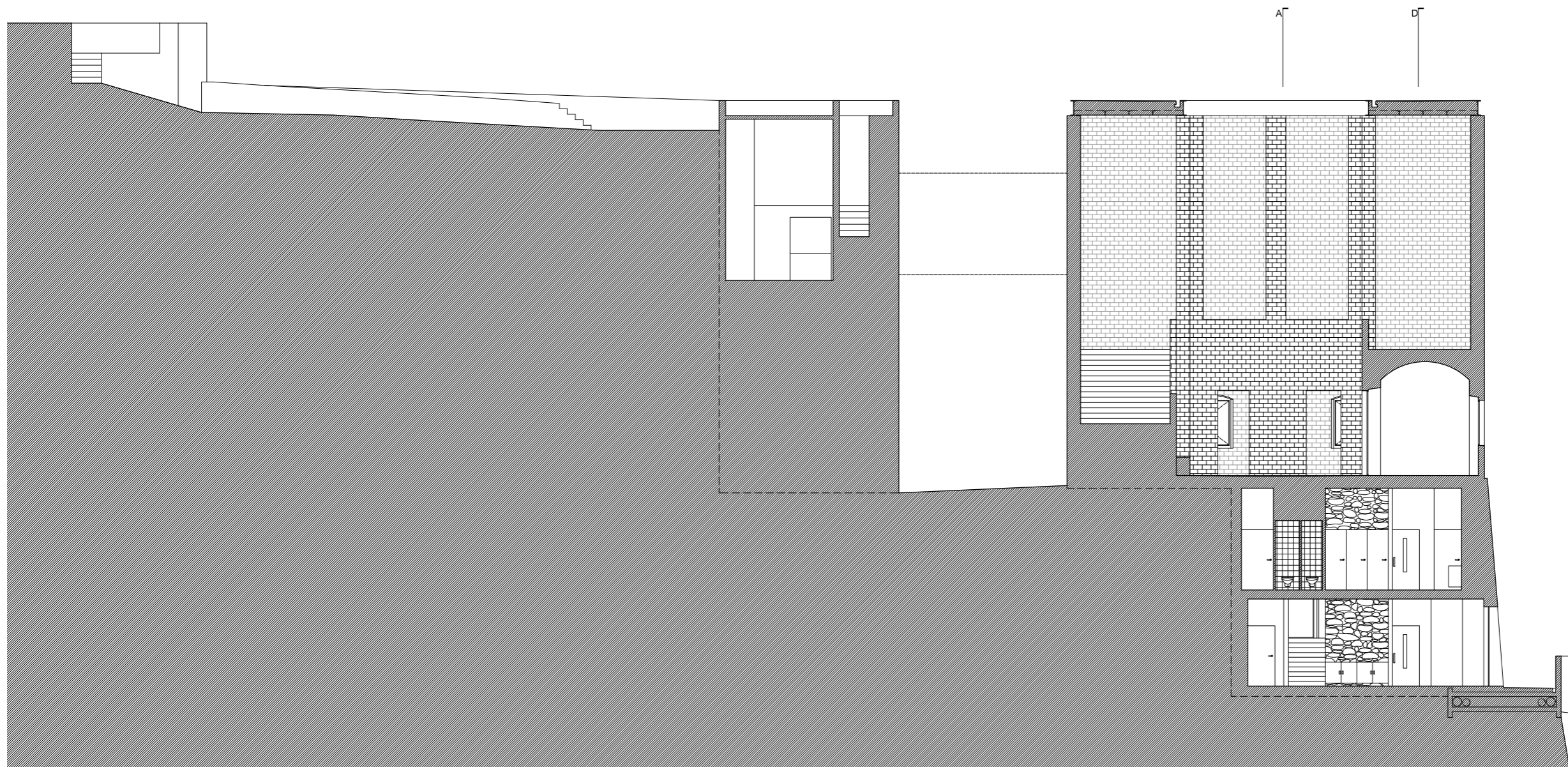


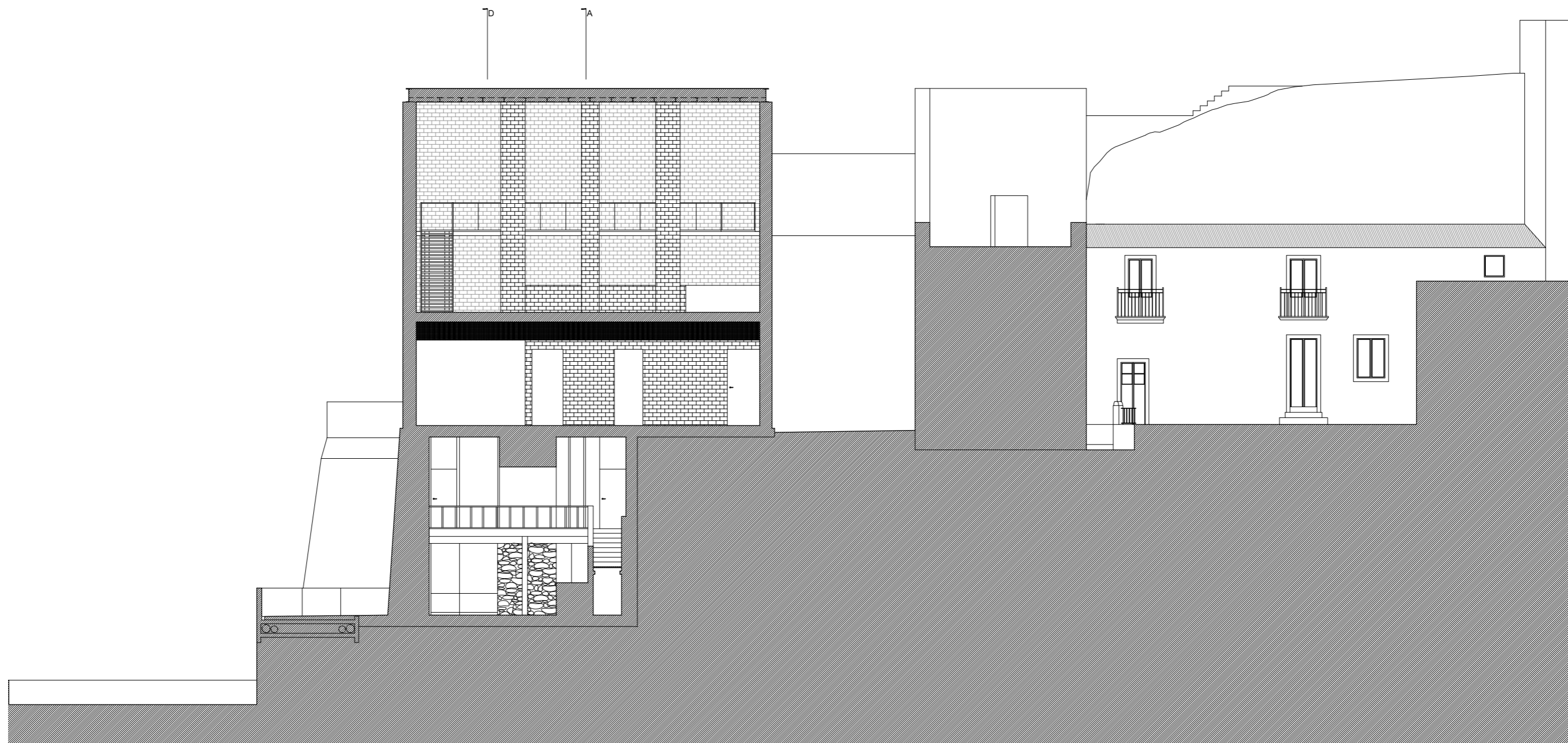
12 Corte A da Porta da Vila esc. 1.100

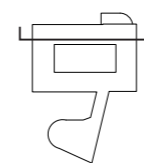
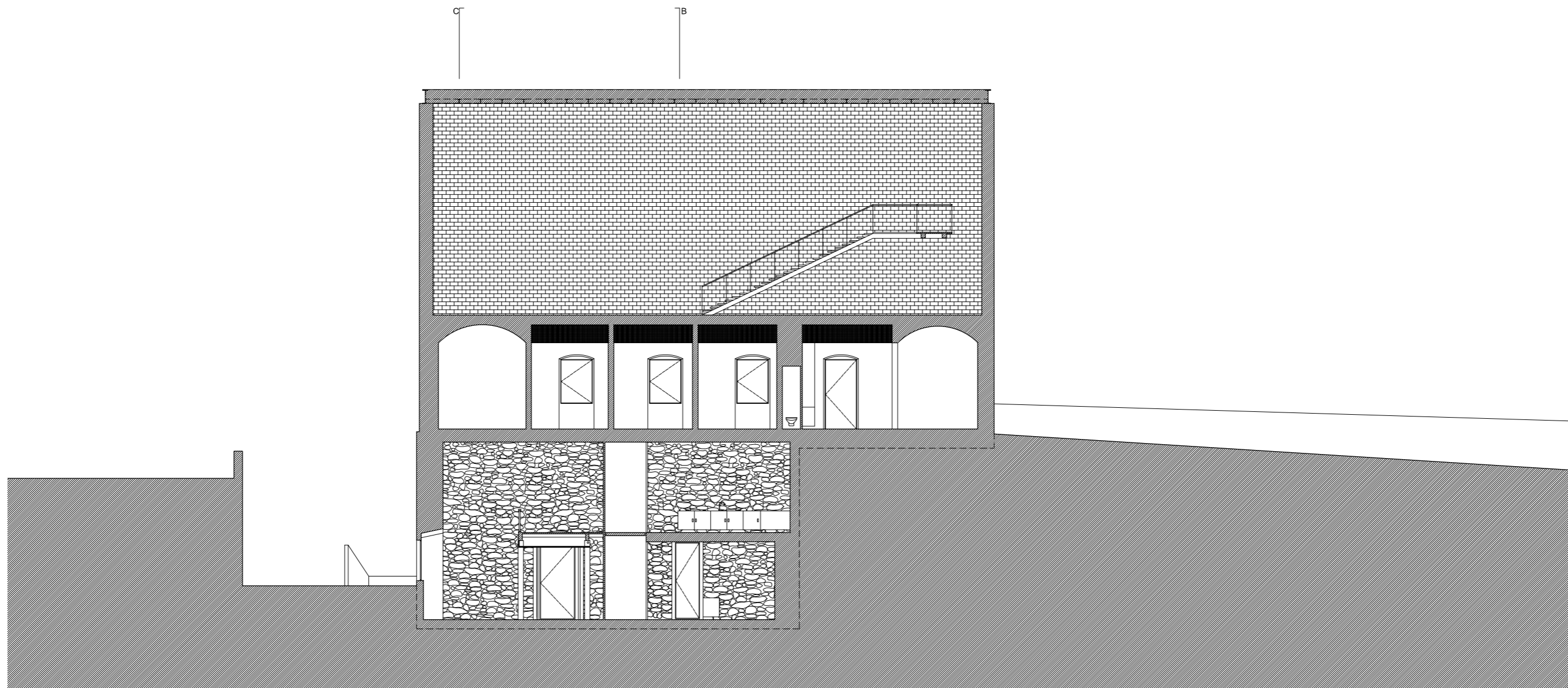


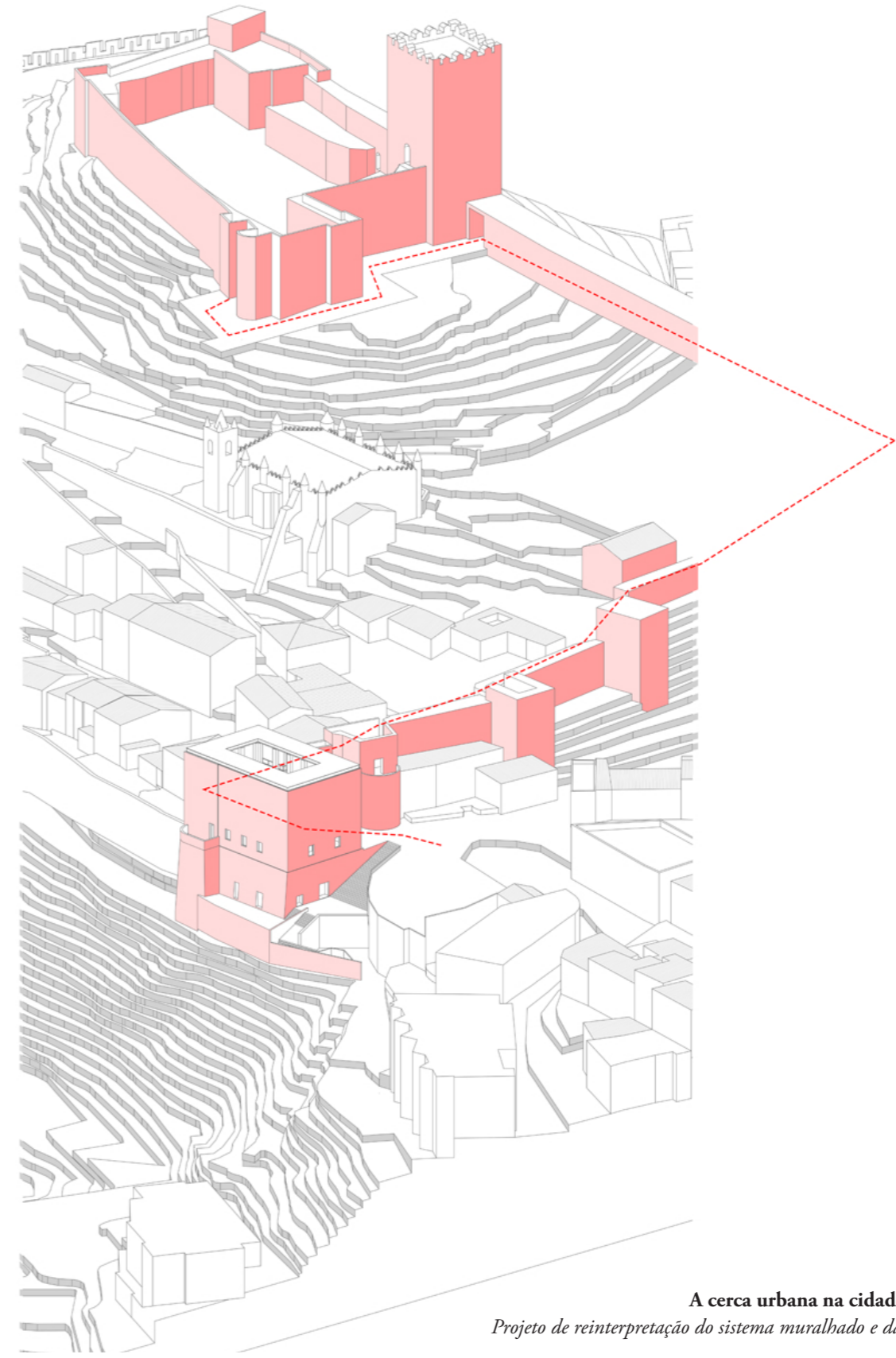
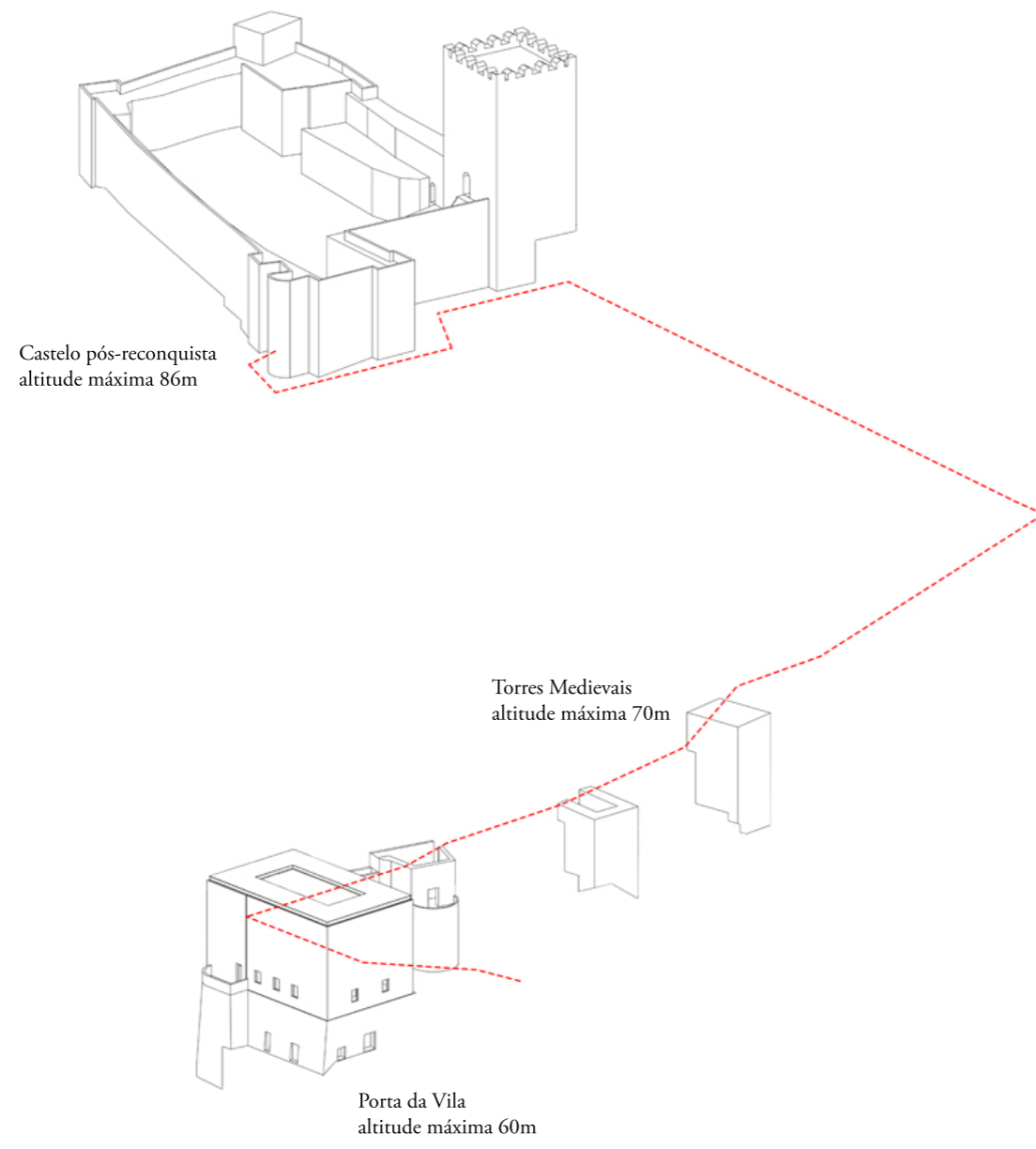
A cerca urbana na cidade contemporânea.
Projeto de reinterpretação do sistema muralhado e das portas de Mértola

Ana Margarida Figueiredo Pais
sob a orientação do Prof. Doutor Paulo Providência
dARQ, Coimbra, Fevereiro de 2018



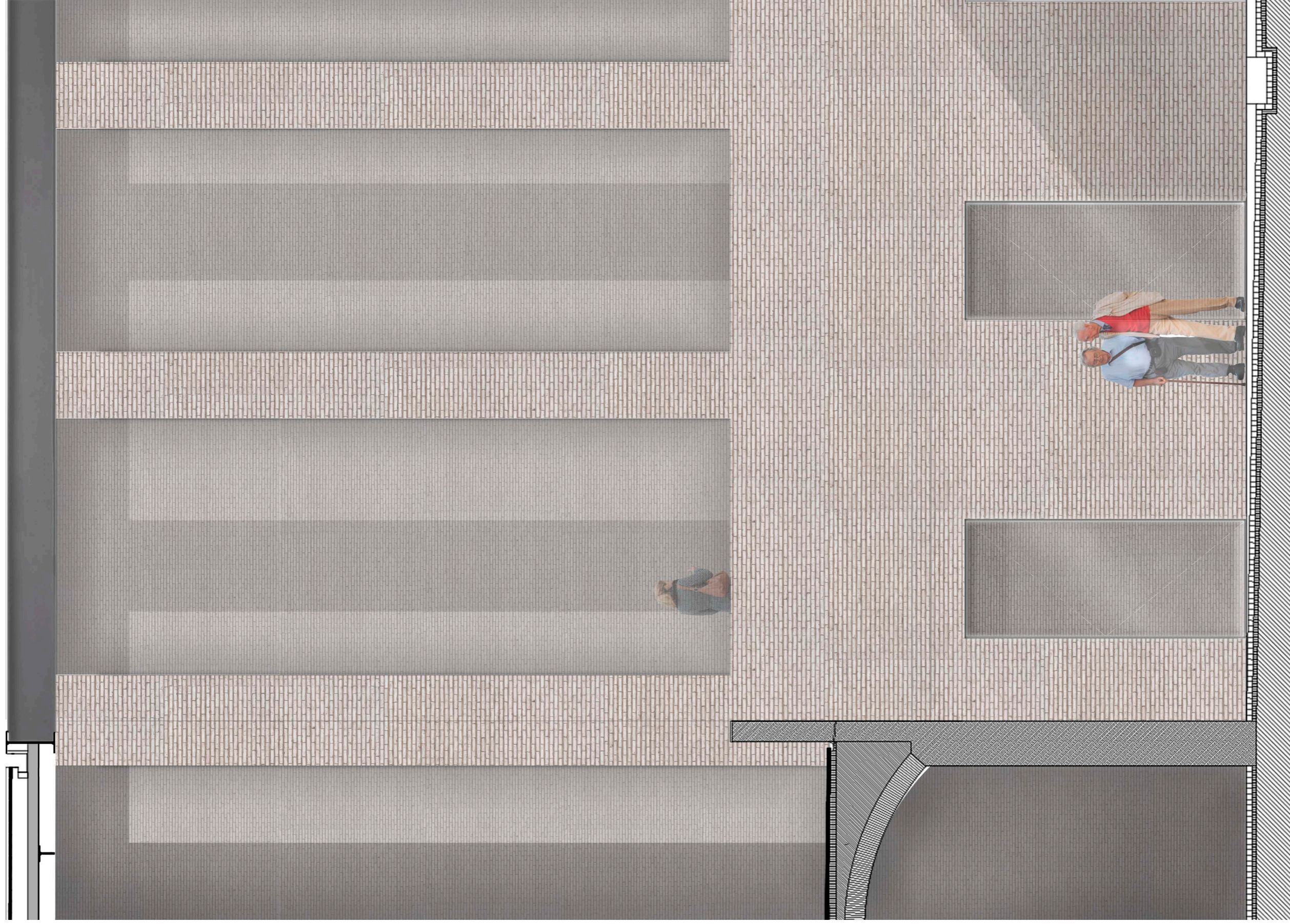






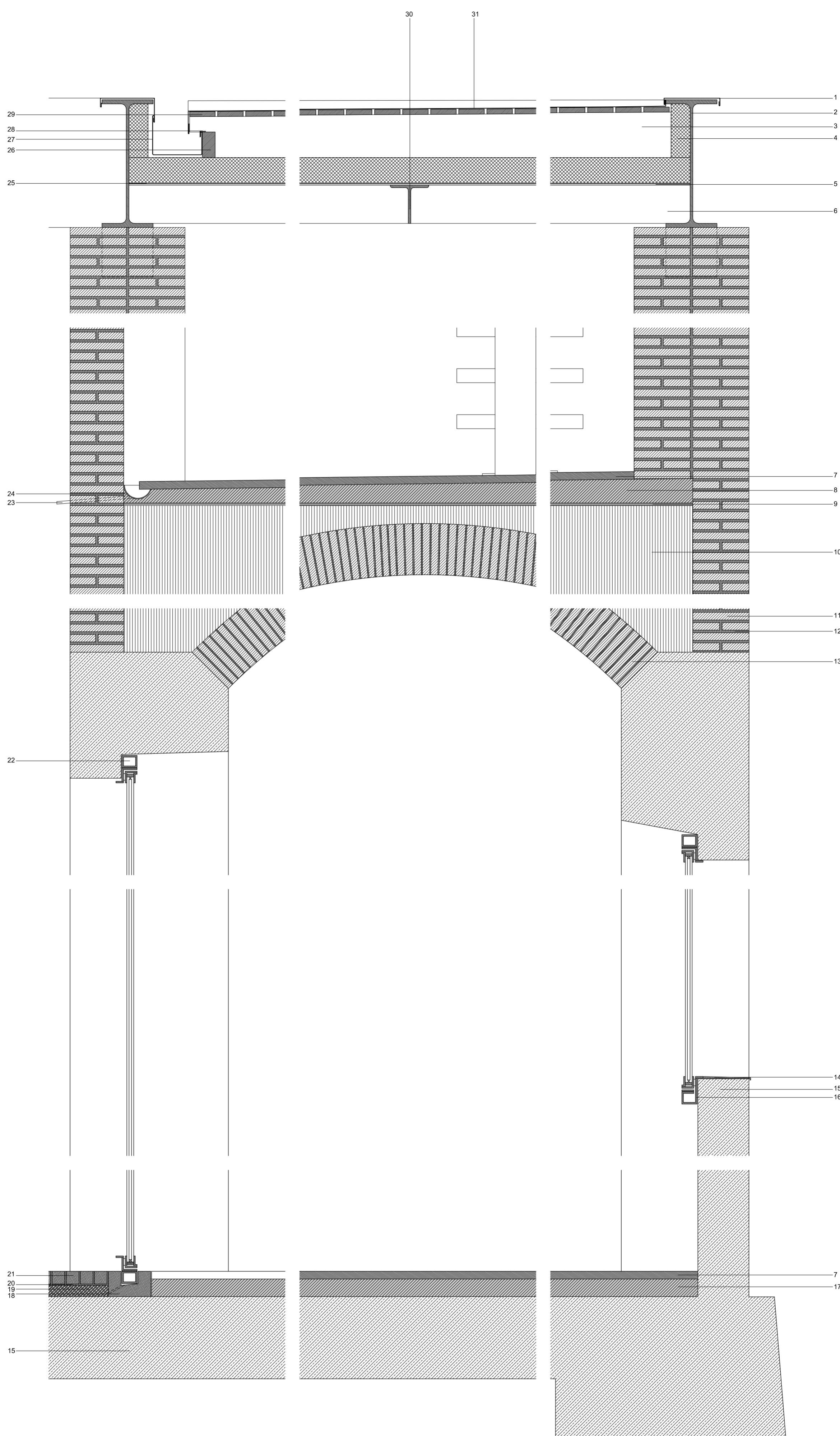
A cerca urbana na cidade contemporânea.
Projeto de reinterpretação do sistema muralhado e das portas de Mértola

Ana Margarida Figueiredo Pais
sob a orientação do Prof. Doutor Paulo Providência
dARQ, Coimbra, Fevereiro de 2018

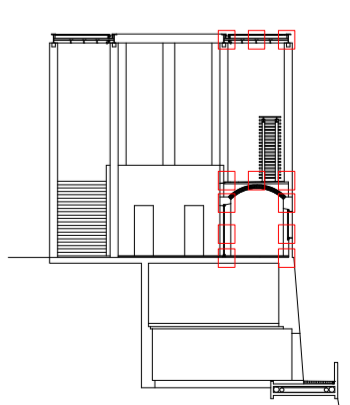


*A cerca urbana na cidade contemporânea.
Projeto de reinterpretação do sistema muralhado e das portas de Mértola*

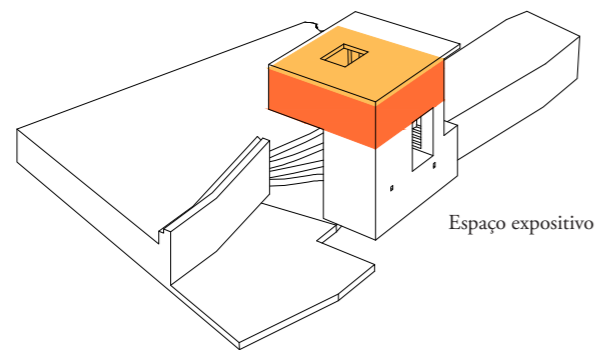
Ana Margarida Figueiredo Pais
sob a orientação do Prof. Doutor Paulo Providência
dARQ, Coimbra, Fevereiro de 2018



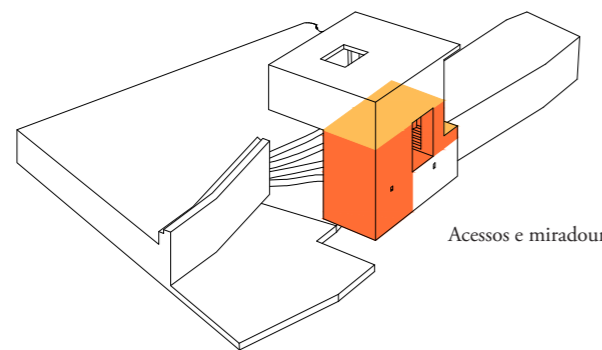
1. Capeamento de cobre de 6mm com pingadeira
2. Viga metálica IPE 500
3. Barrote de madeira com pendente de 2%, espaçadas de 600 em 600mm
4. Isolamento térmico esp. 100mm
5. Chapa esp. 5mm pintada a preto
6. Subestrutura metálica distada de 400 em 400mm
7. Betonilha cinza escuro
8. Camada de forma $i=1.5\%$
9. Tijolo moído de impermeabilização
10. Argamassa de enchimento
11. Tijolo romano
12. Argamassa de cal
13. Tijolo romano em abóbada
14. Peitoril metálico com pingadeira
15. Estrutura existente
16. Caixa de alumínio preto
17. Camada de forma e assentamento
18. Peça de pedra de remate entre o caixilho e os microcubos com pingadeira
19. Tout-venant
20. Camada de areia de assentamento
21. Microcubo 50x50x50mm
22. Tubular de 60x50x1,5mm
23. Tubo de queda de cobre saliente na fachada
24. Escoamento de águas
25. Barreira para-vapor
26. Peças de madeira distadas de 600 em 600mm
27. Calreira de cobre
28. Presilhas para fixamento da calreira espaçadas de 600 em 600mm
29. Tabuado de madeira esp. 20mm
30. Perfil em I de subestrutura da cobertura de 15x15x1,5mm
31. Sistema de camarinha (Cobre)



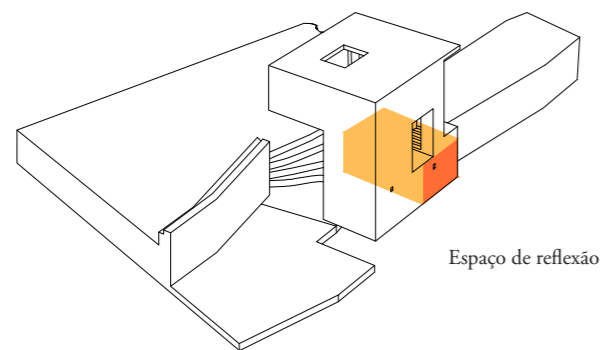
A cerca urbana na cidade contemporânea.
Projeto de reinterpretação do sistema muralhado e das portas de Mértola



Espaço expositivo



Acessos e miradouro



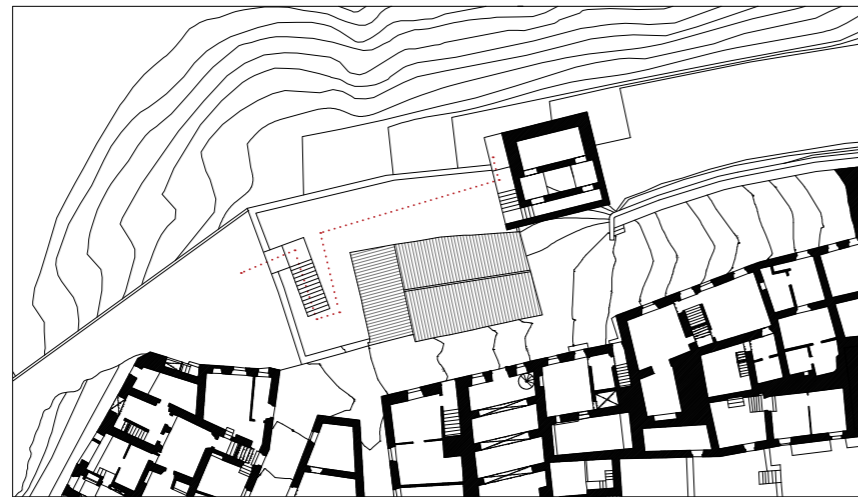
Espaço de reflexão



..... Acessos

A cerca urbana na cidade contemporânea.
Projeto de reinterpretação do sistema muralhado e das portas de Mértola

Ana Margarida Figueiredo Pais
 sob a orientação do Prof. Doutor Paulo Providência
 dARQ, Coimbra, Fevereiro de 2018



A cerca urbana na cidade contemporânea.
Projeto de reinterpretação do sistema muralhado e das portas de Mértola

Ana Margarida Figueiredo Pais
 sob a orientação do Prof. Doutor Paulo Providência
 dARQ, Coimbra, Fevereiro de 2018

..... Acessos

Fotografia das maquetes

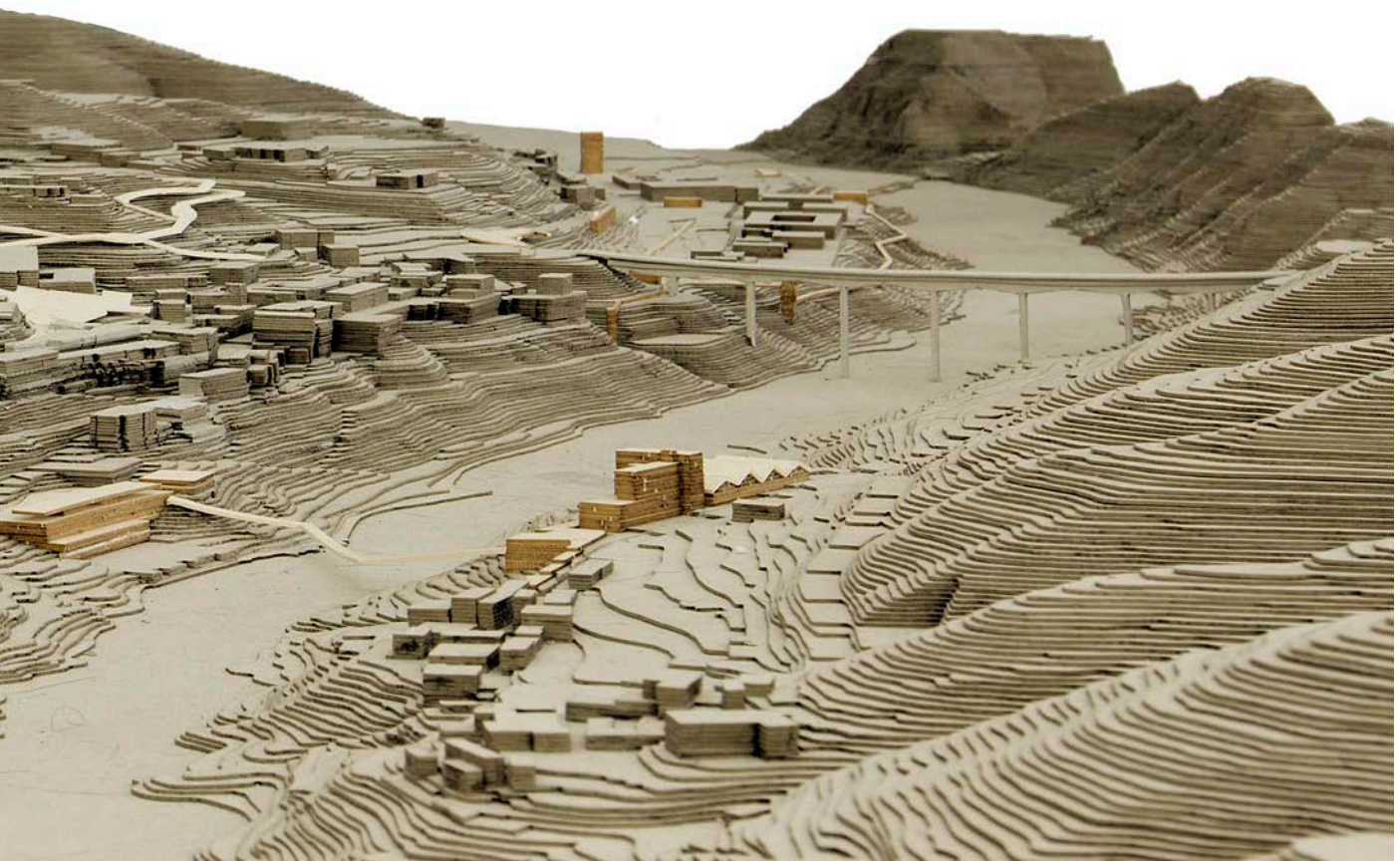
Conjunto de fotografias ilustrativas de maquetes de estudo e da maquete final conceptual seccionada em duas partes.

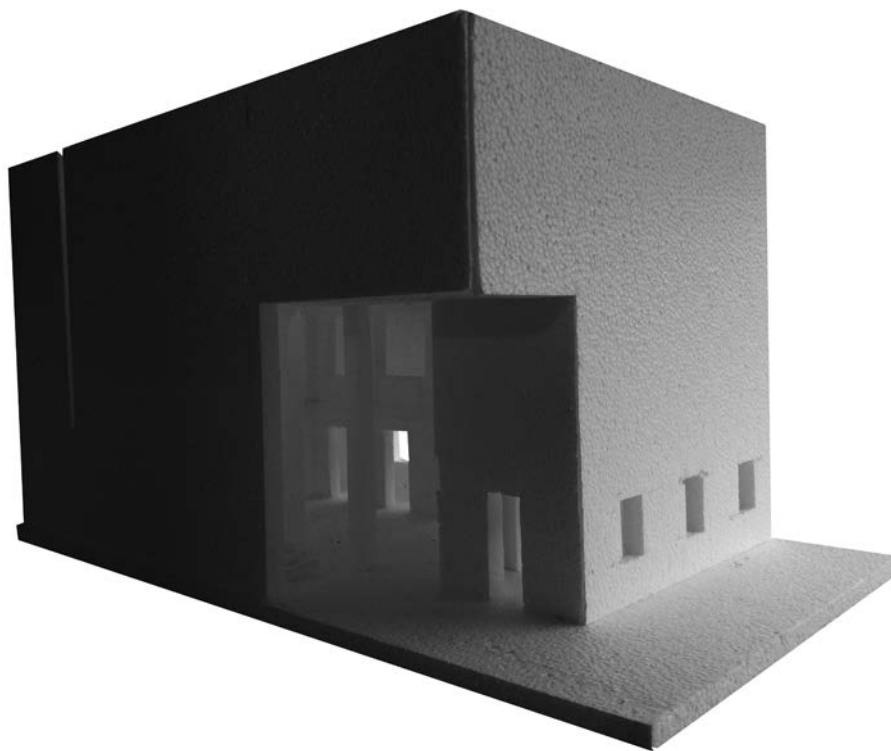


Maquete de turma da vila de Mértola, escala 1:1000.

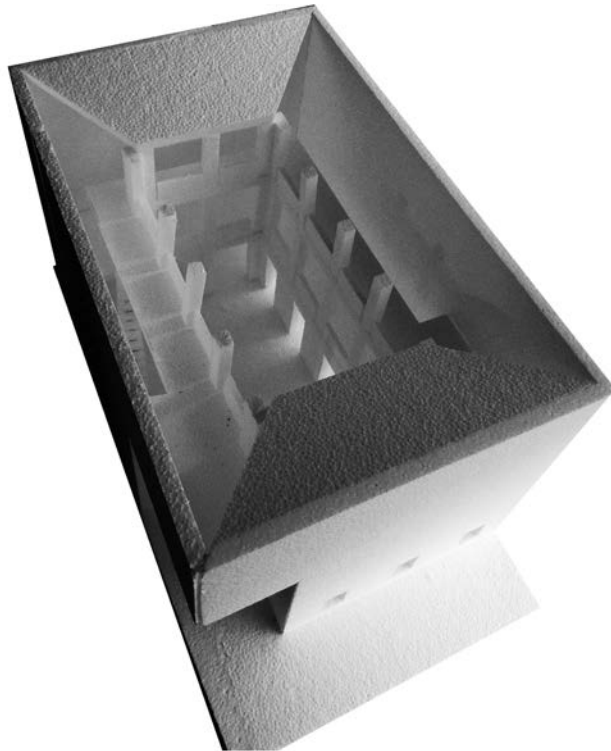
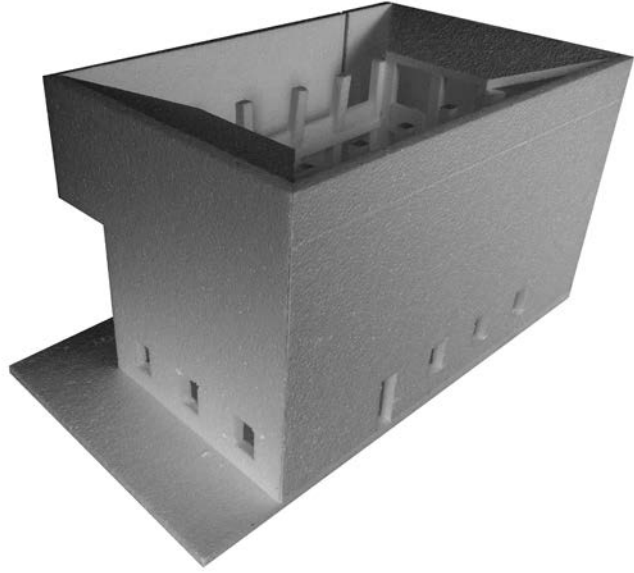








Maquete de estudo da proposta para o Mercado Municipal, escala 1:50.





Maquete final a gesso da proposta para a Porta da Vila, escala 1:50.





